LYGIA CECÍLIA CUNHA

**Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo:
necessidades e desafios na capacitação de suas equipes técnicas**

São Paulo

2018

LYGIA CECÍLIA CUNHA

**Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo:
necessidades e desafios na capacitação de suas equipes técnicas**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, pelo Programa de Mestrado Profissional Formação Interdisciplinar em Saúde para obter o título de Mestre em Ciências da Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Akemi Wada Watanabe

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo-na-Publicação
Serviço de Documentação Odontológica
Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo

Cunha, Lygia Cecília.

Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo: necessidades e desafios na capacitação de suas equipes técnicas / Lygia Cecília Cunha ; orientador Helena Akemi Wada Watanabe -- São Paulo, 2018.

142 p. : fig.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Programa de Pós-Graduação Interunidades em Formação Interdisciplinar em Ciências da Saúde. -- Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo.

Versão Corrigida

1. Vigilância em Saúde Ambiental. 2. Capacitação em saúde. 3. Grupo focal. I. Watanabe, Helena Akemi Wada. II. Título.

CUNHA LC. Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo: necessidades e desafios na capacitação de suas equipes técnicas. Dissertação apresentada ao Programa Interunidades em Formação Interdisciplinar em Saúde, Mestrado Profissional Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Aprovado em: 03 /06 / 2018

Banca Examinadora

Professor(a)Doutor(a). Helena Akemi Wada Watanabe

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Professor(a) Doutor (a). Simone Rennó Jungueira

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Professor(a)Doutor(a). Regina Auxiliadora Amorim Marques

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Professor(a)Doutor(a). Luiz Alberto Amador Pereira

Instituição: Universidade Católica de Santos- SP

Julgamento: Aprovada

A todos que sonham e lutam pela
promoção em saúde e por uma
melhor qualidade de vida.

AGRADECIMENTOS

Gratidão sempre!!

Tenho sim proteção divina! Motivos para agradecer muitos, pois sempre fui cercada por pessoas especiais que vibram com seu carinho, sabedoria e amor em todo meu caminho.

Começo pelos meus queridos pais, Irene e Rubens, e meus irmãos, Ernesto e Cristina, seres de amor que me ensinaram durante nossa convivência que compartilhar e cuidar é a essência da felicidade.

Aos amigos-irmãos que tornam nosso caminho mais iluminado por compartilhar conhecimento, lutas comuns, ansiedades e descobertas. Agradeço especialmente minhas amigas Cleide e Estela, que me introduziram no caminho desafiador da Vigilância em Saúde Ambiental, estimulando e ensinando, sempre com grande brilhantismo, persistindo em um fazer ético e profundo. À doce Géssica, que não me deixou desistir, trabalhando junto e mostrando que os empecilhos podem ser caminhos do saber, alegria e esperança.

Josef, querido amor, que dá luz e vida ao meu viver, sempre muito presente, apoiando e contribuindo com suas reflexões críticas, compartilhando sonhos e realizações.

Aos meus familiares e amigos por compreenderem as inúmeras ausências e indisposições queixosas e ainda, pelo estímulo nos momentos mais difíceis.

Enfim, gratidão eterna aos colegas de trabalho, de mestrado e em especial, as professoras Helena e Simone, por compartilhar experiências, pelo aprendizado e pelo estímulo à construção do conhecimento sempre enriquecedor.

*Antes que venham ventos e te levem
do peito o amor – este tão belo amor,
que deu grandeza e graça à tua vida –
faze dela, agora, enquanto é tempo,
uma cidade eterna – e nela habita.*

*Uma cidade, sim. Edificada
nas nuvens, não – no chão por onde vais,
de jeito assim que dentro dela caiba
o mundo inteiro: as árvores, as crianças,
o mar e o sol, a noite e os passarinhos,
e sobretudo caibas tu, inteiro:
o que te suja, o que te transfigura,
teus pecados mortais, suas bravuras,
tudo afinal o que te faz viver
e mais o tudo que, vivendo, fazes.*

*Uma cidade
onde possas achar, rutila e doce,
a aurora que na treva dissipasse;
onde possas andar como criança
Indiferente a rumos: os caminhos,
Gêmeos, todos ali, te levarão
a uma aventura só – macia, mansa -
e hás de ser sempre um homem
caminhando
ao encontro da amada, a já bem-vinda
mas, „porque amada, segue a cada instante
chegando – como noiva para as bodas*

*É tempo. Faze
tua cidade eterna, e nela habita
antes que venham ventos, e te levem
do peito o amor – este tão belo amor
que dá grandeza e graça à tua vida.*

(Poema Sugestão, Thiago de Mello)

RESUMO

Cunha LC. Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo: necessidades e desafios na capacitação de suas equipes técnicas [Mestrado Profissional]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia; 2018. Versão Corrigida.

As ações da Vigilância em Saúde Ambiental desenvolvidas no município de São Paulo aspiram enfrentar os desafios específicos de cada território, tendo em vista a dimensão populacional e sua distribuição que, somadas ao quadro de interferência antrópica que acomete os diferentes ecossistemas, comprometem a saúde humana. Diante da complexidade do trabalho desenvolvido pela Vigilância em Saúde Ambiental e das diversificadas condições enfrentadas por seus técnicos, foram realizadas capacitações, compreendendo-as como estratégia de educação que possibilitasse aos trabalhadores se apropriarem das questões ambientais que interferem na saúde e, assim, pudessem encontrar alternativas para os desafios. Esta pesquisa procurou avaliar essas capacitações por meio de estudo qualitativo. Através de grupo focal composto por profissionais das equipes locais de Vigilância em Saúde Ambiental, buscou-se verificar a pertinência das capacitações e a metodologia utilizada, o impacto promovido nos técnicos e as alterações observadas em suas práticas, assim como as sugestões para o aprimoramento de suas atuações. Foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016), permitindo identificar que, para assimilar e expandir o conhecimento e, assim, responder aos desafios e necessidades das equipes técnicas da Vigilância em Saúde Ambiental será necessário dar continuidade e persistir na formação desses profissionais através de Educação Permanente e Ampliada. A avaliação qualitativa das capacitações realizadas, acrescidas das sugestões que daí surgiram, resultou em Proposta de Programa de Educação Permanente para as Equipes de Vigilância em Saúde Ambiental do município de São Paulo, na expectativa de aprimorar os processos de trabalho de seus técnicos e aproximar-se da Atenção Primária à Saúde.

Palavras-chave: Vigilância em Saúde Ambiental. Capacitação em saúde. Grupo Focal.

ABSTRACT

Cunha L.C. Surveillance on Environmental Health in the city of São Paulo: needs and challenges on technical team trainings [dissertation professional]. São Paulo: University of São Paulo. Odontology Institute; 2018. Versão Corrigida.

The actions developed in the city of São Paulo by the Environmental Health Surveillance crave to face the specific variables of each territory. These actions consider the population rate and its distribution as well as the actual anthropic interference, which impacts the different ecosystems and the human health. Therefore, the strategy adopted was to promote employee training to find solutions to the needs presented, as well as to allow them to appropriate environmental issues that interfere with health and, thus, to find alternatives to face the challenges. This work aims to present a qualitative analysis, through the method of Bardin (2016), of the trainings carried out by the Environmental Health Surveillance. Through a focus group composed of professionals from the local teams, we sought to evaluate the relevance of such training, the methodology used, the impact promoted on the technicians and the changes observed in their practices, as well as suggestions for improving their performance. The qualitative assessment of the training courses delivered, as well as the suggestions arising from those trainings, resulted in the Permanent Education Proposal for Environmental Health Surveillance Teams in the city of São Paulo. The Proposal aims to continue and increase the training of professionals who work in Environmental Health Surveillance to improve the working procedures of its technicians in order to get closer to Primary Health Care.

Keywords: Surveillance on Environmental Health. Trainings in Health System. Focus group.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA	Assistência Médica Ambulatorial
CETESB	Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CRS	Coordenadoria Regional de Saúde
COVISA	Coordenação de Vigilância em Saúde
CEINFO	Coordenação de epidemiologia e informação
DA	Distrito Administrativo
EC	Educação Continuada
EPS	Educação Permanente em Saúde
MS	Ministério da Saúde
OMS/WHO	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Panamericana da Saúde
PMSP	Prefeitura Municipal de São Paulo
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SABESP	Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo
SES	Secretaria Estadual da Saúde
SMS	Secretaria Municipal da Saúde
STS	Supervisão Técnica de Saúde
SUVIS	Supervisão de Vigilância em Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
VIGIAR	Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas à Poluição do Ar
VIGISOLO	Programa de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas em Áreas Contaminadas
VIGIAGUA	Programa de Vigilância em Saúde Ambiental relacionada à Qualidade da Água para consumo Humano do Município de São Paulo
VIGIDESASTRES	Programa de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas aos Desastres Naturais do Município de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Vigilância em Saúde Ambiental no Brasil e no Mundo	15
1.2	Vigilância em Saúde Ambiental no Município de São Paulo	16
1.3	Formatação? ou Formar-Ação?	23
1.4	Capacitar- Ação: uma experiência de formação na COVISA	27
2	OBJETIVOS	35
2.1	Geral	35
2.2	Específicos	35
3	METODOLOGIA	36
3.1	Tipo de estudo	36
3.2	CrITÉrios de Inclusão e Exclusão	38
3.3	Participantes da pesquisa	38
3.4	Informações Importantes dadas no Início do Grupo Focal	40
3.5	Procedimento de Coleta dos Dados	41
3.6	Análise dos Dados	42
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
4.1	Caracterização dos Participantes da Pesquisa	45
4.2	Apresentação e Análise dos Temas	45
4.2.1	Avaliação da Capacitação	46
4.2.2	Dificuldades encontradas para implantação da Vigilância em Saúde Ambiental	50
4.2.3	Construindo novas propostas de Formação em Vigilância em Saúde Ambiental	53
4.2.4	Impactos da Capacitação na Prática Profissional.	57
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS	64
	ADENDO	70
	ANEXOS	80

APRESENTAÇÃO

Minha experiência prática me levou a escolha desse tema, pois, por mais de 20 anos exerci minhas funções como médica sanitaria da Prefeitura Município de São Paulo nas várias regiões de sua periferia, mas foi principalmente com a experiência vivida nos anos de 2013 a 2015, como supervisora técnica de saúde do M'Boi Mirim, na região sul da cidade, é que pude realmente vivenciar a vulnerabilidade do território, que expõe tão duramente esta população a riscos socioambientais iminentes influenciando diretamente a saúde.

Em meados de 2015, fui convidada a compor a equipe técnica da Coordenadoria de Vigilância em Saúde (COVISA) para exercer a gerência da Vigilância em Saúde Ambiental, o que trouxe, a meu ver, a possibilidade de me aproximar de tais riscos e quem sabe, vislumbrar possíveis maneiras para amenizar seu enfrentamento.

Ao chegar à COVISA, verifiquei que recentemente haviam ocorrido algumas mudanças no organograma com relação a criação de novas gerências, o que contribuiria para que se percebesse limites mais nítidos da divisão de trabalho, os quais apontavam para a necessidade de reconhecimento de papéis para melhor atuação e ampliação do saber e para responder às necessidades apresentadas pelo território.

Estávamos em plena crise hídrica o que solicitava da equipe um trabalho direcionado às ações de vigilância da água, e restringia de algum modo, as várias ações que poderiam e são desenvolvidas pela Vigilância em Saúde Ambiental. Ou seja, as equipes de apoio e assessoria demonstravam dificuldades de retomar outros temas também importantes, como por exemplo: mudanças climáticas e contaminação do solo.

À medida que fui convivendo e entendendo melhor o trabalho da equipe técnica da COVISA e da Vigilância em Saúde Ambiental, pude perceber que as Supervisões de Vigilância em Saúde (SUVIS) mostravam-se departamentalizadas em subáreas, ficando a cargo de cada uma delas responder por determinada área técnica. Isto me levou a refletir sobre a possibilidade que esta departamentalização técnica tão fechada e restrita às grandes áreas que compõem a Vigilância em Saúde como: Epidemiológica, Sanitária, Zoonoses, Ambiental e Saúde do Trabalhador,

apontava a própria fragmentação da COVISA. Ou seja, demonstrava que faltavam trocas entre os departamentos, com desconhecimento do trabalho executado por cada área e que, cada setor respondia a pedaços restritos de um amplo universo burocrático, extremamente técnico e às vezes, complexo demais. O que resulta na exibição de um poder esnobe que certos técnicos querem deter, estabelecendo feudos de pequenos poderes, para conservar um *status quo* descabido ou ainda, poderíamos pensar que esse embotamento estaria ocorrendo devido a uma real complexidade técnica?

Diante de tais questões, pareceu-me necessário debruçar-me sobre a nossa própria prática, o que resultou na possibilidade de elaboração de uma capacitação que propiciasse um espaço para troca de saberes e consequentemente, a construção de um saber comum: o fazer Vigilância em Saúde Ambiental.

Paralelamente ao desenvolvimento do meu trabalho, enquanto gerente da Vigilância em Saúde Ambiental, ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Formação Interdisciplinar em Saúde, a fim de encontrar outras formas de olhar a própria prática e ampliar a concepção do território. Pensei então que, por se tratar de uma proposta interdisciplinar em Saúde essa poderia dar subsídios para responder a essas reflexões.

Ademais, com o desenvolvimento da capacitação dos profissionais da SUVIS e concomitante ao mestrado, surgiram algumas novas questões como: Será que a capacitação responderia a uma necessidade real da equipe, ou era algo posto a *priori*? Como a capacitação estava sendo compreendida e qual o sentido dado por seus participantes? Conseguiu ampliar o olhar para os riscos ambientais relacionados à saúde em seu território? Como aprimorá-la?

Assim, pareceu-me necessária a realização de uma investigação junto aos trabalhadores da saúde que participaram da capacitação com vistas ao aprimoramento dos processos de trabalho e é nesta direção que nos propusemos a caminhar, ainda que soubéssemos dos inúmeros desafios que estavam sendo vislumbrados.

Algumas limitações foram sentidas neste estudo relacionadas a demora na apresentação ao CEP, fazendo com que muito tempo se passasse após o término das capacitações realizadas. Quando finalmente, foi realizado o grupo focal, observou-se um certo distanciamento, que absolutamente não era desejado, referente aos conhecimentos adquiridos e as emoções suscitadas com os diferentes

momentos vivenciados. Isto foi sentido principalmente no primeiro momento dos contatos ao solicitar a participação no grupo focal.

Além disso, no início do ano ocorreram mudanças político administrativas na coordenação de COVISA e em todas as coordenadorias regionais, consequente a introdução da nova gestão municipal e com isso, percebemos que quase todos os coordenadores desconheciam o trabalho da Vigilância em Saúde Ambiental e, portanto, além do retrocesso, seria necessário novo investimento para propagandear nosso trabalho. Todo esse cenário prejudicou muito a realização eficiente e em tempo oportuno do grupo focal proposto.

Percebe-se ainda que, a Secretaria de Saúde do município de São Paulo tem apresentado envelhecimento do seu quadro de recursos humanos ocorrendo esvaziamento dos vários serviços por aposentadorias e/ou licenças e o que é pior, provocando a descontinuidade das atividades técnicas e até dos programas mais tradicionais existentes no SUS. Isso provoca inúmeras consequências em toda rede pública, entre elas podemos citar o acúmulo de trabalho para os funcionários que se estressam com maior facilidade, sendo passível de adoentar-se e afastar-se de suas atividades ou ainda, a qualidade do serviço fica prejudicada, não se levando em consideração a maneira acertada de realizar as ações necessárias, simplesmente por não haver tido tempo para o repasse das técnicas ou ações que eram feitas. Isso se refletiu muito claramente na escolha dos componentes do grupo focal, pois alguns dos funcionários convidados, e que mais participaram das capacitações, estavam aguardando a aposentadoria ou exercendo tantas atividades técnicas que os impediam de participar, restringindo o número desejado de integrantes.

Ainda deve ser salientado que atualmente, a Vigilância em Saúde Ambiental necessita ser entendida e priorizada principalmente, pela própria COVISA e SMS. Nos últimos meses percebemos um desmanche nas relações com outras secretarias e até com o MS. Carecemos de discussões e investimentos na rede de Atenção à Saúde que devem ser demandadas por nossos governantes, e o que assistimos, sem conseguir intervir, é a falta de recursos humanos e econômicos agravados dia após dia, sem qualquer investimento na saúde ou educação, fazendo com que à passos largos, retrocedamos em programas que acabaram de ser iniciados, mas que sabemos, são importantes para o futuro do país e até do planeta.

Espero que tenhamos tempo para retomarmos aos programas, formando técnicos que estejam motivados com o desenvolvimento de uma Vigilância em

Saúde Ambiental arrojada, sem as preocupações prosaicas referentes exclusivamente a administração de multas e impressos, que não asseguram um processo de trabalho avançado e em consonância as exigências do mundo moderno.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a humanidade tem transformado os recursos naturais e ecossistemas com muita rapidez e extensão nunca conhecida na história, tais mudanças excedem a resiliência dos ecossistemas afetando diretamente o modo como o homem vive. Isto é, a urbanização, o crescimento populacional e econômico, levaram a uma complexa situação ambiental em que se misturam a má qualidade do ar, a diminuição de fontes de água potável, a contaminação do solo e dos alimentos, mudanças climáticas e ambientais extremas, ocasionando desastres naturais, mostrando-se como fatores associados ao aumento de doenças infectocontagiosas, como a malária e a diarreia, entre outras. A contaminação ambiental por poluentes físicos e químicos ou por riscos biológicos é fator emergente na geração de agravos à saúde (Franco-Netto; Carneiro, 2002).

Quase todas as atividades voltadas para o desenvolvimento da sociedade afetam o meio ambiente em maior ou menor grau o que pode ocasionar ou agravar os problemas de saúde. Por outro lado, justamente a ausência de desenvolvimento tem uma ação deletéria sobre a saúde de muitas pessoas, fato que apenas o desenvolvimento tem condições de mitigar (Buss et al., 2012).

Nesta direção, pode-se ponderar que a área da saúde se encontra numa via de mão dupla, pois não há como satisfazer suas necessidades e atender a seus objetivos, sem que haja desenvolvimento social, econômico, e, ao mesmo tempo contribuir diretamente para tal desenvolvimento. Ela depende de políticas abrangentes e sustentáveis e de recursos que almejem um meio ambiente saudável como, por exemplo, a existência de um abastecimento seguro de água potável, de serviços de saneamento que impeçam a contaminação microbiana e química, da disponibilidade de um fornecimento seguro de alimentos e de nutrição adequada priorizando a eliminação da contaminação alimentar, educação em saúde, imunização e abastecimento de insumos e dos medicamentos essenciais (Franco Netto; Carneiro, 2002).

Neste sentido, Oliveira e Câmara (2004, p.268) corroboram que:

...torna-se fundamental que o Sistema Único de Saúde realize atividades de Vigilância Ambiental em Saúde (VAS). As principais

atividades deste tipo de vigilância referem-se aos processos de produção, integração, processamento e interpretação das informações relacionadas ao ambiente e à saúde e da execução de ações referentes ao controle dos riscos e das doenças e a prevenção e promoção da saúde.

Assim, a Vigilância em Saúde Ambiental é compreendida pela Política Nacional de Saúde Ambiental como sendo aquela que almeja contribuir para

proteger e promover a saúde humana por meio de um conjunto de ações integradas com instancias de governo e da sociedade civil para fortalecer atores sociais e indivíduos no enfrentamento dos determinantes socioambientais e na prevenção dos agravos decorrentes da exposição humana a ambientes adversos (Brasil, 2007).

Sabemos que a contaminação ambiental por poluentes físicos e químicos e ainda, os riscos biológicos são fatores emergentes na geração de agravos à saúde, isso mostra que é cada vez mais necessário investir em capacitações sistemáticas dos profissionais da saúde, para que possam responder a tempo e com eficiência, as questões ambientais e de saúde que comprometem o território.

Como a presente proposta surgiu a partir de capacitações desenvolvidas junto às SUVIS, percebemos que a composição das equipes difere, assim como a formação e conhecimento de seus membros. Então para melhor avaliarmos, tornou-se importante conhecer as equipes que compõem as SUVIS: quem são, qual sua formação/capacitação, o que fazem, o que sabem sobre as novas propostas e programas, processos de capacitação em Vigilância Ambiental que participaram e que sugestões teriam para a melhoria de seus processos de trabalho, particularmente na Vigilância em Saúde Ambiental.

Assim, para que a Vigilância em Saúde Ambiental organize ações e atue com eficácia, pensando sempre na saúde do futuro e, compreendendo a heterogeneidade e vulnerabilidade das populações assistidas, é necessário ponderar continuamente sobre o equilíbrio entre as oportunidades econômicas geradas pelo processo produtivo e os riscos desproporcionais para o meio ambiente, para a saúde e o bem-estar da sociedade, ampliando a capacidade do setor saúde de reconhecer riscos, estabelecer vigilância, monitorar e estar preparado para responder aos agravos a saúde advindos de questões ambientais, que são condições básicas para esta construção. Uma saúde responsável sempre será compartilhada com o nível local e sua população e, portanto, com toda a sociedade,

nas suas inter-relações com seus diferentes setores, sendo muitas vezes tarefa desencadeada pelo setor saúde, mas de resolutividade complexa e ampla (Brasil, 2014).

1.1 Vigilância em Saúde Ambiental no Brasil e no Mundo

Para compreendermos a Vigilância em Saúde Ambiental fez-se necessário um debruçar-se sobre a história que está por detrás do tema, ou seja, um revisitar a própria história da humanidade. Longe de querermos estabelecer um panorama histórico aprofundado, esta pesquisa se propõe a delinear o que entendemos como sendo os principais pontos que fazem/trazem a relação entre o ambiente e os processos de saúde-doença dos indivíduos e populações.

Dias et al.(2012) corroboram que essa percepção é descrita de diferentes formas ao longo do tempo, e que já no século IV a. C. Hipócrates no “Tratado dos ares, das águas e dos lugares”, sinalizou a “(...) origem das doenças a emanações, humores e vapores presentes no ambiente, incluindo os ambientes de trabalho, conformando o paradigma miasmático” (p.16). Assim como este conceito outros foram sendo construídos e superados, o que demonstra que a ciência sempre procurou entender se havia ligação entre a saúde-doença com a natureza/ambiente.

Porém, foi com a Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente Humano -Conferência de Estocolmo 1972 – que a percepção humana sobre o ambiente e sua relação com a saúde individual e coletiva fomentou os avanços técnicos e políticos ao longo das duas décadas, mas com a Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento CNUMAD - Eco 92 - Cúpula da Terra - Rio de Janeiro, Brasil, 1992 que marcou a importância da preservação dos ecossistemas terrestres para a humanidade (Fundação Nacional de Saúde, 2000).

Vale assinalar que a Constituição Brasileira de 1988 já abalizava a regulamentação nos campos da saúde e do ambiente como necessários, ao passo que a Organização Mundial de Saúde (OMS), alertada pelos marcos internacionais citados acima, propôs aos serviços de saúde das três esferas de governo (Federal, Estadual e Municipal) as atividades de Planejamento e Gestão na área de Saúde Ambiental (Brasil, 2012).

Além disso, em 1988 a OMS (Brasil, 2012) indicava que pelo menos 30% das ocorrências de doenças estavam associadas ao meio ambiente. Porém, foi em 1995 que por meio do Ministério da Saúde (MS) foi elaborado o Plano Nacional de Saúde e Ambiente no Desenvolvimento Sustentável - Diretrizes para a Implementação – Brasília, DF (Brasil, 1995). Tal plano, objetivava a avaliação da introdução da Agenda 21, que trazia oficialmente as inter-relações entre saúde e ambiente no contexto do desenvolvimento sustentável.

Importante ressaltar, que o documento foi preparado como contribuição brasileira à Conferência Pan-Americana sobre Saúde e Ambiente no Desenvolvimento Humano Sustentável – COPASAD - Washington, DC. EUA, evento concebido como consequência da CNUMAD – ECO/92 (Brasil, 2012).

1.2 Vigilância em Saúde Ambiental no Município de São Paulo

Para compreender a configuração da Vigilância em Saúde Ambiental numa cidade como São Paulo, faz-se necessário conhecer sua estrutura.

A população do município de São Paulo hoje estimada em 11.638.802 milhões de habitantes (São Paulo, 2016), é distribuída em 96 Distritos Administrativos com características territoriais distintas, e desafios concretos para o desenvolvimento de Vigilância em Saúde Ambiental eficiente. Assim, sua estruturação e implementação, responde, como em todo o território nacional, as diretrizes do Ministério da Saúde, e, se mostra como uma das políticas estruturantes do Sistema Único de Saúde (SUS) (Barcellos; Quitério, 2006).

Nesta direção, as ações de Vigilância em Saúde Ambiental desenvolvidas no município de São Paulo, têm por objetivo enfrentar variáveis específicas de cada território, considerando a dimensão populacional, sua distribuição, somadas ao quadro de interferência antrópica que acomete os diferentes ecossistemas e, consequentemente, a saúde humana. (São Paulo, 2013).

O município de São Paulo se estrutura atualmente com 6 (seis) Coordenadorias Técnicas de Saúde (CRS) e 1 (uma) Coordenadoria de Vigilância em Saúde (COVISA). Cada CRS possui em sua divisão várias Supervisões Técnicas de Saúde (STS) que geralmente cobrem o território de uma Prefeitura Regional.

Espalhadas pelo município estão 36 (trinta e seis) STS que possuem na sua estrutura as Supervisões de Vigilância em Saúde – SUVIS (hoje UVIS) local, a quem estão subordinadas administrativa e tecnicamente¹.

Figura 2.1

Estrutura da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo

- 6 Coordenações Regionais de Saúde
- 96 DA – Distritos Administrativos
- 36 SUVIS- Supervisões de Vigilância em Saúde
- Coordenação de Vigilância em Saúde(COVISA)

Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/sms/coordenadorias - 2016

Elas realizam a vigilância em saúde de determinado território com suas especificidades demográficas e socioambientais, fazendo capacitações, condensando e analisando dados e respondendo tecnicamente as dúvidas dos equipamentos de saúde (UBS, AMA, Hospitais, Ambulatórios de Especialidades, etc.) que trabalham a vigilância de sua área de abrangência.

¹ Dados retirados do Relatório de Gestão Técnica da Vigilância em Saúde Ambiental 2013/2016, em construção.

Figura 1.2- Organograma da Vigilância em Saúde no Brasil

Fonte: COVISA/SMS – 2015

Compete a Vigilância em Saúde Ambiental (enquanto componente da COVISA) e a SUVIS Regional (CRS) coordenar e supervisionar as ações de Vigilância em Saúde realizadas pelas SUVIS local².

A maioria das ações de saúde da Vigilância em Saúde Ambiental são realizadas pela própria equipe técnica da Gerência (GVISAM/COVISA), por tratar-se de ações que necessitam conhecimentos mais complexos e muitas vezes inovadores, que geralmente precisam de discussões técnicas e capacitações práticas prolongadas. Somente a vigilância da qualidade da água foi delegada às SUVIS locais, que foram anteriormente capacitadas e equipadas com clorímetros e reagentes, a fim de que realizassem a coleta de água nos locais mais vulneráveis. As UBS(s) participam esporadicamente em casos de maior gravidade como: áreas de contaminação extensa do solo (Jurubatuba, Vila Carioca, etc.), locais de contaminação da água de poços ou represas, que afetam a qualidade da água para consumo humano (por nitratos em Parelheiros), assim como grandes e perigosos desastres químicos com contaminação do solo, terra e ar, e que devido ao extenso

² Dados do retirados do Relatório de Gestão Técnica da Vigilância em Saúde Ambiental 2013/2016, em construção.

comprometimento necessita de estudos detalhados e de organização, muitas vezes Inter secretariais de caráter emergencial, necessitando de intervenção direta da SUVIS ou da GVISAM.

Atualmente a Vigilância em Saúde Ambiental desenvolve os seguintes programas³:

A- Programa de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas em áreas Contaminadas do município de São Paulo.

O risco de contaminação ambiental e a possibilidade de exposição humana a substâncias químicas em uma área contaminada potencializam-se nos grandes centros urbanos industrializados e densamente povoados, como é o caso do Município de São Paulo, em decorrência de processos não sustentáveis de produção, armazenamento, transporte, distribuição de substâncias químicas e também ao descarte inadequado de resíduos (Brasil, 2006b).

No município de São Paulo possuímos 1833 áreas contaminadas (CETESB - 2014) distribuídas de acordo com a atividade geradora da contaminação em: postos de gasolina –76%, indústrias–16%, comércio–5%, resíduos-2% e 1% por acidentes, agricultura ou desconhecido. Essas áreas contaminadas podem atingir os diferentes compartimentos ambientais como água subterrânea, subsolo e solo superficial, sendo que a maioria das rotas de exposição estão relacionadas a restrição do uso da água subterrânea (29%).

Com a maciça ocupação do território, observamos o aumento gradual da identificação e do registro de áreas contaminadas mostrando uma tendência a mudança de uso desses locais, o que exige maior atenção do setor saúde em definir ações básicas de identificação dos riscos de exposição humana aos diferentes contaminantes químicos. Para melhor explorar as particularidades da saúde da população que reside no local ou seu entorno, foi adotada Metodologia de Avaliação de Risco a Saúde que indica ações de saúde pública aprofundadas para as populações (Brasil, 2004 b).

B- Programa de Vigilância em Saúde Ambiental relacionadas à Qualidade da Água para Consumo Humano – VIGIAGUA

³ Dados do retirados do Relatório de Gestão Técnica da Vigilância em Saúde Ambiental 2013/2016, em construção.

A qualidade da água está relacionada às características das substâncias nela presentes e, que devido a sua capacidade de dissolução e transporte pode agregar uma série de substâncias que comprometem a sua potabilidade. Este processo dinâmico variável no tempo e no espaço, pode afetar a saúde humana através de agentes de origem microbiológica, bem como substâncias químicas e radioativas (Brasil, 2006).

A vigilância da qualidade da água para consumo humano verifica se a água consumida pela população é potável, atendendo aos padrões e às normas estabelecidas na legislação vigentes e avalia os riscos que os sistemas e as soluções alternativas de abastecimento de água (poços) representam para a saúde humana. Todos os responsáveis pelo fornecimento coletivo de água, devem monitorar a qualidade da água, assegurando sua manutenção e, prestar contas ao setor saúde e ao público consumidor.

Fatores diversos podem atingir um sistema de abastecimento público ou solução alternativa coletiva, por mais sanitariamente eficientes que sejam, as mais imprevisíveis e variadas situações podem ocorrer, por exemplo, em um Sistema de Abastecimento Público. Vale destacar que isto impõe riscos à saúde, como, por exemplo: descarga de contaminantes e lançamento clandestino de efluentes no manancial; ocorrência de pressão negativa em tubulação (adutora ou rede de distribuição) e consequentemente introdução de contaminantes em seu interior; rompimento de redes e adutoras; problemas operacionais e de manutenção diversos na estação de tratamento; ocorrência de contaminantes diversos nos reservatórios públicos; ausência de manutenção na rede distribuidora, entre outros possíveis.

O VIGIAGUA no município vem sendo operacionalizado pelas SUVIS, que realizam as coletas mensalmente no sistema de abastecimento público e nas soluções alternativas coletivas/individuais, em pontos pré-selecionados (Plano de Amostragem), eleitos segundo critérios de risco e vulnerabilidade. As amostras coletadas são enviadas ao Laboratório de Controle de Qualidade em Saúde, analisadas e os laudos enviados para a GVISAM/COVISA e, posteriormente discutidas as anormalidades com as equipes.

C- Programa de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas aos Desastres Naturais no Município de São Paulo – VIGIDESASTRES (está incluído o Plano de Chuvas de Verão)

Os desastres ocorrem porque existem condições de risco, e todos são únicos e com diferentes efeitos, já que cada território possui condições sociais, econômicas, políticas, climáticas, geográficas e sanitárias peculiares. Entretanto, os efeitos sobre a saúde pública são similares e o seu reconhecimento prévio pode permitir que as comunidades possam se preparar para evitar, minimizar ou enfrentar esses riscos, e ainda, facilitar o uso racional de recursos do setor saúde (Brasil, 2014b).

Foi priorizado pelo Ministério da Saúde, o campo de atuação nos desastres naturais relacionados a enchentes, secas, escorregamentos, desastres de causa eólica e incêndios florestais com foco na prevenção de doenças e agravos da população em risco e nos danos na infraestrutura (tangíveis e não) do setor saúde. Para o Plano Municipal de Gestão Integrada, foram elencadas as seguintes prioridades municipais: inundação; enchente; deslizamentos e solapamentos.

Foram criados fluxos de trabalho e protocolos de atendimento em que os técnicos das SUVIS e as Unidades Básicas de Saúde, próximas ao desastre, serão acionados para acompanhamento dos casos e procedimentos que visam amenizar os riscos e os danos à saúde.

D- Programa VIGIAR - Implantação de Unidades Sentinelas para Agravos à Saúde Relacionados à Exposição a Poluentes Atmosféricos em crianças de 0-5 anos.

A relação poluição atmosférica e exposição humana compõem a atuação da área de Vigilância em Saúde Ambiental do município de São Paulo.

Nas últimas décadas, tem ficado mais evidente a contribuição da poluição do ar como um grave problema de saúde pública. Componentes atmosféricos observados, mesmo abaixo dos padrões de referência definidos por órgãos ambientais, têm afetado de forma significativa a vida da população.

Uma megalópole como a região metropolitana de São Paulo na maioria dos dias do ano apresenta níveis de poluição do ar que excedem os padrões preconizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Poluentes do ar, como o material particulado inalável (PM) gerado a partir da queima de combustíveis fósseis e, devidos principalmente, às necessidades de mobilidade urbana e ao crescimento contínuo de sua frota automotiva, apresentam efeitos diretos sobre a morbimortalidade, especialmente associados ao sistema respiratório.

O Programa de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas à Poluição do Ar (VIGIAR), escolheu para iniciar suas ações no município de São

Paulo, as Unidades Sentinela localizadas em seis UBS/AMA, uma em cada coordenadoria, que estão nas proximidades de vias de passagem de veículos ou outra fonte poluidora. Nelas são estudadas as crianças de 0-5 anos (0 a 4 anos, 11 meses e 29 dias) que buscam atendimento em saúde, deflagrados por incômodos respiratórios, bem como monitora a exposição ambiental ao ar nas suas variações de qualidade (Brasil, 2014a). Os médicos e enfermeiras estão sensibilizados e capacitados para as patologias mais comuns e, espera-se que com a análise dos dados colhidos em suas unidades de saúde, após um tempo determinado, e com acompanhamento conjunto de variações climáticas possam avaliar e propor ações, em conjunto com outras secretarias, e assim, prevenir a crescente morbimortalidade.

Pela diversidade dos programas abordados pela Vigilância em Saúde Ambiental a capacitação profissional é de suma importância para a descentralização das atividades do processo de trabalho, bem como na implantação ou implementação da Vigilância em Saúde Ambiental nas CRS e SUVIS. Assim, o desenvolvimento dos cursos que almejam a promoção, incentivo, ampliação de saberes e internalização das ações, no que tange aos processos de trabalho da equipe técnica fazem-se necessários.

Apesar da complexidade dos riscos ambientais e dos altos índices de vulnerabilidade encontrados no município de São Paulo, até hoje, só foram discutidas e descentralizadas as ações de vigilância da água quando ocorreu a crise hídrica. Em 2015, procuramos nos aproximar das SUVIS e das Coordenadorias de Saúde do município, na tentativa de conhecermos mais os diferentes problemas locais e sensibilizarmos as equipes das necessidades que temos hoje, pleno século XXI, de nos apossarmos dos novos riscos de saúde que ocasionam diferentes males ainda pouco discutidos e estudados, mas que são muitas vezes causa de mortes precoces e de enormes ônus ao Estado⁴.

A partir de então, a equipe técnica da GVISAM tem investido na formatação de programas que obedeçam aos parâmetros preconizados pelo Ministério da Saúde e adequados para a população do município.

Entendendo que, por ter sido tratada até o momento com muita tecnicidade e normatividade, o trabalho realizado pela Vigilância em Saúde Ambiental isolou-se, na área do saber estritamente fechada aos especialistas da COVISA. Elaborar

⁴ Dados do retirados do Relatório de Gestão Técnica da Vigilância em Saúde Ambiental 2013/2016, em construção.

atividades educativas aos profissionais de saúde que estão nas SUVIS das STS, que futuramente expandirão este saber aos técnicos nos diferentes territórios, é dar oportunidade para recomposição dos processos de trabalho, de modo que se possa reconhecer, negociar e responder de forma mais pertinente e abrangente, às necessidades de saúde dos usuários e da população, buscando assegurar direitos e qualidade na prestação de serviço, na perspectiva do fortalecimento do SUS.

Mas como compreendemos tais atividades educativas?

Buscando responder esta questão, o próximo tópico propõe-se a explicar brevemente sobre a formação em saúde, tendo em vista ao que foi proposto pelo Ministério da Saúde: formação permanente.

1.3 Formatação? ou Formar-Ação?

Ao se pensar a formação dos profissionais de saúde, faz-se necessário olhar como está se apresentou no Brasil, mais precisamente nos pressupostos históricos que a fundamenta. Neste trabalho, não se propõe esgotar o assunto, muito menos aprofundar nestas questões, mas conseguir ter um panorama geral e simplificado do mesmo, para a partir daí pensar a formação enquanto vinculada com a ação prática de seus profissionais, qual seja: formação permanente.

Vale assinalar que a formação voltada para os profissionais de saúde está constitucionalmente prevista e estabelecida como uma das competências do Sistema Único de Saúde (SUS), isto é: cabe a ele "ordenar a formação em recursos humanos na área da saúde" (Brasil, 1988), incluindo todos os níveis de ensino, bem como oferecer programas de permanente aperfeiçoamento pessoal (Brasil, 1990).

Para Lima et al, (2016) a educação em saúde no Brasil, tem se desenvolvido a medida em que tem-se buscado novos modos de se produzir conhecimento voltados para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde, principalmente a partir de discussões coletivas que alvitrarm melhorias nos serviços e nos cuidados oferecidos para a população, pois a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS) traz à tona a relação da mesma com os princípios do SUS, mais precisamente no que tange a integralidade da atenção e cuidado em saúde.

Os mesmos autores sinalizam que as Conferências Nacionais de Saúde (CNS) já traziam a formação dos profissionais de saúde como inadequada às necessidades reais da população brasileira, ao passo em que a educação profissional destes trabalhadores era realizada de forma que se sobressaíam ações calcadas na transmissão de conhecimento autoritária, enfatizando a doença, a fragmentação e especialização da atuação em saúde.

Porém, o marco para um novo momento na história das políticas públicas de saúde no Brasil é remontada a VIII CNS, realizada em 1986, na qual não apenas estabeleceu-se a ampliação do conceito de saúde, assim como, neste mesmo período ocorreu a I Conferência Nacional de Recursos Humanos para a saúde (CNRH), na qual a educação dos trabalhadores foi considerada como basilar na reorganização dos serviços de saúde, com vistas ao atendimento das particularidades e necessidades de cada categoria profissional (Lemos, 2010), assim como seu papel fundamental no processo de consolidação da reforma sanitária.

Desse modo, Ceccim e Feuerwerker (2004) mencionam que ao se incorporar a EPS nos serviços de saúde, o SUS sai de um papel passivo como um campo de estágio ou de um espaço para a mera aplicação prática da teoria, e passa a exercer uma posição ativa na formulação e implementação dos projetos político-pedagógicos de formação profissional.

Vale citar que a Educação Permanente se institui em dois momentos: um deles através da Resolução nº 335 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) com a Política Nacional para Formação e Desenvolvimento para o SUS: Caminhos para Educação Permanente em Saúde; e o outro a partir da Portaria 198/GM/MS, em 2004, a qual estabelece a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (Brasil, 2004a).

De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2004a), a Educação Permanente em Saúde (EPS) surge como iniciativa para formar os profissionais de saúde a partir da reflexão, problematização, diálogo do cotidiano de trabalho em espaços coletivos. Isto é, surge como possibilidade de se buscar alternativas, soluções e mudanças no próprio contexto em que as ações acontecem, pois, a medida em que os profissionais constroem saberes comuns sobre sua própria experiência e prática, trazendo seus valores conceitos e cultura, podem repensar seus processos de trabalho, as organizações de saúde e voltar o olhar para as reais

necessidades de seu território e da população atendida, melhorando assim, a qualidade da assistência.

Para Ceccim e Ferla (2008), a educação permanente propicia o encontro entre a saúde e educação e se constitui como um quadrilátero da formação a medida em que une o ensino- atenção- gestão- controle social. Assinalam ainda, que o ensino não incorpora apenas a educação formal, mas também a educação em serviço, educação continuada, por possibilitar um espaço de troca de experiências e de saberes erigindo um saber comum entre os profissionais, de diferentes áreas, que constituem o serviço.

Segundo Scarcelli (2016, p.187), esta formação também pode ser compreendida a partir do tripé: educação permanente/pesquisa em serviço/atenção à saúde por compreender que a experiência e a prática são partes constituintes da produção do conhecimento, da própria formação, e da apropriação da realidade.

Ceccim (2004/2005, p. 162) pondera que:

o que deve ser realmente central à Educação permanente em saúde é sua porosidade à realidade mutável e mutante das ações e serviços de saúde. É a ligação política com a formação dos perfis profissionais e de serviços, a introdução de mecanismos, espaços, e temas que geram auto- análise, autogestão, implicação, mudança institucional, enfim, pensamento (disruptura com instituídos, fórmulas ou modelos) e experimentação (em contexto, em afetividade – sendo afetado pela realidade/afecção).

Sena et al. (2017) corroboram que a educação permanente foi proposta com o intuito de fortalecer e consolidar o Sistema Único de Saúde, bem como para valorizar os trabalhadores, o trabalho desenvolvido e para melhorar as ações de saúde prestadas para a população. Além disso, ressaltam que Educação Permanente em Saúde tem os processos de aprender e ensinar inseridos aos processos de trabalho, por ser produzida no cotidiano dos serviços de saúde.

Para Bertussi (2004), esta proposta de formação não parte da verticalização da saúde, de uma mera transmissão de um suposto saber, a partir de capacitações, treinamentos ou transmissão de técnicas, mas é oriunda de uma aprendizagem significativa por considerar a construção do conhecimento que faz sentido ao profissional, por ser produzido a partir do cotidiano de trabalho, da problematização

da realidade concreta, e por considerar as vivências e conhecimentos que os sujeitos possuem, numa relação horizontal, intersetorial e interdisciplinar.

Merhy (2005) assinala que a medida que os profissionais têm a possibilidade de em espaços coletivos olhar para o próprio trabalho, podem problematizar, dialogar e vir a perceber os hiatos de sua própria formação, a insipiência de suas ações, seus desconfortos e pensar em outros modos para responder as demandas que chegam até eles, assim como construir conceitos diferentes daqueles experimentados até o momento.

Assim sendo, por voltar o olhar em direção ao contexto do trabalho em saúde, a EPS fundamenta-se na aprendizagem significativa ao passo em que ocorre a partir do cotidiano dos profissionais, e dos conhecimentos e experiências que estes já possuem (Lopes et al., 2007). Nesta perspectiva, almeja a construção de sentidos, a partir do olhar crítico da realidade social, possibilitando vislumbrar formas para manejo e transformação do e no trabalho (Brasil, 2005).

Cogo et al., (2017) fazem alusão que apesar de serem utilizados como equivalentes a educação continuada se diferenciada da educação permanente a medida em que a primeira se propõe a oferecer treinamentos e capacitações que se restringem a transmissão de conhecimento, e a outra é mais abrangente, por incluir nas suas ações diversas capacitações, mas também outras atividades educativas que partem sempre de uma participação ativa.

Sobre as diferenças entre educação continuada e a permanente, Ardoso (2012) por sua vez, menciona que a primeira objetiva, a partir de um processo organizado e permanente, com prática programada, capacitar os profissionais que possuem educação formal e estão inseridos nos serviços de saúde para o desenvolvimento das atividades institucionais, completando sua formação, atualizando a capacidade do trabalhador ou auxiliando-o a melhorar o seu desempenho no trabalho. Ou seja, “Geralmente, tais capacitações são pontuais e baseadas na organização disciplinar e de especialidades, dificultando a compreensão de realidades complexas e da subjetividade humana” (da Silva, Duarte, 2015, p. 104).

Cabe ressaltar que para que o processo se configure enquanto formação permanente é necessário que não se perca de vista a integração entre a teoria e prática, haja vista que a teoria por si só é morta e é na vivacidade da prática de seus

profissionais que encontra sentido, afinal, para Flores et al.(2016, Cogo et al., 2017, p. 164) “Muitos processos necessitam ser revistos e rediscutidos, até mesmo adaptados às realidades locais fundamentados nas experiências dos profissionais”.

Nesta direção, para esta modalidade de formação, faz-se necessário metodologias ativas que propiciem aos sujeitos que assumam papel ativo no processo de construção de conhecimento, cabendo àqueles que estão à frente das propostas de formação o papel de facilitadores e estimuladores da aprendizagem, estabelecendo espaços de diálogo, de trocas de saberes, de vivências, de sentimentos e de crescimento mútuo (Duarte, 2011; Silva e Duarte, 2015).

Ou seja, considera como eixo norteador da aprendizagem o próprio trabalho e através da problematização da realidade engendra soluções, possibilidades, e um pensar sobre os problemas concretos e reais da atuação em saúde, e, por conseguinte, a transformação não apenas do meio, mas também das ações dos trabalhadores e até mesmo deles próprios, enquanto atores, agentes criadores e de transformação (Lopes et al., 2007 apud Silva e Duarte, 2015).

Desta forma, pode-se considerar que a formação em saúde, como compreendida aqui, deve se atentar às necessidades da população, mas também tendo em vista a necessidade de possibilitar espaços de formação para que os profissionais se tornem atuantes e comprometidos com o SUS. Assim, a seguir trataremos um processo de capacitação realizado junto aos profissionais da COVISA, para a partir desta experiência podermos olhar para a formação oferecida, bem como, junto aos seus participantes, posteriormente, refletirmos e pensarmos essa prática.

1.4 Capacitar- Ação: uma experiência de formação na COVISA

Faz-se necessário investimento em capacitação técnica, muitas vezes complexa e de longa duração, para assim utilizar instrumentos aplicados nos diagnósticos situacionais de saúde associados à exposição ambiental. Como também, direcionar as ações de prevenção e promoção da saúde, relacionadas aos riscos e as vulnerabilidades ambientais ligados à saúde.

A capacitação realizada em 2015 se propôs a ser um espaço para que seus participantes pudessem ter momentos de ressignificação, reconstruções e reconhecimentos. Para tanto, buscou-se fazer a associação do conteúdo apreendido somando-se aos conhecimentos prévios, e de ruptura de alguns conceitos, possibilitando a abertura para novos desafios, de forma que a nova aprendizagem aumente as possibilidades e promova a autonomia da realização de escolhas e decisões relevantes para aquele território. (Cyrino; Toralles-Pereira,2004).

Para isso foi necessário usar estratégias de educação que possibilitassem a capacitação participativa e permanente do profissional e ao mesmo tempo, que encorajasse a participação dos trabalhadores para que encontrassem soluções e alternativas aos processos de trabalho (Brasil, 2004a).

No Brasil, o Ministério da Saúde através da Política Nacional para Formação e Desenvolvimento de Trabalhadores da Saúde re-conceitua e reorienta os processos de capacitação com a implantação da Educação Permanente em Saúde (EPS). Como já mencionado anteriormente, tal política, em 2003, propõe que os trabalhadores dos serviços de saúde tenham como referência no eixo da aprendizagem, as necessidades cotidianas de saúde das populações e das pessoas, da gestão e do controle social em saúde. Ressalta-se ainda que as demandas por mudanças e melhorias devem ser baseadas na análise do processo de trabalho, nos seus problemas e desafios, almejando a organização permanente e participativa, devendo ser realizada preferencialmente no próprio local de trabalho, avaliado e monitorado pelos participantes (Brasil, 2004a).

No município de São Paulo, foram capacitados nos anos de 2014 a 2016, mais de 200 profissionais das 36 SUVIS, espalhados pelas Prefeituras Regionais do Município de São Paulo e nas 6 Coordenadorias Regionais de Saúde através de treinamentos realizados pelos técnicos da SMS, SES, MS, docentes das Universidades de São Paulo, de Santos e Federal de São Paulo, técnicos da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, SABESP, CETESB e equipe técnica da Vigilância em Saúde Ambiental.

Cerca de 94 profissionais que respondem tecnicamente ou tem afinidade pela área de Vigilância em Saúde Ambiental e trabalham nas SUVIS regionais e locais e, incluindo alguns médicos pediatras e enfermeiras das Unidades Sentinelas do VIGIAR, foram capacitados em mais de três encontros teóricos(VIGIAGUA, VIGISOLO,VIGIDESASTRES ou VIGIAR) e dois práticos em seus locais de trabalho.

A capacitação foi composta por quatro temas, divididos em sete módulos, totalizando oitenta (80) horas/aula teóricas, e em torno de cem horas (100) de horas/aula nas SUVIS, através de momentos de problematização de situações do território. Espera-se que estes participantes se tornem multiplicadores abarcando um número maior de trabalhadores de saúde, de forma a capitalizar as ações na Atenção Primária em Saúde (APS). Interessa informar que os temas abordados se referem aos programas acima citados competentes a Vigilância em Saúde Ambiental e cuja programação encontra-se abaixo:

Programa de Capacitação:

Cabe dizer que para as capacitações foram convidados professores, doutores e profissionais do Ministério da Saúde e das Secretarias de Saúde do Município e do Estado de São Paulo e que as metodologias de ensino, no momento teórico, ficaram a critério de cada um deles. Porém pode-se ponderar que as mesmas eram baseadas em um modelo expositivo de conteúdo por trata-se de saber complexo na sua maioria, que necessita de muito amparo teórico e por isso desconhecido pela maioria dos técnicos. Nesta direção, na fase inicial de cada capacitação, pode-se mencionar Almeida, Trapé e Soares (2013) os quais apontam que se trata de uma educação em saúde nos moldes tradicionais que restringe a transmissão de conhecimento, partindo do pressuposto de que o professor/palestrante, é detentor de um suposto saber que coloca o aluno/profissional no papel de mero ouvinte que memoriza e reproduz mecanicamente as informações recebidas. estabelecendo-se assim uma relação vertical que de um lado está aquele que domina um determinado saber e de outro o educando, como “tábula rasa”, que recebe e depende do saber a ser transmitido.

Numa fase sequencial deste processo, por justamente divergirmos dessa relação dependente anteriormente apontada e, na tentativa de expandir os saberes levando os profissionais a refletirem a introdução de cada capacitação em sua prática cotidiana, realizamos momentos voltados para as ações e conhecimentos voltados aos seus territórios. Assim pode-se dizer que se buscou uma metodologia de ensino ativo, quer seja, “Aprendizagem Baseada em Problemas” (Problem-Based Learning) tendo em vista que a aprendizagem se tornasse significativa aos profissionais das SUVIS (Farias et al., 2015).

A Programação das Capacitações realizadas foram as seguintes:

I - VIGISOLO

Modulo 1: “Bases Conceituais e Práticas de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas em Áreas Contaminadas”

Data: 03/08/2016

Horário: das 8:30 às 17:00 horas

Local: Auditório do COREN Educação

Total de participantes: 86

Programação:

- Situação atual das áreas contaminadas com mudança de uso do solo.
- Toxicologia Ambiental e Avaliação de Risco à Saúde Humana por exposição a substâncias tóxicas.
- Avaliação clínica de populações potencialmente expostas – caso Vila Carioca
- Epidemiologia Ambiental.

Modulo 2: “Bases Conceituais e Práticas de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas em Áreas Contaminadas”

Data: 24/08/2016

Horário: das 8:30 às 17:00 horas

Local: Auditório do COREN Educação

Total de participantes: 64

Programação:

- Comunicação de risco à Saúde Humana.
- Banco de áreas contaminadas e reabilitadas da CETESB.
- Contaminantes químicos e rotas de exposição.
- Programa Municipal VIGISOLO.
- SISOLO (Sistema de Informação de Vigilância de Populações Expostas a Áreas Contaminadas).

PRÁTICA NOS TERRITÓRIOS- Encontros Regionais para troca de informações e capacitação das seis SUVIS sobre o processo de elaboração do trabalho.

II - VIGIDESASTRES

“Palestras: Desastres Naturais Climatológicos”

Data: 23/03/2015

Horários: 9:00 as 13hs

Local: Auditório da COVISA Total de participantes: 28

Modulo 3: “Capacitação realizada para o Plano Preventivo Chuvas de Verão”
– PPCV 2016

Data: 14 e 15/01/2016 (4 turmas em 2 períodos: manhã e tarde)

Local: Auditório do SAMU Total de participantes: 125

Participação da GVISAM/COVIA e SUVIS Regionais e Locais

Programação:

Plano Preventivo Chuvas de Verão-2015/2016 : COMDEC;

Informações básicas sobre a atuação da Saúde/Vigilância no PPCV

Apresentação do trabalho do SAMU

“Sensibilização para o Plano Preventivo Chuvas de Verão” – PPCV 2016

Data: 03 a 26/02/2016` (5 turmas) Duração: 4Hs

Local: nas Coordenadorias Regionais de Saúde Total de Participantes: 99

Participação das equipes das SUVIS Regionais de Saúde, das Supervisões Técnicas de Saúde e das Supervisões de Vigilância em Saúde Locais/SUVIS, GVISAM e CCD/COVISA. Total de participantes: 132

Modulo 4: “Capacitação para Plano Preventivo Chuvas de Verão”/ PPCV 2016

Data: 21 a 22/03/2016 (2 turmas) Duração:4Hs.

Local: COVISA Total de Participantes: 49

Coordenadorias Regionais de Saúde/CRSs, Supervisões Técnicas de Saúde/STSS, Supervisões de Vigilância em Saúde Regionais e Locais/SUVIS, GVISAM e CCD/COVISA Total de participantes: 24

Programação:

Apresentação do PPCV pela equipe de cada área de COVISA.

Fluxos e organograma

Ficha de Notificação criada pelo Comitê do PPCV

Discussão dos casos com fluxos e procedimentos competentes ao CIEVS, Vigilância Epidemiológica, Sanitária, Saúde Ambiental e Centro de Controle de Zoonoses.

III- VIGIAR – ESTRATÉGIA PARA IMPLANTAÇÃO DA UNIDADE SENTINELA

Modulo 5: “Encontro sobre Unidade Sentinela com estratégia de Vigilância em Saúde de populações expostas à poluição do ar (VIGIAR)”

Data: 28/06/2016

Horário: das 8:30 às 13:00 horas

Local: Auditório da APEOESP

Total de participantes: 59

Realizado um evento para apresentação do projeto sentinela do VIGIAR com a participação do Ministério da Saúde, CRSs e SUVIS.

Após a indicação de 07 Unidades Sentinelas os técnicos responsáveis pelo Programa VIGIAR da GVISAM compareceram nas unidades escolhidas para o cumprimento do calendário de discussões.

* Encontros Regionais para troca de informações e capacitação das sete Unidades Sentinelas.

Discussão com a equipe de cada UBS / AMA ou UBS integral sobre a importância da Unidade Sentinela, dos aspectos mais relevantes do território e a sua interação com a saúde ambiental, formação de um grupo que se responsabilizará pelo banco de dados referentes as crianças menores de 5 anos que vierem a unidade por problemas respiratórios e organização do fluxo de informações e retorno dos dados para COVISA

IV - VIGIAGUA

“1º Encontro Regional para Reflexão sobre o Programa Vigiagua - 2015”

Datas: 07/04 (Oeste); 13/04 (Sul); 15/04 (Norte); 16/04 (Sudeste); 28/04 (Leste) e 11/05 (Centro)

Locais: Sede das Coordenadorias Regionais de Saúde (Sul, Norte, Sudeste e Centro); PADI/Vigilância Ambiental (Oeste) e Hospital Dia da Rede Hora Certa São Miguel Paulista (Leste)

Total de participantes: 87

“Reuniões para organização dos trabalhos do Vigiagua e das capacitações regionais - 2015”

Participação de Roseane M.G.L. de Souza (CVE/SES)

Datas: 14, e 21/05

Local: GVISAM/COVISA

Total de participantes: 15 e 12 (respectivamente).

Total geral = 27

“2º Encontro Regional para Reflexão sobre o Programa Vigiagua”

Datas: 08/06 (Sul); 11/06 (Centro); 16/06 (Oeste); 22/06 (Leste); 23/06 (Sudeste) e 25/06 (Norte). Total de participantes: 184

Locais: Sede das Coordenadorias Regionais de Saúde (Sul, Sudeste e Centro); PADI/Vigilância Ambiental (Oeste), Hospital Dia da Rede Hora Certa São Miguel Paulista (Leste) e Centro de Controle de Zoonoses (Norte).

“3º Encontro – Capacitação do Programa Vigiagua”

Modulo 6: Plano de Amostragem para Monitoramento da Qualidade da Água para Consumo Humano na cidade de São Paulo

Data: 14/08/2015

Local: Coren – Educação

Horário: das 08:00 às 17:00 h

Total de participantes: 88

Programação:

- Panorama atual do Vigiagua no Município de São Paulo
 - Critérios para elaboração do Plano de Amostragem da Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano
 - Interpretação de Laudo de Análise de Água no Parâmetro Microbiológico
 - Interpretação de Laudo de Análise de Água no Parâmetro Físico-Químico
- Para encerrar houve uma Roda de Conversa com técnicos representantes das SUVIS locais de cada um dos CRS onde abordou-se as facilidades e dificuldades para reestruturação do Plano de Amostragem.

Modulo 7: 4º Encontro – Programa Vigiagua *4º Encontros Regionais para troca de informações sobre o processo de elaboração do Plano de Amostragem da Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano em cada SUVIS REGIONAL”. Apresentação, pelas SUVIS, do Plano de Amostragem para Monitoramento da Qualidade da Água para Consumo Humano na cidade de São Paulo

Data: 20/10/2015

Local: Coren – Educação

Horário: das 08:00 às 17:00 h

Total de participantes: 122

As 06 SUVIS Regionais e as 36 SUVIS Locais apresentaram os critérios para elaboração do Plano de Amostragem da Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano que seria implantado em todo município em 2016.

Neste evento participaram e contribuíram nas discussões, profissionais da Vigilância Epidemiológica e Sanitária dos níveis central e local e supervisores de SUVIS. Contamos também com a participação e colaboração de técnica da Secretaria de Estado da Saúde (SES/CVS/DOMA).

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

- Analisar o impacto que as capacitações realizadas pela equipe de Vigilância em Saúde da COVISA, entre 2014 a 2017, promoveu nos profissionais que atuam em SUVIS.

2.2 Específicos

- Verificar a pertinência das capacitações com a realidade vivenciada pelas SUVIS;
- Avaliar as mudanças percebidas na compreensão e na prática de trabalho das SUVIS sobre a Vigilância em Saúde Ambiental;
- Levantar sugestões para aprimoramento dos processos de capacitação em Vigilância em Saúde Ambiental;
- Elaborar nova proposta de educação permanente e continuada para as SUVIS.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Tendo como objetivo desta pesquisa a análise do impacto das capacitações realizadas, decidiu-se adotar um estudo de abordagem qualitativa, considerado o mais apropriado para o tipo de análise que se pretende fazer.

Para Minayo (2010) a pesquisa qualitativa tenta compreender um problema na perspectiva dos sujeitos que o vivenciam ou do próprio pesquisador. Procedimentos qualitativos têm sido utilizados quando se busca verificar como as pessoas avaliam ou definem uma experiência, evento ou ideia, ou ainda, um problema indeterminado e, quais as opiniões que afloram, assim como as emoções e significados associados a determinados fenômenos.

Para o levantamento de dados qualitativos, optou-se pela realização de Grupo focal dado que:

Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. Apesar disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, *a priori*, para investigações qualitativas (Kind, 2004).

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados que através de uma abordagem qualitativa o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos que interagem entre si, obtendo uma variedade de informações, sentimentos, experiências e representações de pequenos grupos sobre um determinado tema.

Segundo Sehmen e colaboradores (2015), o grupo focal é apropriado para pesquisas qualitativas, que objetivam explorar um ponto específico, valoriza a interação grupal para a geração de dados, tendo em vista que as pessoas são estimuladas a falar sobre experiências e pontos de vista sobre determinado tema, utilizando questões norteadoras e técnicas de estímulo adequadas.

Internacionalmente é muito utilizado em questões como:

- Planejamento de ações educativas como objeto de promoção à saúde e meio ambiente;

- Levantamento de problemas e estruturas de ações diagnósticas;

- Revisão do processo ensino-aprendizagem, permitindo o entendimento e o direcionamento dos programas.

Basch (1987) refere que o grupo focal pode minimizar o número de programas de baixa efetividade, isto é, diminui o número de iniciativas distorcidas pela compreensão ou interesses dos dirigentes, que desconsideram a população alvo, e que acabam se mostrando pouco resolutas e eficientes.

O grupo focal ainda pode ser considerado um instrumento de aproximação, integração e envolvimento dos participantes e pesquisador ou objeto pesquisado. Baseada nessa interação está sua maior riqueza. Então, desenvolver uma pesquisa utilizando o grupo focal é desenvolver um processo que visa entender as experiências do grupo participante, facilitando a compreensão das diversas percepções e atitudes perante um fato, uma prática ou um serviço.

A perspectiva do grupo focal, como apontam Afonso e Coutinho (2003), Colognese e Melo (1999) e Minayo (2010), é o de uma entrevista em grupo com fins específicos em determinada investigação. Essa técnica relacional é fundamentada em teorias metodológicas de grupos, na psicologia social crítica e na sociologia.

Por tratar-se de pesquisa para análise do impacto das capacitações realizadas pela GVISAM, o grupo focal se adequa, segundo Nery (1997) citado por Kind (2004), nas seguintes indicações:

- investigação profunda de motivações, desejos, etc;

- compreensão da linguagem e das perspectivas do grupo;

- obtenção de informações sobre um contexto específico e

- obtenção de informações sobre novos conceitos, produtos, vivências; maneiras de exercer atividades, etc.

Assim como, justifica-se sua utilização devido principalmente a interação oriunda do grupo focal que pode possibilitar respostas mais interessantes e ideias mais originais, facilitando reflexões produtivas e discussões profícuas.

Também, vislumbra-se o aprimoramento dos processos de organização do trabalho, assim como permitir uma atuação mais compartilhada, integrando as vicissitudes dos territórios aos planejamentos mais harmônicos e eficientes de ações.

3.2 Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram obedecidos os Critérios de Inclusão estabelecidos: ter participado de pelo menos 2 temas de capacitação, ser funcionário que estivesse atuando em SUVIS há pelo menos 18 meses e que fosse servidor público municipal. Os funcionários capacitados que não obedeceram aos critérios de inclusão não foram chamados para compor o grupo focal.

3.3 Participantes da pesquisa

Em respeito à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde o projeto de pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia e da Secretaria Municipal da Saúde com a anuência da Prefeitura Municipal de São Paulo através da Coordenação de Vigilância em Saúde e foi aprovado em 23 de junho de 2017 através do Parecer nº 2.135.162/2017 (em Anexo B) foi possível dar prosseguimento à pesquisa.

O recrutamento dos potenciais participantes do grupo focal iniciou-se com a divulgação do projeto via telefone, correspondência eletrônica ou agendamento de encontros individuais ou em grupo. Buscou-se aproveitar todas as oportunidades em que haviam reuniões estabelecidas e até em encontros de outras secretarias. A maioria das pessoas contatadas se mostrou disposta a participar, mas uma porcentagem, de pelo menos 30%, já havia solicitado aposentadoria e aguardava sua publicação até o final de agosto.

Deste modo, intensificou-se a busca e ampliou-se a listagem de possíveis participantes para pelo menos quatro pessoas por Coordenadoria, na esperança de manter o grupo com doze profissionais. Após aprovação junto ao Comitê de Ética, iniciou-se contato com os possíveis colaboradores, os quais sinalizavam estar com muitas demandas ou ainda, haviam aqueles que já estavam com férias marcadas, e a falta de pessoal em seus setores poderia prejudicar o andamento do serviço e a liberação de sua chefia para participar do grupo focal. Então, devido a todos esses entraves e inclusive pela aproximação da 1ª Conferência Municipal de Vigilância em

Saúde, que exigiria das SUVIS participação intensa, chegamos à conclusão que deveríamos marcar rapidamente a realização do grupo focal, que ocorreu em 17 de agosto de 2017 às 10:00hs, no prédio da COVISA, sala de reunião da GVISAM.

Constatamos que 94 profissionais eram os potenciais participantes do grupo focal, pois seguiam os critérios de inclusão e exclusão e, foram os mais frequentes das capacitações realizadas pela GVISAM nos anos de 2014, 2015 e 2016. Tais colaboradores foram agrupados de acordo com as 6 coordenadorias e da COVISA., porem foi possível contatar apenas 42(44,68%) dos funcionários que tinham participado com maior frequência (pelo menos 50%) das capacitações e encontros realizados pela GVISAM. Cerca de 53% desses funcionários estavam aposentados ou a aguardavam. Muitos estavam com férias marcadas naquele período ou não quiseram participar, outros ainda mudaram de área de atividade. Então, finalmente, agendamos o Grupo Focal contando com 10 (24%) participantes, os quais confirmaram presença.

Devido à chuva torrencial, alguns convidados tiveram dificuldade de acesso ao local do encontro e pudemos contar com a participação de somente 5 pessoas, que nos pareceu representar a maioria das equipes das SUVIS que gostaríamos de estudar, pois foram os mais participantes e mais frequentes nas capacitações.

Não enviaram representantes a coordenadoria Centro, por falta de pessoas que tivessem participado das capacitações e disponíveis para o grupo, e da Sudeste que justificaram seu não comparecimento, devido a alagamentos na região e que devido a isso não conseguiram chegar. Duas outras participantes se aposentaram naquele dia e, não compareceram ao encontro.

Vale mencionar que o número de 5 participantes, está de acordo ao que foi aludido por Kind (2004) de que não há consenso dos estudiosos do assunto sobre o número de participantes do grupo focal, porém que alguns autores, tais como Debus (1988); Roso (1997), indicam que o número ideal de participantes deve estar entre 5 e 7 pessoas, por este número propiciar que todos tenham oportunidade de falar, sem que se torne excessivamente diretivo e responsivo descaracterizando a proposta de que seja uma discussão e construção sobre determinado tema. Nas palavras do autor:

Não há consenso quanto ao número de participantes para um grupo focal. Alguns autores dizem que esse número, por grupo, deve ser

de 6 a 15 pessoas (CHIESA; CIAMPONE, 1999; PEREIRA et al., 1999; SENA; DUARTE, 1999). Outros autores são mais cautelosos quanto ao número elevado de participantes por grupo, apontando, dentre outros problemas, a dificuldade de garantir que todos tenham a oportunidade de falar sem que a discussão se torne excessivamente diretiva (DEBUS, 1988; ROSO, 1997). Esses autores indicam de 8 a 10 participantes por grupo, sendo ideal um número de 5 a 7 integrantes em cada grupo focal. Debus (1988) ressalta que determinadas questões exigem “mini-grupos” para que sejam abordadas em profundidade (Kind, 2004, p.128)

A técnica de Grupo focal prevê, além dos participantes da pesquisa, a presença de um moderador que também deve ser um facilitador do debate e um observador, que registra o que ocorre no grupo (Sehmen et al, 2015).

Buscou-se como moderadora alguém que, a nosso ver, possuía características pessoais, estilos de moderação, formação em psicologia, experiência e antecedentes que a qualificaram exemplarmente. Além disso, sua postura pessoal de abertura para discussão e de acolhimento amigável diante dos participantes muito favoreceu o debate no grupo focal. Como desconhecia o tema do debate colocou-se sempre respeitosamente, escutando e intervindo habilidosamente em vários momentos em que os integrantes tinham posições contrárias. Fez perguntas colocando um tom mais provocativo para ativar os mais quietos tornando a mediação fluída e bem animada.

Como observadora do grupo pudemos contar também com uma profissional de psicologia que apresentou uma análise da rede de interações do grupo focal muito inteligente e sensível, que contribuiu para a visualização dos temas mais significativos. Colocou em especial a linguagem corporal dos integrantes do grupo, evidenciando expressões faciais e atitudes observadas que colocou como sua impressão.

3.4 Informações Importantes dadas no Início do Grupo Focal

A moderadora iniciou informando aos participantes os objetivos e finalidades da pesquisa, ressaltando a garantia do anonimato, sigilo e confidencialidade dos dados, a existência de riscos mínimos, os benefícios esperados, a liberdade de participar ou não, bem como a possibilidade de a qualquer momento se recusar em

participar, o não pagamento pela participação e a concordância da divulgação dos resultados da pesquisa em eventos científicos e a publicação em revistas científicas.

Foi posto a eles também, sobre os riscos que eram mínimos e inerentes à exposição em grupo focal, por parte dos sujeitos, de suas ideias. Ressaltou-se, no entanto, que se durante o desenvolvimento do grupo, houvesse qualquer tipo de desconforto ou constrangimento, todos os cuidados seriam tomados para adequar o procedimento às necessidades dos participantes ou interromper a pesquisa para atendê-los. Caso necessário, os pesquisadores se responsabilizariam pelo acompanhamento e assistência ajudando o colaborador no que fosse necessário.

Foi salientado que não haveria benefício direto ao sujeito de pesquisa, mas que se acreditava que, ao participarem do grupo focal os sujeitos e os pesquisadores poderiam refletir sobre a sua experiência, prática cotidiana e participação na capacitação realizada anteriormente, bem como seria possibilitado um espaço para troca de saberes e para levantamento de propostas para novas capacitações resultando na construção de um conhecimento comum acerca do fazer em Vigilância em Saúde Ambiental.

Após a concordância em participar da pesquisa foi solicitado aos participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A).

3.5 Procedimento de Coleta dos Dados

A pesquisa foi realizada em duas etapas, primeiramente, visando traçar o perfil dos profissionais que atuam em SUVIS e que participaram do processo de capacitação. Foi realizada uma breve identificação e alguns questionamentos gerais sobre a capacitação (Anexo C).

Na segunda etapa, visando realizar a análise do processo de capacitação, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, o Grupo Focal, em que através da utilização de perguntas norteadoras (anexo D), buscou-se conhecer, com maior profundidade, sua percepção sobre sua formação/capacitação para o trabalho na SUVIS, bem como do que foi desenvolvido e sugestões para o aprimoramento dos processos de capacitação em Vigilância em Saúde Ambiental.

Vale salientar que essa conversa grupal foi agendada previamente em data, horário e local acordados com os participantes, com tempo de duração dentro do estimado, tendo a duração de 1 hora e 15 minutos. Foi gravado, em áudio digital, para facilitar a transcrição (Anexo E) e encontra-se sob a guarda da pesquisadora.

3.6 Análise dos Dados

Para a análise dos dados obtidos no grupo focal, optamos pela análise de conteúdo temática proposta por Bardin, segundo a qual (2000;42) a análise de conteúdo é:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Segundo Oliveira (2008)⁵ “é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para um contexto social de maneira objetiva”.

A técnica de análise de conteúdo preconizado por Bardin se baseia em operações de desmembramento do texto em unidades. Bardin (2016) enfatiza que a análise de conteúdo tem por objetivo a transcrição de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem. A partir de leituras minuciosas dos textos, buscam-se elementos comuns e divergentes, que possibilitam estabelecer relações e promover compreensões acerca do objeto de estudo.

Pode-se dizer que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de exploração de documentos composta pela *Pré-análise*, na qual se escolhe os documentos, se formula hipóteses e objetivos para a pesquisa; *Exploração do Material*, em que se aplicam as técnicas específicas segundo os objetivos; e pelo *Tratamento dos Resultados* quando se dá a inferência e interpretação. Cada fase do

⁵ Apud Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, 2002

roteiro segue regras bastante específicas, podendo ser utilizado tanto em pesquisas quantitativas quanto em pesquisas qualitativas (Bardin, 2016).

Na fase de Pré-análise cujo objetivo é organizar e reconhecer os dados após a transcrição dos discursos foi realizado a leitura geral e “flutuante” de todo material. Nesse primeiro contato com os dados a serem analisados foi possível sistematizar as ideias iniciais (Bardin, 2016). Tentou-se “compreender o sentido da comunicação, mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira” (Oliveira, 2008)⁵.

Para Bardin (2009, 105-6),

(...) tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis.

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os “núcleos do sentido” que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.

O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas....

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.

Em seguida ocorreu a Exploração do Material na qual os dados foram codificados e a partir da leitura das falas, destacaram-se trechos com o objetivo de apreender os seus significados e sentidos expressos pelas frases e palavras, visando às unidades de registro (recorte), isto é, a definição dos temas eixo, com a finalidade de obter a categorização (Bardin, 2009). Após agrupar os códigos por temas foi possível identificar as primeiras unidades de significação ou temas e suas categorias, que emergiram a partir do conteúdo dos discursos.

Para Bardin (2009) a categorização se refere a uma classificação de um grupo de elementos (unidade de registro) que possuem características comuns.

A última etapa da análise compreende o tratamento dos resultados que pressupõe a inferência e interpretação do conteúdo. Bardin (2009) define inferência

como sendo a finalidade da análise categorial do conteúdo, no qual se utiliza a dedução por meio do raciocínio.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização dos Participantes da Pesquisa

Os participantes deste estudo são na maioria do sexo feminino e biólogos. No que diz respeito à cargo / função em SMS todos são Analistas em saúde. Quanto ao tempo de SUVIS está bem distribuído, mas grande parte possui entre 6 a 10 anos de serviço. Além disso, uma parte significativa do grupo já havia participado de capacitações anteriores, principalmente no VIGIAGUA e VIGIDESASTRES. Com relação às capacitações realizadas em 2015 e 2016 o grupo está bem representado no que se refere a terem participado, quase que da totalidade, das capacitações realizadas em GVISAM.

4.2 Apresentação e Análise dos Temas

Da análise do conteúdo da entrevista, após esgotamento da leitura, surgiram quatro unidades de significação que se subdividem em núcleos de sentido as quais serão objetos de discussão deste estudo, a saber:

4.2.1 Avaliação da Capacitação:

- Metodologia
- Conteúdo

4.2.2 Dificuldades encontradas para implantação da Vigilância em Saúde Ambiental:

- Recursos humanos capacitado;
- Fluxo de trabalho;

4.2.3 Construindo novas propostas de Formação em Vigilância em Saúde Ambiental:

- Prática;
- Contexto do trabalho;
- Fluxo.

4.2.4 Impactos da Capacitação na Prática Profissional

A seguir apresentamos as categorias detalhadamente:

4.2.1 Avaliação da Capacitação

O Desenvolvimento Profissional busca por recursos e condições para a evolução do técnico. Pode-se considerar como recursos a educação ou qualquer outra ação que venha contribuir para que o ser humano se desenvolva. Não existe um método, um caminho único para esse desenvolvimento. Porém, parte-se do que está proposto pelo próprio SUS, quer seja: a formação e a capacitação dos profissionais de saúde.

Vale retomar que a Educação Permanente proposta pelo SUS, busca através da reflexão, problematização e diálogo do cotidiano de trabalho, que os profissionais de saúde, em espaços coletivos, alvitem alternativas, mudanças e soluções no próprio contexto em que as ações acontecem, repensando seus processos de trabalho (Brasil, 2004b).

Cabe assinalar que em se tratando de formação dos profissionais, conforme proposto, algumas se configuram como educação continuada, e até mesmo são consideradas como equivalentes da educação permanente, porém há diferenças marcantes no que tange a prática, pois esta se restringe a transmissão de conhecimento, ou de técnicas para equiparar as ações dos profissionais de acordo com a necessidade institucional, e a outra é mais abrangente, por incluir nas suas ações diversas capacitações, mas também outras atividades educativas que partem sempre de uma participação ativa e que vai de acordo com a própria prática, muitas vezes complexa, e, de igual modo, exige um saber mais estruturado e adequado as necessidades do território (Cogo et al; 2017).

A capacitação realizada fez uso da metodologia de Educação Continuada (EC), com várias etapas teóricas divididas de acordo com o tipo de programa desenvolvido, alternada com Educação Permanente, com visitas aos territórios (CRS ou SUVIS locais), para discussão dos problemas e proposição de prática de trabalho mais adequada e resolutiva para aquela SUVIS. A aprendizagem deverá fazer a associação do conteúdo apreendido somar-se aos conhecimentos prévios tanto técnicos quanto referentes a área de abrangência proposta, e de ruptura de alguns conceitos, possibilitando a abertura para novos desafios.

Assim, no que se segue, buscaremos nas falas dos participantes da pesquisa compreender as diferentes fases da capacitação realizada tendo em vista

principalmente, a metodologia utilizada e o conteúdo abordado nas diversas fases deste processo de formação.

– Avaliação da Metodologia

Ao avaliar a metodologia utilizada na capacitação, os profissionais manifestaram a importância de se ter um momento de pausa no seu cotidiano para ter a oportunidade de refletir sobre o seu fazer, inseri-los no contexto e vivenciar na prática as ações de vigilância

Um momento que foi bem bacana foi quando a GVISAM pediu para a gente apresentar os nossos dados, foi um momento que a gente teve que parar e pensar.... Caramba! Olha deu tanta porcentagem de desacordo [inconformidade da análise da água], lá na minha região o que deu mais... foi um momento muito interessante! (Participante 4)

São duas coisas que eu achei que fugiram do comum... e inseriram a gente em um contexto, sabe? É tanto na hora de fazer nossa apresentação para o Vigiaqua do plano de amostragem... quanto... mostrar lá [durante a capacitação], a Norte, a minha região... você é inserido na situação. (Participante 3)

Mas as de Vigisolo principalmente eu achei bem interessante, eles foram lá na Norte e a gente entrou até em um prédio que estava em uma área de risco [contaminação do solo] e... a gente teve a parte prática. (Participante 3)

Os profissionais percebem que as capacitações enriqueceram seu saber técnico porém criticaram o tempo prolongado e as falas demasiado longas e muito carregadas em teoria bem complexa e de difícil entendimento carecendo maior investimento metodológico.

...O curso era interessante, mas tinha uma hora que falaram tanto, tanto, tanto ... que eu não aguentava mais... (Participante 5)

Tem também as [capacitações] que foram o dia inteiro que ficou um pouco cansativo né? (Participante 1)

- Avaliação do Conteúdo

Foi colocada a dificuldade de entendimento de alguns programas que possuem informações excessivas fazendo com que houvesse uma diminuição do aproveitamento, gerando sensação de estar perdido ou não se sentir seguro.

(...)eu acho que o Vigidesastre tem muita coisa [no sentido de ser muito complexo para entendimento] e acho que a gente acaba se perdendo nele, eu acho! (Participante 2).

[avaliando as capacitações de maneira geral] O conteúdo!... o conteúdo em si achei interessante, mas a parte pedagógica em si eu achei que teve muitas falhas (Participante 5)

(...) [durante a capacitação prática do VIGISOLO] E aí a gente se sentiu perdido, solitário, sozinho! mesmo a Coordenadoria, a Coordenadoria também foi com a gente..., mas também estava perdida... (Participante 4)

Vale dizer que apesar de não terem feito uso especificamente dos termos educação continuada e permanente, diferenciando-as, pode-se inferir, através das falas que os profissionais percebem os hiatos deixados pela formação continuada quando na sua prática.

Não adianta você ter a teoria se você não tem a prática! (Participante 2)

Você esquece! (a teoria se não houver prática) (Participante 3)

Ah! Basicamente do Vigiagua que eu já tinha citado... é... Eu acho que a gente passou... Como já era um programa presente mudou o nosso jeito de trabalhar e de entender o que a gente fazia! Os outros como não eram programas não presentes, eles continuaram não presentes! (Participante 4)

Eu sentia uma necessidade muito grande de entender o Vigiagua, então para mim foi muito importante. Quanto aos outros Vigis... Até hoje na minha SUVIS, não são muito presentes. Então para mim foi muito mais uma questão de curiosidade do que de colocar em prática... Às vezes eu me sinto até mal por não botar tanto em prática o que eu recebi nos cursos entendeu? Eu tenho a impressão que o dia que eu tiver que colocar em prática... que acontecer alguma coisa [não vou conseguir] ... O Vigiagua foi uma necessidade minha... os outros na verdade... foram daqui[COVISA] para lá! (Participante 3)

[falando do que sentiram falta na capacitação do VIGIAR] Apresentação de casos reais... porque a gente aprendeu o teórico do que é o programa, que pode ocasionar na saúde, mas a gente não

teve casos reais que podem mostrar como atuarmos... né?
(Participante 5)

Diante do mencionado pelos colaboradores, pode-se apreender que a formação parte de uma ampla exposição de conteúdo, que é acumulado sistematicamente, seja para fins de aplicação de teoria sem se considerar a prática, ou ainda, como via de atualização e aquisição de novas informações, se mostra pouco significativo. Tal fato está em consonância com alguns estudiosos como Ceccim e Feuerwerker (2004) e Murofuse et al (2009), da Silva e Duarte (2015), Cogo et al. (2017). Nas palavras dos autores, “(...) enquanto a educação continuada aceita o acúmulo sistemático de informações e o cenário de práticas como território de aplicação da teoria” (Ceccim e Feuerwerker, 2004, p. 49);

“(...) educação continuada que trata das atividades de ensino após a formação inicial e tem como finalidade a atualização e aquisição de novas informações” (Murofuse et al, 2009, p. 3).

“Essas capacitações são em geral pontuais e baseadas na organização disciplinar e de especialidades, dificultando a compreensão de realidades complexas e da subjetividade humana” (da Silva; Duarte, 2015, p.01).

“A educação continuada se refere às ações no ambiente de trabalho que são propostas no formato de treinamentos e capacitações com enfoque na transmissão de conhecimento” (Gogo et al; 2017, p.1).

Além disso, nos faz refletir acerca da necessidade de que sejam superadas as visões gerenciais que propõe cursos para minimizar, corrigir e suprir o que acreditam ser falta de competência dos profissionais na realização das ações de saúde. Nesta direção, propõe cursos longos, repletos de teoria, enfadonhos, pouco eficazes, mas que exigem altos fomentos, como exemplificado pelo participante 5.

Acho que era, o curso era interessante...mas tinha uma hora que falaram...tanto, tanto, tanto que eu não aguentava mais...
(Participante 5)

Desta forma, parece-nos que a aprendizagem deve ultrapassar a mera exposição de conteúdo, como se aquele que está à frente da formação tivesse um suposto saber e que os ouvintes não tivessem algo a oferecer ou a construir, pois, conforme Fagundes e Froes Brunham (2005) a aprendizagem está cada vez mais ocorrendo a partir da interpenetração de processos de aprendizagem (produção

imaterial de subjetividades e conhecimentos) e de trabalho (produção material de bens e serviços), à medida que se estabelecem “espaços de aprendizagem” que articulam intencionalmente a teoria com a prática.

Em conformidade com a narrativa dos participantes acima, pode-se dizer que o conteúdo, apesar de ser importante e tido como interessante, denota o quanto seu acúmulo colocado em algumas capacitações, conforme já dito anteriormente, é de fácil esquecimento, e ainda, pode tornar o aprendizado não significativo a medida em que não se mostra em consonância com a prática cotidiana. Neste sentido, pode-se recorrer a Carneiro (2009, p. 76) a qual aponta que:

Além de confirmar a cisão entre teoria e prática, essa estruturação curricular implicitamente carrega a noção da necessidade de um conhecimento prévio para uma posterior atuação. Esse adiamento da prática dificulta a possibilidade de construir um saber engendrado com a experiência, há uma lacuna entre o conhecimento ensinado e a descoberta de si mesmo, que o processo ensino/ aprendizagem contém.

4.2.2 Dificuldades encontradas para implantação da Vigilância em Saúde Ambiental

- Recursos Humanos capacitado

Os entrevistados relatam a seguir, a intensidade com que vivenciaram as dificuldades do dia a dia, por não serem capacitados a exercer suas funções quer seja no momento da admissão, na realização da prática do trabalho ou no repasse das informações para os Agentes gerando na maioria das vezes medo, insegurança, sofrimento e ansiedade, acrescidos da grande necessidade de sentir-se apoiado pelos outros técnicos.

Em outras palavras, se tratando do contexto de trabalho em saúde, parece que se faz necessário, por parte do profissional, um processo de construção e desconstrução de vários aspectos na medida que a produção de trabalho e consumo são simultâneos, com co-presença e co-produção, pois exige a relação de quem produz e recebe o cuidado, gerando afetos como insegurança, medo e frustração.

Nas palavras de Scarcelli (2016, p.181):

(...) é um trabalho que se caracteriza por simultaneidade (produção e consumo simultâneos); co-presença (o consumidor está presente no

processo de produção); co-produção (o consumidor pode executar tarefas dos produtores, os trabalhadores) (Pena e Minayo-Gomez, 2010). Isso exige relação estreita entre quem produz e quem consome, por isso é uma relação que mobiliza afetos, dúvidas, inseguranças, frustrações, expectativas de ambas as partes.

Assim, pode-se dizer, a partir do revelado pelo grupo focal, que os colaboradores trazem não apenas o sofrimento no cotidiano de trabalho, mas também a angústia gerada pela sua inserção em trabalho desconhecido e complexo, quando de sua introdução na Vigilância em Saúde Ambiental.

(...) então a gente consegue hoje ter uma visão do que a gente está fazendo! Antigamente não! Você saia com o carro e ia coletando meio que ao acaso... ah! Vamos parar aqui! sabe? Era bem assim! (...) depois a gente começou a entender com as capacitações, mas no começo para mim era isso... nossa um horror!! eu estou sendo paga para ser controladora de qualidade da SABESP, particular da região... Sabe? Porque é... a gente não entendia porque coletar ali do cavalete, porque não... (Participante 3)

[comentando sobre como a COVISA percebe as dificuldades das SUVIS] A gente entende que vocês estão sobrecarregados, que as pessoas estão se aposentando... né? Ninguém está sendo substituído. Então o que a gente, pode fazer? Aos pouquinhos... porque se chegar lá com essa avalanche de atividades que a gente tem aqui! Gente! Greve amanhã! Risos (Participante 1)

[sobre a capacitação do VIGIAGUA] Eu sentia necessidade... principalmente do Vigiagua, que chegou para mim meio jogado, o pessoal da epidemio [vigilância epidemiológica], se não me engano, é que fazia lá na SUVIS e, de repente falaram: toma faz.!!(Participante 3)

Quando, eu entrei aqui [na Vigilância em Saúde Ambiental] a gente não tinha muita política de fazer [a coleta] ... tinha a política de fazer curso, mas era muito mais teórico do que prático! (Participante 1)

É... Aí você chega também... até... igual a gente que é de 2009... a gente chegou na SUVIS e... "Oh! 'Toma' o filho é teu"! A gente não sabia nada... eu era professora! (Participante 2)

Considerando as falas dos profissionais acima citadas, hipostenizando parece que eles trazem, de algum modo, sentimentos gerados pelo não entendimento do que foi solicitado, como a fala dos participantes 3 e 2, bem como pela necessidade de execução de algo que foi planejado ou determinado por uma gerência, por exemplo, e que não fazia sentido sua realização ou até mesmo por imposição de

relatórios e formulários, conforme participantes 2 e 1. Além disso, pode-se perceber a ausência de apoio/suporte para a execução das tarefas cotidianas.

Diante do exposto, pode-se corroborar que os trabalhadores da SUVIS, salientam que sentiam ausência de suporte e de entendimento acerca das atividades que executavam e, por conseguinte, sentiam sofrimento, despreparo, dificuldade de entendimento da razão de suas ações.

Assim, parece que o acolhimento dos novos membros, deve ser feito inicialmente pelos técnicos da GVISAM, que necessitam estar mais próximos das SUVIS para conhecer a realidade dos territórios e introduzi-los com abordagem prévia sobre o trabalho que deverá ser desenvolvido e que é esperado que realize, verificando o perfil profissional mais adequado para cada região. Os membros mais antigos das equipes das SUVIS, que são os responsáveis pela passagem do saber, deverão estar capacitados e adequadamente organizados para receber os novos participantes e orienta-los nas suas atividades cotidianas.

É... eu sentia necessidade... principalmente o Vigiagua que chegou para mim meio jogado, o pessoal da epidemia, se não me engano faziam, lá a SUVIS... e de repente falaram: toma faz. (Participante 3)

Se considerarmos a fala do participante, pode-se conjecturar que o mesmo pode ter se sentido não acolhido em suas atividades, à medida que viu ausência de suporte e orientação por parte de quem antes desenvolvia a função, e, por conseguinte, a aprendizagem que poderia ter sido gerada através da interação com os demais profissionais, ou do responsável que não foi possibilitada.

Para Haddad (1997) o acolhimento é de suma importância e é preciso atenção das organizações, pois é nessa inserção no trabalho que o profissional terá as primeiras impressões sobre a suas funções e organização do sistema.

- Fluxo de trabalho:

A partir do conhecimento do trabalho percebemos que ocorre o aumento da capacidade, dos indivíduos e grupos, gerarem um maior poder de decisão e de visualizarem um caminho coerente de informações e ações pertinentes para determinados agravos. Se tornam mais seguros para resolver os problemas apresentados. Evidencia-se a importância da autonomia no contexto do

trabalho como um requisito para o desenvolvimento eficiente da atividade profissional e de reconhecimento, ainda que seja só para entrar com efetividade, nos fluxos de trabalho estabelecidos.

[comentando sobre um incêndio acontecido e o fluxo desencadeado pelo VIGIDESASTRE] Então! Mas pô...eu fiz o trabalho com a defesa Civil, sabe? Daí, daí de repente me chega um e-mail dizendo para preencher 200 mil formulários de um incêndio que eu nem fiquei sabendo? A gente se sentiu traído... Eu e a outra bióloga. As últimas a saber! Tenho a sensação que fiz pouco... (Participante 2).

(...) a gente só tem alguma troca [entre os saberes individuais dos profissionais] porque a gente tem um grupo de WhatsApp! (Participante 3)

Geralmente eu costumo ligar para a Coordenadoria, mas tem vezes que tem... vamos supor... a pessoa responsável lá na Coordenadoria não está! Você não consegue falar com ela, ou ela não sabe também! Eu ligo para o órgão central sim! Já liguei! (Participante 2)

Até que a gente teve um incêndio esse ano, em nossa região, e eu fiquei sabendo pela COVISA... dias depois, porque me pediram um relatório, porque senão eu não ia ter ficado sabendo. Então eu pensei... o negócio então não funcionou do jeito que teria que funciona... porque eu teria que ter ficado sabendo na hora! (...) isso me decepcionou um pouco... essa... (Participante 3)

Assim, pode-se dizer que é a medida que os profissionais da SUVIS compreendem os fluxos dos processos de trabalho tem condições de desenvolver uma prática autônoma, assim como manejar as situações a que são expostos no cotidiano de trabalho.

4.2.3 Construindo novas propostas de Formação em Vigilância em Saúde Ambiental

Tendo em vista o que foi trazido pelos participantes do grupo focal, abaixo citados, pode-se elencar algumas estratégias para a formação em saúde, sugeridas, vivenciadas e até, muitas vezes já construídas por eles, após as capacitações realizadas.

Compreendendo que a aprendizagem traz autonomia, lembramos que segundo o pontuado por Marques e Lima (2004), as práticas em serviços de saúde são orientadas pelas tecnologias de saúde, ou seja, pela autonomização e a gestão

compartilhada de processos de trabalho, bem como pelo acolhimento, e, pelo estabelecimento de vínculos, entre outros.

Assim, pode-se dizer que é a medida que os profissionais da SUVIS compreendem os processos de trabalho tem condições de desenvolver uma prática eficiente e peculiar para o seu território, assim como manejar as situações a que são expostos no cotidiano de trabalho. Os profissionais, no grupo focal assinalaram algumas sugestões e experiências que nos levaram aos seguintes subtemas:

- Prática:

[falando sobre poluição do ar pela fumaça de fornos, nesse caso, por pizzarias] ...Eles [SUVIS Norte] já passaram por isso! Por exemplo, ela já passou por esse problema da pizzaria, já passou pelo da marmoraria poderia acrescentar nessa capacitação [falar da sua experiência]. (Participante 4)

[falando da necessidade de se apossarem da prática do serviço] Eu estou aqui pensando num segundo momento da capacitação... que a gente precisa ter essa informação [de como exercer o prático]: que foi tudo muito bacana [a capacitação realizada]! Pensei em [uma metodologia] ... já trabalhei com World café⁶ para trazer esses casos! Por regiões! Que aí é bárbaro! Você vai passando, vai discutindo... Não fica só ouvindo, ouvindo, ouvindo... Que eu acho que tem um momento de ouvir, ouvir, ouvir, mas que também tem o momento de a gente desabafar... e falar: E... se? E se entender? (Participante 4)

(...) já trabalhei com World café para trazer esses casos! Que senta uma turminha em mesas... traz um problema, um caso real, se discute... depois você vai para outra mesa com outro caso e se discute... e depois faz uma apresentação para todo mundo falar a mesma língua. Eu acho bacana! porque aí a gente tem uma troca, porque senão a gente fica só... ouvindo, ouvindo... ouvindo... e não pode trazer algo real que já vivenciou na SUVIS (Participante 4)

Aprendendo com a experiência do outro através de encontros para discussão dos casos mais complexos

A gente tinha encontros... sei lá, quase que semanais! Mas quando a gente tinha esses encontros e que funcionavam... porque a gente tinha trocas, a gente reclamava... queria matar o B [organizador que proibiu os encontros]. (Participante 3)

⁶ Parte-se do que foi proposto por Juanita Brown and David Isaacs (2005) como sendo uma técnica que se propõe a estabelecer diálogos em grupos nos quais os participantes são divididos em mesas de discussão norteadas por uma questão comum. Nela os participantes circulam e interagem entre si, nos diferentes grupos, construindo coletivamente ideias que refletem a sabedoria e experiência dos mesmos e ao final desde processo circulante são levantadas as percepções e aprendizados coletivos.

(...) a gente só tem...uma troca porque a gente tem um grupo de WhatsApp! (Participante 3)

De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2004), a partir da concepção de aprendizagem pelo trabalho é que o profissional tem condições de problematizar os processos e o cotidiano de suas ações em sua organização. Ou seja, por meio de uma reflexão crítica da realidade, esta aprendizagem, possibilita um aprender significativo na medida em que ocorre um diálogo entre os conhecimentos e as experiências prévias para a apropriação de novos saberes, resultando no desenvolvimento da autonomia e responsabilização dos profissionais de saúde para com os usuários e a efetivação das diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Interessante que os colaboradores do grupo focal trazem em suas falas a importância das trocas e do diálogo para aprendizagem, e conseqüentemente para o desenvolvimento de uma prática autônoma, mesmo que esta ocorra utilizando uma ferramenta “extratrabalho” como um aplicativo de mensagens.

Assim, pode-se dizer que a comunicação dos profissionais ocorre a partir da interação mediada simbolicamente pela linguagem, e que engendra a “construção” de planos de ação comuns a todos os envolvidos (Peduzzi, 2007); o que para Carvalho(2012) aponta para a importância da interação e da comunicação no trabalho, enquanto um dos modos de enfrentamento de conflitos, das situações de trabalho e na pactuação de novos valores e saberes acerca das ações em saúde.

- Dentro do contexto de trabalho:

Retrata a importância dessas relações dentro da estrutura informal das organizações, principalmente, no que tange ao acolhimento do profissional no momento da sua chegada à instituição e da referência que ele tem em outros profissionais para aprender a lidar com o cotidiano.

Ainda são eles, mas agora a gente pode, a gente tem mais embasamento... agora eu posso falar: "oh! você está coletando errado"... mesmo assim eu ainda acho que precisa de uma prática de coleta, eu ainda acho... para os técnicos... Fazerem em conjunto com os agentes... (Participante 2)

Eu acho que a gente podia ter um espaço... para que os técnicos também colocassem sua demanda... tipo... não deixar só na mão da

Coordenadoria, ou da COVISA, mas que os técnicos pudessem (mais livremente) lá se colocar. Nossa! Estou sentindo a necessidade de fazer... a cada 2 meses, a cada 3 meses... (Participante 4)

A gente é... era muito unido, as coisas funcionavam! Vamos tentar ajudar! Pô! Caramba! Ele fez isso, porque você não falou... hoje não! Os técnicos nem se conhecem muitas vezes! (Participante 4)

[comentando sobre relatórios do VIGIAGUA] Então, uma técnica trabalha diferente da outra... e a minha técnica, na época que era da Sul, por eu ter pedido, bolou esse relatório e eu mandava... eu sentia essa necessidade de mandar o que eu estava fazendo... (Participante 4)

Com base nos trechos acima, pode-se conjecturar que os profissionais apontam que o serviço de saúde pode se configurar como um espaço privilegiado de formação. Para Barros e Barros (2007), a própria equipe engendra novos saberes a partir da problematização e de situações do trabalho, sejam elas individuais ou coletivas, abrindo a possibilidade de, a partir da subjetivação mediada pela linguagem, sejam capazes de realizar escuta e de reconhecer o outro como alguém que possui e produz conhecimento.

Assim, o trabalho em equipe possibilita a criação de espaço para reflexão, discussão e trocas à medida que traz em si também interação social, e, por conseguinte, possibilita novas pactuações intersubjetivas para ações que tem em vista a integralidade do cuidado (Peduzzi, 2007).

- No fluxo:

[se referindo aos relatórios do VIGIDESASTRES] E, tem muita, muita, muita coisa... era muita coisa para preencher...então a gente acaba se perdendo, a gente não sabe o fluxo...quem sabe a gente pode fazer uma nova né? (Participante 2).

Se você está no território teria que ser a primeira a saber...: Exatamente, então isso me decepcionou um pouco... (Participante 3)

Diante do exposto, pode-se pensar que é de suma importância que as capacitações compreendam que “[...] experiência cotidiana do trabalho e as situações reais vivenciadas [...] representam uma aprendizagem permanente”, isto é, perfilar a existência da aprendizagem-trabalho (Ceccim; Feuerwerker, 2004)

O grande desafio é tornar o trabalhador alguém capaz de questionar a si mesmo, suas ações de cuidado, colocando-se ético-politicamente nas discussões sejam elas individuais ou coletivas e do trabalho. Assim, a educação permanente em saúde só se torna verdadeira a medida em que consegue tocar o trabalhador, de forma ética-política, em que se implique na construção do cuidado- como algo vivo-, e que se mostre como aprendizagem significativa, pelo trabalho em ato, enquanto força que produz ação e saúde (Merhy, 2005, p. 173).

4.2.4 Impactos da Capacitação na Prática Profissional.

Nesta categoria são mostrados, a partir de uma reflexão das falas, os resultados percebidos pelos profissionais no que diz respeito ao seu desenvolvimento e as necessidades profissionais ou não, oriundas das capacitações.

Então, a capacitação [do VIGIAGUA] foi "super" importante, até para saber como coletar... Então, [percebemos] que a SUVIS coletava errado, coletava da torneira, não entendia que tinha que coletar de cavalete... Então, eu acho, que foi muito interessante para a gente... e para os agentes, para eles entenderem o que eles estavam coletando [fazendo]... o que é esse programa!
(Participante 4)

Quanto ao Vigiagua, eu tive duas experiências: uma na SUVIS que trabalhei só via o agente passando com garrafa e me perguntava, o que ele vai fazer... e tal...mas achava que um agente [específico] que era fechado no mundo dele, não entendia... só sabia que existia...ele ia lá coletar, mas eu não sabia como tudo, eu não entendia e o agente não falava... e...eu não entendia! Depois com o curso que a gente foi vendo como coletar e eles também foram melhorando... Com o curso o Vigiagua, sim [foi bom]. Logico! Faltam algumas coisas, mas agora a gente está conseguindo encaixar a prática com o... teórico!! (Participante 5)

[falando sobre a coleta de água no VIGIAGUA] Ainda são eles [agentes de zoonoses que coletam a amostra], mas agora a gente pode, a gente tem mais embasamento. Agora eu posso falar: "oh! você está coletando errado"! Mesmo assim, eu ainda acho que precisa de uma prática de coleta, eu ainda acho... Só para os técnicos... Fazerem em conjunto com os agentes... (Participante 2)

(...) e a questão do plano de chuva... para mim particularmente na minha região serviu para a gente se aproximar... até o negócio do incêndio... Eu achava que eu tinha uma baita aproximação,

(risos)...om a Defesa Civil... e... também com PAVS da região... a gente trabalhou muito juntos, por uns dois anos muito juntos... a gente mapeou e fez um curso super extenso, então... serviu como meio de integração ali na região, sabe? Voltado para o plano de chuva! (Participante 3)

Hoje em dia não, a gente tem um plano para o ano e a gente acaba cobrindo a região inteira e, tudo o que eu coletei eu mapeio o que deu e o que não deu problema, ou tinha alguma irregularidade. Então a gente consegue hoje ter uma visão do que a gente está fazendo! Antigamente não! (Participante 5)

[com referência ao VIGIAGUA] Então, a gente consegue hoje ter uma visão do que estamos fazendo! Antigamente não! Você saía com o carro e ia coletando meio que ao acaso... ah! Vamos parar aqui! sabe? Era bem assim! Depois a gente começou a entender, com as capacitações, mas no começo para mim era isso... nossa um horror!! eu estou sendo paga para ser controladora de qualidade da SABESP, particular da região... Sabe? Porque é... a gente não entendia porque coletar ali do cavalete, porque não... (Participante 3)

... e depois, com o curso, que a gente foi vendo como coletar e eles [os agentes de zoonoses] também foram melhorando... Com o curso o Vigiagua, sim... Logico! Falta algumas coisas, mas agora a gente está conseguindo encaixar a prática com o que fazemos... (Participante 5)

Eu sentia uma necessidade muito grande de entender o Vigiagua então, para mim, foi muito importante. (Participante 3)

A partir dos trechos supracitados, pode-se conjecturar que os colaboradores da pesquisa pontuam que quando as capacitações iam ao encontro das necessidades reais e da própria prática cotidiana do trabalho, esta faz sentido, o que está em conformidade com os autores citados, anteriormente, que discorrem sobre a Educação permanente.

Para compreendermos melhor esta questão é importante revisitar o que foi corroborado por Ceccim e Ferla (2008), ou seja, que a educação permanente se constitui como um quadrilátero da formação que une ensino- atenção- gestão- controle social, possibilitando que o ensino incorpore tanto a educação formal quanto a educação em serviço, e assim estabelece espaço de troca de experiências e de saberes construindo um saber comum entre os profissionais, de diferentes áreas, que constituem o serviço.

Além disso, pode-se dizer que desde a criação do SUS, a formação e o processo contínuo de aprendizado de trabalhadores de saúde é compreendida como uma forma de reorganizar as práticas de atenção à saúde, pois permite a partir da

“[...] reflexão sobre o que está acontecendo no serviço e sobre o que precisa ser transformado” (Ribeiro, Motta, 1996), não apenas a transformação dos processos de trabalho, mas também que possíveis descompassos sejam corrigidos, atendendo as necessidades do SUS. Cabe apontar que este ponto é enfatizado na narrativa dos profissionais, sendo ilustrativa com os participantes 3, 4 e 5, quando relatam a mudança da atuação a partir da reflexão propiciada pela capacitação.

Desta forma, parece que os colaboradores da pesquisa trazem o que Ceccim (2005, p. 162) diz sobre o que é central na educação permanente.

Em contrapartida, pode-se perceber, a partir do exposto pelo participante 5, que a capacitação tenha sido realizada tentando “uniformizar” as ações, esta não considerou as especificidades territoriais, e porosidade da realidade, porém, parece-nos, que isso não impede que os profissionais construam mecanismos de atuação que adequem o conteúdo a suas necessidades práticas. Segue o trecho transcrito:

... e depois com o curso que a gente foi vendo como coletar e eles também foram melhorando... Com o curso o Vigiagua, sim... Logico! Falta algumas coisas, mas agora a gente está conseguindo encaixar a prática com o [que acontece realmente]... *ainda falta alguma coisa porque lá em P. ainda tem muito poço né? algumas coisas não encaixam em relação aos poços ali, porque está contaminado, mas é o que ele tem, não tem SABESP, então ficam algumas coisas sem encaixe com o Vigiagua né? Mas... (Participante 5)*

Assim, "torna-se crucial o desenvolvimento de recursos tecnológicos de operacionalização do trabalho perfilados pela noção de aprender a aprender, de trabalhar em equipe, de construir cotidianos eles mesmos como objeto de aprendizagem individual, coletiva e institucional." (Merhy, 2005, p.161).

Diante do supracitado podemos evidenciar que o grupo focal permitiu perceber que a capacitação do Vigiagua foi a mais aguardada e a mais elogiada, por tratar-se de programa que foi implantado a mais tempo e que por isso, foi muito evidenciado em todas as administrações. Em 2015, a crise de água, mostrou a desorganização dos planos de acompanhamento da SABESP e o papel que o município deveria estabelecer para garantir a água potável aos munícipes. Isso desencadeou mudanças na estrutura organizacional da GVISAM que culminaram com as capacitações e a formação de comitês inter secretarias e estaduais. Então, nota-se que, foi necessária uma crise para que os níveis hierárquicos superiores percebessem a importância da Vigilância em Saúde Ambiental e que, o trabalho

realizado era insatisfatório e inconclusivo. Foi nesta oportunidade que começamos a investir na formação das equipes técnicas.

Observamos também que muitas dúvidas persistem com relação à prática do Vigisolo, que entre os programas desenvolvidos possui o conteúdo mais denso e intrincado. Será preciso acompanhamento mais próximo e sejam realizadas várias visitas conjuntas com as SUVIS e a equipe da COVISA, investir mais na formação teórica em grupos que se apoiem e troquem saberes e ainda, ativarmos os comitês técnicos intersecretariais para discussão de casos mais complexos e estabelecer protocolos.

Quanto ao Vigidesastres, a maior necessidade observada foi com relação ao fluxo de informações que não está bem ajustado tanto internamente quanto e, principalmente, com relação às outras secretarias.

O Vigiar necessita de capacitações que estejam mais relacionadas com o cotidiano das SUVIS pois, a Unidade Sentinela foi implantada em somente sete pontos da cidade e está ainda sem discussão abrangente em todo município. No grupo focal pudemos perceber que as equipes de SUVIS necessitam entender como atuar e desenvolver o trabalho técnico referente a poluição do ar e seus efeitos sobre a saúde.

Colocamos a seguir, algumas sugestões retiradas dos relatos do grupo focal realizado tendo em vista o aprimoramento dos processos de capacitação em Vigilância em Saúde Ambiental.

1 Referentes as mudanças didáticas das capacitações

1.1 Menos horas de duração por dia para cada tipo de capacitação, sendo preferencialmente de um período de 4 horas alternando manhã ou tarde.

1.2 Se houver atividades nos dois períodos que sejam mais dinâmicas, principalmente à tarde (após o almoço), com atividades práticas ou apresentações breves.

1.3 Capacitações breves disponibilizadas pela plataforma Moodle.

2 Referentes a formação prática

Acompanhamento mais constante do nível central (COVISA): sentem que a GVISAM continua distante e que precisam de uma proximidade técnica confiável e frequente. Para que isso se efetue propomos a divisão dos integrantes nas 6 regiões do município (nossas coordenadorias) para o estudo do território, segundo padrões franceses, dos riscos ambientais e sócio sanitários. Isso trará as equipes técnicas das SUVIS mais segurança e conseguirá contribuir para uma intervenção eficiente. Isto deve ser feito através de:

- 1- Discussão de casos locais por macrorregião.
- 2- Participação nas discussões de casos complexos com Grupo Técnico Intersecretarial quando pertinente ao território.
- 3- Discussão e sedimentação dos fluxos.
- 4- Avaliação periódica.

3. Educação permanente

1. Vídeos conferências e estudo de casos a distância;
2. Encontros periódicos com os técnicos das SUVIS para troca de experiências com pautas específicas
3. Encontros com equipe técnica referenciada de COVISA para discussões dos trabalhos específicos realizados em cada SUVIS regional.
4. Disponibilização do material das capacitações apresentadas na intranet ou online
5. Uso de protocolos e relatórios padronizados para as rotinas de trabalho
6. Busca de novas metodologias como a sugerida World Café.
7. Cronograma organizado de atividades da COVISA (central) e SUVIS(regional).

4. Novas Estratégias para Dinamizar a Formação das Equipes das SUVIS

A necessidade de aproximação técnica efetiva proposta é a divisão dos integrantes nas 6 regiões do município (coordenadorias) para o estudo

do território, com mapeamento dos riscos ambientais e sócio sanitários. Isso trará as equipes técnicas das SUVIS mais

- 1 Organização e conhecimento a equipe GVISAM/COVISA
- 2 Aprofundamento do estudo das áreas de risco encontradas nas regiões de cada supervisão técnica de saúde.
- 3 Participação dos técnicos das UBS, dos agentes de zoonoses e dos agentes comunitários de saúde em conjunto com as SUVIS para que com o conhecimento acumulado de cada um, se realize mapeamento eficiente das várias áreas de risco.
- 4 Planejar ações eficientes para os agravos encontrados no território, criando espaços democráticos de discussões e troca de saberes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu identificar as expectativas que os componentes das SUVIS possuem com relação ao seu trabalho e a percepção do que tem sido realizado em seus territórios antes e após as capacitações.

As capacitações mostraram-se pertinentes e permitiram evidenciar a necessidade de priorizarmos, durante a formação das equipes, metodologias participativas para que consigamos desenvolver suas habilidades profissionais à medida que se apossam da teoria densa e complexa que compõem os vários programas da Vigilância em Saúde Ambiental. As mudanças na compreensão prática do trabalho foram percebidas de maneiras distintas entre os diferentes programas.

Ficou evidente que será necessário propor um processo contínuo e gradativo de capacitações e implementações de ações bem discutidas para que se consiga ampliar o entendimento do que seja trabalhar a Saúde Ambiental numa cidade com a diversidade de necessidades como o Município de São Paulo.

O perfil profissional deve ser mantido em constante desenvolvimento para acompanhar as inovações, com potencial para resolução de problemas, capacidade de negociação com instituições locais, habilidade e técnica para oferecer o cuidado necessário com qualidade e de maneira oportuna.

A sugestões emanadas desta pesquisa contribuíram para a elaboração de uma proposta de educação permanente para as equipes da Vigilância em Saúde Ambiental (Adendo I) para dar continuidade a um programa de desenvolvimento profissional para os técnicos das SUVIS. As diretrizes propostas foram referentes a inúmeras mudanças na capacitação oferecida de maneira a se tornarem mais eficazes, menos monótonas, mais participativas, práticas e democráticas.

Essas diretrizes tem o objetivo de tornar o acompanhamento dos técnicos na instituição mais articulado, o que proporciona mais segurança e tranquilidade para o exercício de suas funções, além de formar profissionais talentosos que, ao alcançarem seus objetivos, serão capazes de contribuir para o sucesso dos programas, aproximando suas práticas da Atenção Primária à Saúde.

REFERÊNCIAS ⁷

- Afonso, Lúcia; Coutinho, Adriane Ramiro Azeredo. Metodologias de trabalho com grupos e sua utilização na área da saúde. In: Afonso L. et al. Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde. Belo Horizonte: Campo Social; 2003.
- Almeida AH, Trapé CA., Soares CB. Educação em saúde no trabalho de enfermagem. In: Soares CB, Campos CMS (Org.). Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013. p. 293-322.
- Ardoso IM."Rodas de educação permanente" na atenção básica de saúde: analisando contribuições, 2012. Saúde Soc. 2012;21(supl.1):18-28.
- Barcellos C, Quitério LAD.Vigilância ambiental em saúde e sua implantação no Sistema Único de Saúde. Rev. Saúde Pública [Internet]. 2006 Feb [citado 25 jul. 2016]; 40(1): 170-177. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000100025&lng=en.<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000100025>.
- Bardin, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 4ª. Edição; 2000
- Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2009.
- Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2016.
- Basch CE Focus group interview: an underutilized research technique for improving theory and practice in health education. Health Educ. Q. 1987;14(4):411-8.
- Bertussi D. Caminhos para a educação permanente. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
- Brasil. Ministério da Saúde. Conferência Pan-Americana sobre Saúde e Ambiente no Desenvolvimento Humano Sustentável – COPASAD. Plano Nacional de Saúde e Ambiente no Desenvolvimento Sustentável: Diretrizes para Implementação [citado 25 de jun 2016] Brasília;DF: Ministério da Saúde; 1995. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Planonac.pdf>.
- Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS n. 198, de 13 de fevereiro de 2004. Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para a formação e o desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências [citado 10 maio 2016]. Brasília, DF: Gabinete do Ministro; 2004a. Disponível em: www.saude.pb.gov/geab/portaria198.pdf.
- Brasil. Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Coordenação Geral de Vigilância em Saúde Ambiental e Organização Pan-Americana da Saúde/Representação da OPAS-OMS no Brasil. Relatório Final Simpósio

⁷De acordo com estilo Vancouver.

Internacional sobre a Construção de Indicadores para a Gestão Integrada em Saúde Ambiental, Recife (2004 jun.17 e 18); Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ; 2004b

Barros ASB. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. In: EMAT. de Paula; ELM. Matos (org.), Educação da criança hospitalizada: as várias faces da pedagogia no contexto hospitalar. Caderno Cedes. 2007; 27(73):257-278.

Brasil. Ministério da Saúde. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; 1988.

Brasil. Lei 8080, de 19 de setembro de 1990. Regulamenta o Sistema Único de Saúde [citado 11 maio 2017] 1990. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/lei8080.pdf>

Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigilância em saúde ambiental: dados e indicadores selecionados. 2006;1(1). Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

Brasil. Ministério da Saúde, Diretrizes para elaboração de Protocolos de Vigilância e Atenção à Saúde das populações expostas a solos contaminados. Coordenação de Vigilância em Saúde Ambiental/ Vigilância em Saúde de populações expostas a solos contaminados; 2006. Brasília/DF;2006. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/svs/visualizar_texto.cfm?idtxt=21567

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Subsídios para a Construção da Política Nacional de Saúde Ambiental/Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF: Editora do Ministério da Saúde; 2007. 56 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação Geral de Vigilância em Saúde Ambiental. Subsídios para a Construção da Política Nacional de Saúde Ambiental. Brasília, julho de 2005.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. A educação e o trabalho na saúde: a política e suas ações. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2009.

Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Responsabilidade Social Ambiental. Agenda 21. [citado 21 de jun.2016]. Brasília, DF:Esplanada dos Ministérios; 2012. Disponível em: <www.mma.gov.br/responsabilidadesocioambiental/agenda21>.

Brasil. Ministério da Saúde. Desenvolvimento Sustentável e Saúde: tendência dos indicadores e desigualdades no Brasil- OPAS/MS/representação. Brasil: Série Desenvolvimento Sustentável e Saúde. 1; 2014a.

Brasil. Ministério da Saúde. Programa de vigilância em saúde ambiental de populações expostas aos desastres naturais-Vigidesastres, 2014b [citado em 28 de jun de 2016]. Disponível em:

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/programa_vigidesastres.pdf

Buss PM, Machado JMH, Gallo E, Magalhães DdeP, Setti AFF, Franco Netto FdeA. Governança em saúde e ambiente para o desenvolvimento sustentável. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2012 June [citado 2016 jul 25]; 17(6): 1479-1491. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000600012&lng=en.<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000600012>.

Carneiro, M. A educação a distância como dispositivo de fomento às redes de cuidado em saúde. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.13, supl.1, p.76, 2009.

Carvalho BG, Peduzzi M, Mandu ENT, Ayres JRCM. Trabalho e intersubjetividade: reflexão teórica sobre sua dialética no campo da saúde e enfermagem. Rev Latino-am. Enfermagem. 2012 Jan-Fev; 20(1):16-26.

Ceccim RB. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. Infertace Comunicação Saúde Educação São Paulo. 2004/2005 set-fev; 9(16):161-77.

Ceccim RB, Ferla AA. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. Trab Educ Saúde. 2008;6(3):443- 56.

Ceccim RB, Feuerwerker LCM. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis: Rev Saúde Coletiva, 2004;14(1):41-65.

Cetesb - Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental. 2014 [citado em 20 de mar 2016]. Disponível em: <<http://www.cetesb.sp.gov.br/userfiles/file/areas-contaminadas/2014/texto-explicativo.pdf>>.

Cyrino EG, Toralles-Pereira ML. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. Cad Saúde Pública, 2004; 20(3):780-8.

Cogo ALP, Lopes EFS, Flores GE, Perdomini FRI, Brum LM, Scola ML, Santos MRR. A formação do profissional de enfermagem para a gestão do cuidado: contexto da educação permanente em serviço. 28 Semana de Enfermagem e suas dimensões: cuidado e o impacto na saúde; anais;[recurso eletrônico]. Porto Alegre: HCPA, 2017. 1 CD-ROM, 2017

Colognese AS, Melo JLB. A técnica de entrevista na pesquisa social. Cadernos de Sociologia. 1999, Porto Alegre; 9:143-159.

Debus Mary. (Org.). Manual para excelência em la investigación mediante grupos focales. Pennsylvania: University of Pennsylvania/ Applied Communications Technology, Needham Porter Novelli. 1988.

Dias ECEL, Silva T, Almeida MHC. Desafios para a construção cotidiana da Vigilância em Saúde Ambiental e em Saúde do Trabalhador na Atenção Primária à Saúde. Cad Saúde Colet. 2012; 2-3.

da Silva DSJR., Duarte LR. Educação permanente em saúde. Faculdade Ciências Médicas Sorocaba. 2015; 17(2):104-5.

Duarte LR. Ensino em serviço para o desenvolvimento de práticas educativas no SUS pelos agentes comunitários de saúde. In: Mialhe FL, organizador. O agente comunitário de saúde: práticas educativas. Campinas: Editora da UNICAMP; 2011.

Faria PAM, Martin ALAR, Cristo CS; Active Learning in Health Education: Historic Background and Applications; Rev. bras. educ. med. Rio de Janeiro. 2015 Jan./Mar; 39 (1)

Flores GE, Oliveira DLLD, Zocche DADA. Permanent education in the hospital context: the experience that brings new meaning to nursing care. Educação e Saúde. 2016; 14(2): 487-504.

Franco Netto G, Carneiro FF. Vigilância Ambiental em Saúde no Brasil. Ciência & Ambiente. 2002 jun-dez; 25:47-58.

Fagundes NC, Fróes Burnham, Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação do profissional de saúde. Interface- Comunicação, Saúde, Educação. 2005.

Fundação Nacional de Saúde. Vigilância ambiental em saúde. Brasília: Funasa; 2000.

Haddad J, Pineda EP. Educación permanente de personal de salud: la gestión del trabajo-aprendizaje en los servicios de salud. Serie de Publicaciones Científico-Técnicas OPS. 1997; n. 17.

Kind L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais, 2004. Psicologia em Revista. 2004 jun; 10(15): 124-36.

Lemos CLS. A concepção de educação da política nacional de educação permanente em saúde [tese]. Goiás: Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Educação; 2010.

Lima H, Rosseto R, Bernardes G, Pinheiro L. Políticas Públicas de Educação Profissional em Saúde no Brasil. CIAIQ; 2016; 2: 1406-1415.

Lopes SRS, Piovesan ET de A, Melo L de O, Pereira MF. Potencialidades da educação permanente para a transformação das práticas de saúde / Potentialities of permanent education for the transformation of healthcare practices Comun. Ciênc. saúde. 2007 abr.-jun; 18(2): 147-155.

Marques GQ, Lima MADS. As tecnologias leves como orientadoras dos processos de trabalho em serviços de saúde. *Rer.Gaúcha Enferm.*2004; 25(1):17-25

Mehry E. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. 3ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2002.

Mehry E. Comunic, Saúde, Educ; 2005 set.2004/fev; 9(16):161-77. O desafio que a educação permanente tem em si: a pedagogia da implicação. *Revista, Interface – Comunicação saúde, Educação.* set. 2004/fev.2005; 9 (16):161-77.

Minayo MC. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec; 2010.

Murofuse NT, Rizzoto MLF, Muzzolon ABF, Nicola AL. Diagnóstico da situação dos trabalhadores em saúde e o processo de formação no polo regional de educação permanente em saúde. *Rev Latino-Am Enfermagem.*2009;17(3):314-20.

DOI:10.1590/S0104-11692009000300006

» <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000300006>

Nery S. O. Grupo focal. (Extraído do Projeto Itajubá – Tecnópolis). 1997. Mimeografado.

Oliveira DC. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Rev enferm UERJ.* 2008; 16(4): 569-76.

Oliveira SS.; Câmara V de M. O desenvolvimento do curso básico de Vigilância Ambiental no Estado da Bahia- Relatório Técnico. *Rev Bahiana de Saúde Pública,* 2004; [Internet]. 2004 Jun/dez [citado 25 jul. 2016] 28(2): 267-79. Disponível em: http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/1198/pdf_525.

Peduzzi M. et al. Atividades educativas de trabalhadores na atenção primária: concepções de educação permanente e de educação continuada em saúde presentes no cotidiano de Unidades Básicas de Saúde em São Paulo. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação* 13.30 (2009): 121-134.

Peduzzi M. Trabalho em equipe de saúde no horizonte normativo da integralidade, do cuidado e da democratização das relações de trabalho. In: Pinheiro R., Barros MEB, Mattos RA. *Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas.* Rio de Janeiro: IMES/UERJ, CEPESC, ABRASCO; 2007. p. 33-46.

Pena PGL, Minayo-Gomez C. Premissas para a compreensão da saúde dos trabalhadores no setor serviço. *Saúde & Sociedade.* 2010; 19 (2):371-383.

Ribeiro ECO, Motta JIJ. Educação permanente como estratégia na reorganização dos serviços de saúde. *Divulgação em Saúde Para Debate.* 1996 jul.; 12: 39-44.
Roso A. grupos focais em Psicologia Social: da teoria à prática. *Psico,* Porto Alegre. 1997; 28(2): 155-169.

Scarcelli IR. Psicologia social e políticas públicas:pontes e interfaces no campo da saúde. [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia; 2016.

Sena RR de, Grillo MJC, Pereira Ld'Á, Belga SMMF, França BD, Freitas CPde. Educação permanente nos serviços de saúde: atividades educativas desenvolvidas no estado de Minas Gerais, Brasil. Rev. Gaúcha Enferm. [Internet]. 2017 [citado 19 out 2017]; 38(2): e64031.

Sehnem GD, Alves CN, Wilhm LA, Ressel LB. Utilização do grupo focal como técnica de coleta de dados em pesquisas: relato de experiência. Cienc Cuid Saúde 2015 Abr/Jun; 14(2):1194-1200. DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v14i2.21960.

São Paulo. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente – SVMA. Atlas Ambiental do Município de São Paulo – o verde, o território, o ser humano: Diagnóstico e bases para a definição de políticas públicas para as áreas verdes no Município de São Paulo. São Paulo: SVMA; 2004.

São Paulo. Caderno de Vigilância Epidemiológica: vigilância epidemiológica em saúde ambiental / Notebook Epidemiological Surveillance: epidemiological surveillance in environmental health São Paulo (Estado). Secretaria da Saúde. Centro de Vigilância Epidemiológica“ Prof. Alexandre Vranjac” – Divisão de Doenças Ocasionadas pelo Meio Ambiente (DOMA). São Paulo: CVE; maio 2013.

São Paulo. Saúde em dados. Boletim CEINFO ano XV, nº15, Junho/2016. [citado 04 de abril 2016]. Disponível em:
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/>

ADENDO**Proposta de Educação Permanente para as Equipes da Vigilância em Saúde Ambiental do Município de São Paulo****Justificativa**

Esta proposta, fruto da dissertação Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo: necessidades e desafios na capacitação de suas equipes técnicas, se propõe a partir das sugestões feitas pelos participantes da pesquisa contribuir para a educação permanente tendo em vista o desenvolvimento profissional dos técnicos das SUVIS.

A Educação Permanente das equipes técnicas da Vigilância em Saúde Ambiental no Município de São Paulo é uma preocupação da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), dada a dinâmica de ocupação do território urbano e aos crescentes riscos ambientais, sócio econômicos e biológicos que repercutem na saúde das pessoas.

Nos anos de 2015 e 2016 foram realizadas capacitações das equipes das seis regiões de saúde do município. Posteriormente, uma avaliação qualitativa dessas capacitações foi realizada e as sugestões feitas, incorporadas à presente proposta de Educação Permanente (EP).

Além disso, verificou-se a necessidade de que as diversas equipes do Grupo Técnico de GVISAM/COVISA, atualmente divididas por áreas específicas de atuação – VIGIÁGUA, VIGISOLO, VIGI DESASTRES e VIGIAR, fossem capacitadas de forma a trabalharem de maneira conjunta nos territórios, ampliando suas competências e compartilhando saberes.

A EP deve ser realizada por regiões de saúde, que correspondem às Coordenadorias Técnicas, de forma a permitir estudos dos territórios específicos, através de Oficinas de Trabalho para localização dos riscos ambientais e sócio sanitários.

Nesta direção, as diretrizes propostas foram referentes a inúmeras mudanças na capacitação oferecida de maneira a se tornarem mais eficazes, menos monótonas, mais participativas, práticas e democráticas.

Essas diretrizes tem o objetivo de tornar o acompanhamento dos técnicos na instituição mais articulado, o que proporciona mais segurança e tranquilidade para o exercício de suas funções, além de formar profissionais talentosos que, ao alcançarem seus objetivos, serão capazes de contribuir para o sucesso dos programas, aproximando suas práticas da Atenção Primária à Saúde.

Público Alvo: Técnicos de Vigilância em Saúde Ambiental

Local: a ser definido pela Coordenadoria Saúde

Responsável: SMS/ Coordenadoria de Vigilância em Saúde/ Gerência de
Vigilância em Saúde Ambiental

Fase 1- Diagnóstico situacional:

Parte da necessidade de se construir um Diagnóstico de Situação da relação Saúde e Ambiente do município, específico para cada uma das Coordenadorias Regionais de Saúde, por SUVIS. Com isso, pretende-se discutir de forma integrada entre seus técnicos os diversos Programas de Vigilância em Saúde Ambiental e definir prioridades de ações conjuntas.

Para o Mapeamento dos Riscos Ambientais que afetam a saúde, recomenda-se que seja feito nos moldes praticados pelo governo francês, destacando áreas de enchentes, de contaminação do solo e das remediadas, autoestradas, áreas de risco industrial, solapamento, água contaminada, minas e bicas, córregos, represas, incêndios florestais, tempestades e raios, lixões, aterros sanitários, regiões com esgotamento sanitário precário, áreas de proteção ambiental, florestas, praças, grandes avenidas, etc.

Abaixo segue o site que exemplifica, o processo realizado na França:

<http://www.linternaute.com/actualite/societe-france/catastrophe-risques-naturels/> Exemplo:

Pretende-se que, gradativamente, a equipe perceba seu território e localize as grandes dificuldades existentes, discutindo como enfrentar, prevenir e controlar os fatores ambientais condicionantes do processo saúde doença.

Duração: 24 horas com 6 Oficinas de 4 horas.

Fase 2: Qualificando a equipe para enfrentamento dos problemas

Nesse momento inicia-se com as sugestões colhidas no grupo focal, as quais foram avaliadas qualitativamente, com a intenção de se alcançar maior eficácia, mais participação, maior praticidade e com isso, propiciar um processo de trabalho mais humanizado e democrático formando equipes capazes de contribuir para o sucesso e prosseguimento dos diferentes programas.

Esta proposta de EP prevê momentos de formação em ambiente presencial e virtual (vídeo conferência e intranet), incluindo oficinas de trabalho e formação prática, destinados aos técnicos de nível superior das SUVIS (Supervisões de Vigilância em Saúde) que devem compartilhar seus saberes às suas equipes locais, agentes comunitários de saúde e equipes de ESF (estratégia de saúde da família). Duração de cerca de 100hs, com os temas VIGIÁGUA, VIGISOLO, VIGIDESASTRES E VIGIAR, acrescidos dos temas VIGIQUIM, Avaliação de impacto à saúde (AIS) e Efeitos das radiações não ionizantes.

Segue sugestão de EP:

1- PROGRAMA VIGIAGUA

Objetivos :

Propiciar o conhecimento da qualidade das águas subterrâneas no município de São Paulo e das técnicas de construção e operação de poços. Conhecer os critérios para elaboração e acompanhamento do Plano de Amostragem.

1.1. Aulas teóricas de 2hs com 8hs de duração no total

- O aquífero de São Paulo e o uso de poços para consumo humano, riscos e contaminantes: Qualidade das águas subterrâneas no estado de São Paulo. . Panorama atual do VIGIAGUA no município de São Paulo.
- Processo de Licença de Outorga, construção e operação de poços profundos.
- Critérios para elaboração do Plano de Amostragem do Vigiagua
- Interpretação de laudo de análise de água nos parâmetros físico-químico e microbiológico. SISAGUA

1.2. OFICINA DE PLANEJAMENTO DE AÇÕES SOBRE MINAS E BICAS – O que fazer com elas? 3 horas

1.3. PALESTRAS SOBRE ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO DE UMA NOVA CRISE HÍDRICA-

Palestras on line e debates por vídeo conferência. 2hs

1.4. ESTRATÉGIAS PARA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO EM VIGIÁGUA Prática 12hs

1.4.1. Rodas de conversa para organização dos trabalhos do Vigiagua nas SUVIS locais e reflexão do Plano de Amostragem: realizado nos últimos anos em cada território, possibilitando apontar os erros e acertos. Inserção das áreas remediadas que necessitam de atenção, poços contaminados e transportadoras do território.

1.4.2. Encontro Regional (nas SUVIS das Coordenadorias) para reflexão dos Planos de Amostragem da Qualidade da Água para consumo humano de cada Supervisão através de Metodologia World Café.

1.4.3. Encontros Regionais para troca de informações sobre o processo de elaboração do Plano de Amostragem da Qualidade da Água para Consumo Humano com mudança dos critérios para escolha de pontos de coleta. Nesta fase é muito importante a utilização do mapa de **risco ambiental** acrescidas das áreas de proteção ambiental, áreas de invasão ou agrícolas, áreas de vulnerabilidade além de utilizar dados dos pontos estratégicos e imóveis especiais cadastrados pela equipe de controle da dengue.

1.4.4. Apresentação, pelas SUVIS, do Plano de Amostragem para Monitoramento da Qualidade da Água para Consumo Humano na cidade de São Paulo e Ampliação dos Caminhos do VIGIAGUA.

2. PROGRAMA VIGIDESASTRES :

OBJETIVOS

Prevenção de risco de desastres naturais e/ou antrópicos e, na sua ocorrência, resposta rápida e adequada objetivando evitar danos à saúde humana. Estudo do fluxo e definições de trabalho.

Participação na **CMTCPP** (Comissão Municipal de Transportes de Cargas e Produtos Perigosos), na **SMTTP** – Subcomissão Metropolitana de Transporte de Produtos Perigosos e no Plano Preventivo de Chuvas de Verão (**PPCV**) que estabelecem fluxos de atendimento aos desastres com as várias secretarias.

Aulas teóricas 2hs – vídeo conferência 2.1.1 e 2.1.2

2.1. Estratégias para organização do trabalho em VIGIDESASTRES

2.1.1. Criação de fluxo da Vigilância em Saúde com discussão técnica dos papéis e revisão anual das várias participações existentes;

2.1.2. Avaliação de fluxo de trabalho dos municípios da região metropolitana e no município de São Paulo, referente a acidentes de transportes de produtos perigosos, inundações, solapamentos, incêndios e acidentes radiativos.

2.1.3. Rodas de conversa e mapeamento dos locais mais vulneráveis em cada SUVIS regional. Efetividade do fluxo. Discussão de casos em reuniões gerais (2hs)

Fluxo Proposto para o VIGIDESASTRES

VIGIDESASTRES/COVISA

PROGRAMA VIGISOLO

OBJETIVO :

Vigilância das populações expostas em áreas contaminadas. Riscos de contaminação ambiental e a possibilidade de exposição humana a substâncias químicas. Acompanhamento das áreas de mudanças de uso.

- 2.2. Aulas teóricas presenciais de 12hs totais divididas em 3 períodos de 4 horas.
 - 2.2.1. Bases Conceituais e Práticas de Vigilância em Saúde Ambiental de Populações Expostas em Áreas Contaminadas
 - 2.2.2. Situação atual das áreas contaminadas com mudança de uso do solo.
 - 2.2.3. Toxicologia Ambiental e Avaliação de Risco à Saúde Humana por exposição a substâncias tóxicas.
 - 2.2.4. Avaliação clínica de populações potencialmente expostas
 - 2.2.5. Epidemiologia Ambiental.
 - 2.2.6. Comunicação de risco à Saúde Humana.
 - 2.2.7. Banco de áreas contaminadas e reabilitadas da CETESB.
 - 2.2.8. Contaminantes químicos e rotas de exposição.

2.2.9. Programa Municipal VIGISOLO. SISOLO (Sistema de Informação de Vigilância de Populações Expostas a Áreas Contaminadas).

Estratégia para organização do trabalho em VIGISOLO

OFICINAS DE TRABALHO NAS SUVIS REGIONAIS utilizando mapeamento das áreas contaminadas e as reabilitadas, regiões agrícolas ou com agricultura orgânica e áreas de contaminação mais complexa. Monitoramento e tratamento. Visitas conjuntas SUIVIS/GVISAM. Prática de pelo menos 8hs

http://www.achetudoeregiao.com.br/animais/poluicao_do_solo.htm

4. PROGRAMA VIGIAR - UNIDADE SENTINELA COM ESTRATÉGIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DE POPULAÇÕES EXPOSTAS À POLUIÇÃO DO AR

Objetivo:

Relação dos agravos a saúde e os poluentes atmosféricos. Material particulado inalável e mobilidade urbana. Estratégia de monitoramento – Unidade Sentinela. Enfrentamento da secara do ar.

• **Aulas teóricas:** presenciais de 4hs.

- Riscos de saúde relacionados à qualidade do ar .
- Mobilidade urbana e relações com a saúde.

- O que é UBS Sentinela?

• **Estratégias para organização do trabalho em VIGIAR-Unidades Sentinelas no município de São Paulo**

Encontros práticos(3) de 4 horas cada um

- **Oficinas de Trabalho para Mapeamento dos Riscos Ambientais que afetam a Saúde no território das UBS Sentinelas**, localizando os locais mais vulneráveis ao aparecimento de doenças respiratórias e as crianças menores de 5 anos que são acompanhadas nas unidades.
- **Apresentação dos trabalhos realizados nas Unidades Sentinelas cada três meses**: análises dos casos atendidos com formação de grupos de discussão (Rodas de Conversa) com a equipe de cada UBS para discussão dos casos, análise do fluxo de informações e propostas de planejamento de ações. Comparar o número de pacientes atendidos e a flutuação climática.
- **Encontros Regionais por Coordenadoria** para troca de informações e capacitação das Unidades Sentinelas.

5 - AVALIAÇÃO DE IMPACTO À SAÚDE (AIS)

Objetivo:

Refletir sobre a importância da avaliação do impacto à saúde diante de grandes empreendimentos. Criar modelos oficiais para serem utilizados com eficiência no licenciamento ambiental.

- **Encontro sobre a introdução dessa Metodologia de trabalho** de maneira a apontar possíveis riscos à saúde nos processos de licenciamento ambiental dos empreendimentos. Duração 2hs
- **Proposta de um Modelo Institucional** para subsidiar, e dar parecer pelo setor saúde, políticas públicas, planos programas ou projetos para a mitigação ou interrupção de potenciais impactos à saúde relacionados ao Licenciamento Ambiental de Empreendimentos. 2hs.
- **Estudo de casos por Coordenadoria em Roda de Conversa.** (vídeo conferência).Duração 2hs.

6 – PROGRAMA VIGIQUIM - EXPOSIÇÃO HUMANA A SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS PRIORITÁRIAS

Objetivos:

Capacitar os técnicos e discutir protocolos relacionados aos riscos e agravos referentes à exposição humana dos produtos químicos prioritários: agrotóxicos, amianto, benzeno, chumbo e mercúrio.

Aulas teóricas 12 hs (aulas presenciais e on line) de 2hs cada

Estratégias para organização do trabalho em VIGIAR

- Definir estratégias de promoção a saúde e prevenção dos riscos e agravos relacionados à exposição humana a agrotóxicos, amianto, benzeno, chumbo e mercúrio.
- Palestra sobre Saúde e Segurança química no Brasil .

7 - SENSIBILIZAÇÃO SOBRE EFEITOS DA RADIAÇÃO NÃO IONIZANTE À SAÚDE HUMANA

Objetivos:

Sensibilizar os técnicos e organizar ações.

Aulas teóricas : Total 3 horas on line

- Efeitos da luz artificial na fisiologia humana.
- Poluição eletromagnética e saúde humana
- Campo eletromagnético e saúde

8 - REUNIÕES TÉCNICAS MENSAIS (por coordenadoria?) PARA DISCUSSÃO DE CASOS E ATUALIZAÇÕES.

9 – PARTICIPAÇÕES DOS TÉCNICOS NAS COMISSÕES E CAMARAS TÉCNICAS DO VIGISOLO, VIGIDESASTRES,VIGIAR E VIGIAGUA QUANDO PERTINENTE AO TERRITÓRIO

10- OFICINA ANUAL DE AVALIAÇÃO DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE AMBIENTAL

Objetivo: Realizar avaliações e introduzir a importância das revisões anuais de cada território através de mapeamento dos riscos ambientais que influenciam a saúde para planejamento e análise das ações. Propor Metas para o Plano Plurianual de SMS.

Estratégias para organização do trabalho:

1. Cada programa fará **avaliações semestrais** das ações realizadas mensalmente, apontadas em instrumento próprio, comparando as estratégias utilizadas para o que foi proposto nas capacitações, sua aplicabilidade, as dificuldades e as necessidades para melhor andamento do seu trabalho. Deve-se usar os mapas de riscos para comparar geograficamente a extensão das ações.

Oficinas com duração de 4 horas e realizadas em cada Coordenadoria Regional com suas respectivas SUVIS.

2. Encontros Regionais para Avaliação do Impacto dos Programas

Através de World Café serão realizadas análises anuais dos diferentes programas com a perspectiva de apresentar para a discussão anual da Vigilância em Saúde Ambiental. Prática de 4 horas.

3. Oficina Anual de Avaliação da Vigilância em Saúde Ambiental

Serão apresentados os relatórios dos trabalhos Regionais, mapeados os nós críticos e planejadas as ações resolutivas.

Cada Supervisão Técnica de Saúde vai propor um problema como meta.

Cada Coordenadoria Técnica de Saúde elegerá sua meta para o Plano Plurianual

Prática de 6 horas.

ANEXOS

ANEXO A – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE ODONTOLOGIA

Departamento de Odontologia Social

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo: necessidades e desafios para capacitação das equipes.

Eu, Lygia Cecília Cunha gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa “Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo: necessidades e desafios para capacitação das equipes”, que faz parte do curso de Mestrado Profissional Interunidades em Formação Interdisciplinar em Saúde da Universidade de São Paulo e é orientada pelas Profas. Dras. Helena Akemi Wada Watanabe e Simone Rennó Junqueira. O objetivo da pesquisa é conhecer qual o impacto que as capacitações realizadas pela equipe de Vigilância em Saúde Ambiental da COVISA promoveram nos profissionais que atuam em SUVIS. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: uma vez concordando em participar, será solicitada sua presença em um grupo focal, em dia, horário e local de sua conveniência e, por aproximadamente 90 minutos, será conduzida uma conversa na qual serão feitas perguntas norteadoras a fim de conhecer com maior profundidade sua percepção sobre sua formação/capacitação para o trabalho na SUVIS, bem como do que foi desenvolvido e sugestões para o aprimoramento dos processos de capacitação em Vigilância em Saúde Ambiental. Por uma questão metodológica, o encontro será gravado, o que facilitará a posterior transcrição.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente VOLUNTÁRIA, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou a sua relação com os pesquisadores ou com as instituições de ensino e serviço em que está vinculado.

Os riscos são mínimos e inerentes à exposição de suas ideias. No entanto, se durante a coleta das narrativas, houver algum tipo de desconforto ou constrangimento, todos os cuidados serão tomados para adequar o procedimento às suas necessidades ou interromper a pesquisa para atendê-lo. Os pesquisadores se responsabilizam pelo acompanhamento e assistência ajudando-o no que for necessário.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade e o seu local de trabalho.

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores, conforme os contatos: Lygia Cecília Cunha pelo telefone (11) 999356221 ou pelo e-mail: lycecunha@gmail.com ou Simone Rennó Junqueira, no Departamento de Odontologia Social da Faculdade de Odontologia, Av. Professor Lineu Prestes, 2227 - Cidade Universitária - CEP: 05508-000 – São Paulo – SP ou pelo telefone (11) 3091-7891.

Os aspectos éticos da pesquisa, assim como dúvidas e denúncias poderão ser esclarecidos junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, no endereço: Av. Professor Lineu Prestes, 2227 - Cidade Universitária, CEP 05508-000 – São Paulo – SP. Tel.: (11) 3091 7822/E-mail: cepfo@usp.br.

Ou ainda, no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (SMS) pelo telefone: (11) 3397-2464/ E-mail: smscep@gmail.com.

AUTORIZAÇÃO

Declaro que fui devidamente esclarecido e CONCORDO em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa “Contribuições para a formação em psicologia no contexto do trabalho em serviços públicos de saúde”, e que estou recebendo uma cópia deste termo.

Nome: _____

Contato (telefone/email): _____

Assinatura: _____

Em ____ de _____ de 2015.

Atenciosamente,

Lygia Cecília Cunha
Pesquisadora
n. USP 9467460

Profa. Dra. Helena A.
W. Watanabe
Pesquisadora

Profa. Dra. Simone R.
Junqueira
Pesquisadora
n. USP 1988460

ANEXO B- Comitê de Ética em Pesquisa da FOU SP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vigilância em Saúde Ambiental na cidade de São Paulo: necessidades e desafios na capacitação das equipes.

Pesquisador: LYGIA CECILIA CUNHA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69320717.6.3001.0086

Instituição Proponente: Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.165.058

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa se propõe a analisar qual o impacto que as capacitações realizadas pela equipe de Vigilância em Saúde Ambiental da COVISA promoveram nos profissionais que atuam em SUVIS através da realização de grupo focal.

Esta pesquisa será realizada em duas etapas:

1. Visa traçar o perfil dos profissionais que atuam em SUVIS e que participaram do processo de capacitação.
2. Visando realizar a análise do processo de capacitação, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, em que serão convidados pelo menos 2 representantes de cada SUVIS regional (6) da(s) Coordenadoria(s) Regionais de saúde, bem como 1 representante da COVISA para participar de um grupo focal em que, através da utilização de perguntas norteadoras (anexo 3), buscar-se-á conhecer com maior profundidade sua percepção sobre sua formação/capacitação para o trabalho na SUVIS, bem como do que foi desenvolvido e sugestões para o aprimoramento dos processos de capacitação em Vigilância em Saúde Ambiental.

Vale salientar que essa conversa grupal será agendada em data e local mais apropriados para os participantes e terá, em média, uma duração entre 60 a 90 minutos. Este encontro será gravado, em áudio digital, para facilitar a transcrição e ficarão sob a guarda da pesquisadora.

Endereço: Rua General Jardim, 36 - 8º andar
Bairro: Vila Buarque
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3397-2464

CEP: 01.223-010

E-mail: smscep@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.165.058

Critério de Inclusão: ter participado de pelo menos 2 temas de capacitação, ser funcionário que esteja atuando em SUVIS há pelo menos 18 meses e que seja servidor público municipal.

Critério de Exclusão: O que não se aplica aos critérios de inclusão.

A análise dos dados será realizada pela análise de conteúdo temática proposta por Bardin.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar qual o impacto que as capacitações realizadas pela equipe de Vigilância em Saúde Ambiental da COVISA promoveram nos profissionais que atuam em SUVIS.

Objetivo Secundário:

- Verificar se a capacitação realizada foi pertinente com a realidade vivenciada pelas SUVIS.
- Analisar se houve mudança na compreensão e na prática de trabalho das SUVIS sobre a Vigilância em Saúde Ambiental;
- Levantar sugestões para aprimoramento dos processos de capacitação em Vigilância em Saúde Ambiental.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Considera-se que os riscos são mínimos e inerentes à exposição em grupo focal, por parte dos sujeitos, de suas ideias. No entanto, se durante o desenvolvimento do grupo, houver qualquer tipo de desconforto ou constrangimento, todos os cuidados serão tomados para adequar o procedimento às necessidades dos participantes ou interromper a pesquisa para atendê-los. Os pesquisadores se responsabilizam pelo acompanhamento e assistência ajudando o colaborador no que for necessário.

Benefícios:

Não haverá benefício direto ao sujeito de pesquisa, mas acredita-se que, ao participarem do grupo focal os sujeitos e os pesquisadores poderão refletir sobre a sua experiência, prática cotidiana e participação na capacitação realizada anteriormente, bem como seja possibilitado um espaço para troca de saberes e para levantamento de propostas para novas capacitações resultando na construção de um conhecimento comum acerca do fazer em Vigilância em Saúde Ambiental.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia é adequada aos objetivos propostos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A Folha de Rosto está corretamente preenchida, foram identificadas instituição proponente e

Endereço: Rua General Jardim, 36 - 8º andar
Bairro: Vila Buarque **CEP:** 01.223-010
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3397-2464 **E-mail:** smscep@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.165.058

coparticipante, autorização para realização da pesquisa foi adequadamente apresentada.

TCLE, Cronograma, fonte financiadora e orçamento detalhado estão adequados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto liberado para iniciar após o pesquisador excluir do TCLE o campo para Documento de identificação do voluntário.

Considerações Finais a critério do CEP:

Para início da coleta dos dados, o pesquisador deverá se apresentar na mesma instância que autorizou a realização do estudo (Coordenadoria, Supervisão, SMS/Gab, etc).

Se o projeto prever aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEP antes de ser implementada.

De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS os relatórios semestrais. O relatório final deverá ser enviado através da Plataforma Brasil, ícone Notificação. Uma cópia digital (CD/DVD) do projeto finalizado deverá ser enviada à instância que autorizou a realização do estudo, via correio ou entregue pessoalmente, logo que o mesmo estiver concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_853900.pdf	06/06/2017 11:55:56		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Lygia_Cecilia_Cunha.pdf	06/06/2017 11:49:25	LYGIA CECILIA CUNHA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Lygia.pdf	06/06/2017 11:48:55	LYGIA CECILIA CUNHA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_853900.pdf	30/05/2017 22:15:13		Aceito

Endereço: Rua General Jardim, 36 - 8º andar

Bairro: Vila Buarque

UF: SP

Município: SAO PAULO

CEP: 01.223-010

Telefone: (11)3397-2464

E-mail: smscep@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.165.058

Cronograma	Cronograma.pdf	30/05/2017 21:47:18	LYGIA CECILIA CUNHA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_853900.pdf	08/05/2017 14:44:00		Aceito
Folha de Rosto	arquivo_1014_0001.pdf	08/05/2017 14:34:46	LYGIA CECILIA CUNHA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia.pdf	04/05/2017 12:30:07	LYGIA CECILIA CUNHA	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	04/05/2017 12:26:52	LYGIA CECILIA CUNHA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 10 de Julho de 2017

Assinado por:
SIMONE MONGELLI DE FANTINI
(Coordenador)

Endereço: Rua General Jardim, 36 - 8º andar
Bairro: Vila Buarque
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3397-2464

CEP: 01.223-010

E-mail: smscep@gmail.com

ANEXO C- Perfil dos profissionais

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

COVISA

Identificação

Nome: _____

Função: _____

Coordenadoria: _____

SUVIS: _____

Tempo de **atuação na SUVIS**: _____**Área de atuação** em SUVIS: _____Participação em **processo anterior** de capacitação para atuação em Vigilância em Saúde Ambiental

() Não () Sim

Qual(is) e quando:

Quais capacitações dadas sobre Vigilância em Saúde Ambiental em 2015/16 você participou?

ANEXO D- Roteiro para realização do grupo focal

1. Apresentação dos participantes, explicações e esclarecimentos sobre a pesquisa e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido
2. Questões norteadoras:
 - Quais as expectativas sobre a capacitação? Vocês acham que a capacitação era necessária para melhor desenvolver o trabalho em Vigilância em Saúde Ambiental?
 - Gostaria que vocês falassem sobre se a prática no seu trabalho mudou, após a capacitação realizada pela equipe de Vigilância em Saúde Ambiental.
 - Vamos comentar sobre a capacitação realizada. Como vocês qualificam o conteúdo e a estratégia metodológica?
 - Finalmente gostaria que vocês falassem sobre as sugestões que teriam para o aprimoramento de seu trabalho e capacitações que acham necessárias.

ANEXO E- Transcrição do grupo focal

Mediadora: Então, como eu disse para vocês, isto faz parte da pesquisa da L., e, em nome dela eu gostaria de agradecer a vocês pela participação é... a disponibilidade de poder se deslocar neste dia chuvoso e vir aqui né?

(risos)

Mediadora: A proposta da nossa conversa é procurar entender com vocês, e compreender como foram os treinamentos que vocês passaram nos anos de 2015, 2016 e os treinamentos agora em 2017... oficinas e treinamentos que vocês tiveram...Não sei se vocês se lembram...mas...vocês estão aqui porque foram os que mais participaram dessas... dessas oficinas, né? Não é treinamento né? São oficinas?

Participante 1: É... a gente chamava de oficina de treinamento.

Participante 2: Capacitação é...

Mediadora: Isso! Queremos entender nessa conversa de que maneira essas capacitações foram compreendidas por vocês e para ver se isso... também... desencadeou mudanças em seus processos de trabalho. Se sintam à vontade para falarem o que quiserem, se colocarem, pois como é uma pesquisa, ela tem um comitê de ética que prevê que tudo que aqui for dito aqui será preservado a identidade de vocês... então, ninguém ficará sabendo, mesmo que seja feito um relatório para COVISA, não será dito o nome de ninguém, por isto, fiquem a vontade... podem falar mal se vocês quiserem... pois a ideia também é fazer uma avaliação de como aconteceram estes treinamentos, estas oficinas, capacitações e assim compreender se realmente... fez sentido para vocês que participaram ou se foi algo que foi demandado pela COVISA que compreendeu que vocês precisariam fazer e realmente não...

Participante 2: Estas capacitações... É que é assim... teve uma parte que eu estava na sanitária e depois voltei para a ambiental... então, são todas...

Mediadora: Sim, são todas...são...

Participante 2: E aí... As que a gente fez na "CCZ" tá inclusa? ou só as que a gente veio na COVISA?

Mediadora: sim... das que só a que vocês fizeram na COVISA né?

Participante 1: a CCZ faz parte...

Pesquisadora: A COVISA foi para lá...não faz parte...

Participante 2: tá... tá...

Participante 3: Mas pensando nos Vigis é isso?

Participante 2: Ah!!! Pensando nos Vigis? Ah tá!

Participante 1: Porque o “CCZ” também é um braço da COVISA.

Participante 3: Mas sempre pensando no Vigiaqua, Vigiar, Vigisolo...

Participante 2: Ah! Tá! Tá! Então é da ambiental esta parte!

Mediadora: Isso! Antes de iniciarmos nosso “bate papo”, vou entregar para vocês um termo, é... de consentimento livre e esclarecido, que gostaria que vocês lessem e assinassem. É... vocês podem... é... vocês vão levar uma cópia para casa. Por exemplo, cheguei em casa li, pensei melhor e hum... acho que eu não quero mais participar... Vocês podem desistir a qualquer momento da pesquisa, é só entrar em contato por e-mail ou por telefone... com... no caso com a pesquisadora, a L, falando que vocês querem tirar a autorização, o papel de vocês na pesquisa... então, a qualquer momento vocês poderão se isentar da pesquisa.

Pesquisadora: Então... eu só queria acrescentar uma coisa...Essa pesquisa, essa análise que vamos tentar fazer aqui, é muito importante para nós aqui da GVISAM ? Porque? Porque... a gente sabe que a Vigilância em saúde ambiental tem muitos braços e muitas coisas desconhecidas? Que a gente precisa ir conversando para ir aprimorando. Então assim, ela tem, ela vai ser importante... eu estou saindo da GVISAM, mas ... a C., a Mg. que vão ficar... esse grupo vai ser de grande ajuda... O projeto do mestrado, que é um mestrado profissional que tem essa,...essa intenção de aprimorar as questões do nosso trabalho cotidiano... né? Então o compromisso é de voltar e mostrar para vocês os resultados da pesquisa.... Ah! de identificação.

Participante 4: Alguém tem uma caneta? Porque eu estou com um lápis... obrigada!

Participante 1: Então é para a gente falar... como é uma pesquisa voltada para a Vigilância em saúde Ambiental é das capacitações que participaram, como você falou, é das Vigis?

Mediadora: Isso!

Pesquisadora: Terão perguntas norteadoras...

Participante 2: A gente já faz tanta questão (risos)

Mediadora: Além disso, a gente precisaria que depois que vocês lessem e assinassem...preenchessem uma ficha de identificação. Essa ficha de identificação é só para a gente conhecer o perfil profissional de vocês. Quanto tempo vocês estão

aqui! Que área de atuação na SUVIS vocês estão... é só para gente conhecer o perfil, não tem nada de análise nem nada, tá? ...

Silêncio...

Mediadora: Você já terminou?

Pesquisadora: Você assina aqui também?

Mediadora: a deles não precisam assinar, só se eles quiserem... Mediadora: Isso... a sua cópia!

Participante 1: Obrigada!

Participante 4: Hoje que dia que é?

Mediadora e participante 1: dia 17!

Participante 1: Acho que hoje nós temos uma inspeção na estação de tratamento da SABESP, mas, (risos), mas acho que não vai rolar...

Participante 2: A previsão é a semana toda de chuva né?

Participante 5: até terça! Né?

Participante 1: Função aqui ou? Porque aqui... a gente é analista em saúde, mas a minha profissão é enfermeira.

Mediadora: Se você puder colocar...

Participante 2: É analista em saúde/enfermeira!

Mediadora: é... se você puder colocar as duas coisas...

Participante 4: é que eu nunca sei... cargo... função sabe... né... eu nunca sei.

Participante 2: É... eu nunca sei também...

Participante 4: E a menina do RH falava... P! pelo amor de Deus você não sabe? Não... eu não sei...risos.

Participante 3: E dos agentes então!? Risos.

Participante 2: Eu também não sei...

Participante 3: é... agente de que agora?

Participante 1: Meu Deus do céu...

Participante 2: Esses dias a gente estava montando uma apresentação!...

Participante 1: É mais fácil colocar... agente de endemia, de apoio de saúde?

Participante 4: agente multi saúde

Participante 2: A gente pôs agente de endemia...

Participante 3: Agente de endemias,...agente de apoio de zoonoses,... agente de saúde...

Todos: risos

Participante 5: agente de endemia, de saúde...

Participante 4: É ACS barra endemias, é isso?

Todos: ah! É!! Faz sentido!

Participante 1: Ah! Deixa eu diminuir aqui...porque gente! Eu estou em uns grupos e o pessoal é tão animado, que as vezes... de manhã eu vejo todos os meus WhatsApp, quando vou ver de tarde já tem 200!

Pesquisadora: Aqui tem a listinha das capacitações se quiserem...

Participante 1: Ah! Para gente lembrar, né?

Participante 2: Ah é bom, porque eu sou péssima...

Pesquisadora: Eu fiz aqui e vocês foram as mais cotadas! risos

Participante 1: Participação em processo anterior de capacitação... não entendi essa pergunta!?

Mediadora: Se antes destas capacitações que foram propostas vocês haviam participado de alguma outra capacitação.

Pesquisadora: Que tiveram, por exemplo, 2013, 2014...

Participante 1: Ahhh entendi!

Participante 2: Aqui ó! Nem sei se foi isso que ela explicou, porque eu não prestei atenção... Tempo de atuação na SUVIS! Na SUVIS que estou agora? Ou é do tempo que eu estou...

Mediadora e Pesquisadora: O tempo total!

Participante 3: Desde que você entrou na prefeitura!

Pesquisadora: Desde que entrou na prefeitura!

Participante 3: Olha eu não lendo as coisas certo...posso rasurar?

Risos

Participante 2: Ela está grávida, grávida é assim mesmo!

Participante 3: eu estou esquecida!

Participante 2: quando você tiver bebê é pior! O pessoal lá no trabalho vive me lembrando... eu digo: Pessoal, eu não durmo, tenho filho pequeno...

Participante 4: Eu não sei...o que acontece com grávida no cérebro que ela começa a esquecer!

Participante 2: eu já era esquecida, fiquei mega esquecida!

Participante 4: Mas depois volta!

Pesquisadora: Tem um discreto edema...

Participante 3: Ontem eu estava fazendo as listas de campanha de vacinação, de quais agentes iriam participar! e eu tinha escrito as equipes de “assim”, e na hora de transcrever para folha eu fui copiando “de assim”!

Participante 2: Ah! Mas quando eu fiquei grávida... eu falava para o pessoal... calma!

Participante 3: Aí quando eu cheguei na metade falei: Meu Deus! O que eu estou fazendo? Risos

Mediadora: e teve trabalho duas vezes...

Participante 4: Esse... Participação em processo anterior de capacitação para atuação em vigilância em saúde ambiental?

Mediadora: Se você participou...

Participante 4: Antes de 2015 né?

Mediadora: Isso!

Participante 4: Sim, agora lembrar que vai ser duro? Risos

Participante 5: Sim...Agora quais?

Participante 3: É...

Participante 2: Aqui área de atuação na SUVIS? É ambiental? Não sei o que...

Participante 4: Mas antes de 2015? Tem aí de antes de 2015? Não né?

Pesquisadora 2: Não!

Participante 4: eu não lembro... quer dizer... até lembro alguma coisa

Pesquisadora: Teve na época da C. já teve...

Participante 2: Teve sim... Vigidesastre, teve Vigiagua, teve antes...

Participante 3: Eu já tive dos Vigis...??

Participante 1: Não precisa colocar a área né?

Participantes 4: Quais e quando é sacanagem!!!

Participante 3: é... risos

Pesquisadora: aí não precisa!

Mediadora: Se não lembrar não tem problema também...

Participante 1: Vigiar eu lembro...

Participante 2: Eu lembro do Vigidesastre... é a única que eu lembro

Participante 3: A gente não teve do Vigiagua?

Participante 2: Teve! Teve um monte né?

Participante 1: Vigiagua teve...

Participante 2: Eu lembro que fiz até pelo ministério...Vigiagua

Participante 4: Ele levou a gente para o laboratório dele! Muito chique!

Participante 3: Ah! Vocês fizeram aquele de Vigidesastre que foi lá no SAMU?

Participante 2: ah! Eu fiz!

Participante 1: eu fiz...

Participante 4: Mas isso foi agora recente né?

Participante 2: Ah não, foi antes de eu ter filho...

Pesquisadora 1: Acho que tem uns dois anos...

Participante 2: Ah! Eu acho que tem mais... meu filho já tem 3 anos! Tem mais esse do SAMU!

Participante 4: AH! Tá...

Participante 1: O primeiro do SAMU! Já deve ter uns 3, 4 anos...

Participante 3: Esse que ela estava falando eu acho que tem um ano mais ou menos...

Participante 2: É... teve um outro agora né?

Participante 3: Eu fiz faz tempo...

Participante 1: Eu fiz o antigo...

Mediadora: se vocês não lembrarem, não tem problema também!

Pesquisadora: É que está um exercício mental para gente! risos.

Participante 3: Tá...

Participante 1: O quando é difícil... quais ainda lembro de dois... quando não!

Participante 2: Pode colocar os que eu lembro?

Mediadora: Sim!

Participante 5: depois teve o Vigisolo, o Vigiagua...

Participante 4: eu não participei, mas lembro que você comentou!

Participante 3: O do SAMU era do Vigidesastre né?

Participante 1: Era, era de Vigidesastre!

Participante 3: Era o de plano de chuvas não era?

Participantes: É!!!!

Pesquisadora: Planos de chuva de verão!

Participante 4: Do Vigidesastre, do SAMU que ela está falando...

Participante 5: do Vigidesastre não participei de nenhum!

Participante 2: Então era plano de chuva de verão?

Mediadora: Você já terminou?

Participante 4: não! Eu tenho que lembrar os de 2015 e de 2016, esperando dar uma clara aqui!!

Participante 2: Eu não lembro gente!

Participante 5: eu também não!

Participante 1: Eu vou colocar só estes dois aqui...

Participante 3: Esse deve ter sido mais ou menos de 2014...

Participante 4: Ah! Eu fiz um...

Participante 1: é né?

Participante 4: A gente ficou uma semana... no...num hotel, em Santo André... é...

Participante 2: Nossa!!! Que Beleza!!!

Participante 3: Que delícia!!!

Participante 1: eu não fui chamada!

Participante2: Eu também não!!!

Participante 4: foi a melhor participação que eu fiz!

Participante 2: Nossa, que tristeza! Adoro essas coisas!

Participante 1: Nossa, a gente pensa... que pobreza, hoje não tem nada...

Participante 4: Foi...uma semana no hotel!!!

Pesquisadora: A Participante (F) participou do Vigiar, Vigiaqua...depois...

Participante 5: eu não sei em novembro, por causa daquela confusão dos carros lá!

Do que vai acontecer! Da campanha lá...

Pesquisadora: eu sei...

Paciente 1: Vigisolo, Vigidesastre, Vigiaqua...Teve todos os Vigis!...

Participante 1: Vigiar teve? Vigiar teve, mas eu não fui! Foi o veterinário!

Participante 3: Vigiar?

Participante1: Vigiar teve, não sei se você foi!

Participante 3: sentinela?

Participante 4: Vigiar eu fiz, você não fez?

Participante: Então, eu estava lá.

Participante 1: Eu não fiz, quem fez foi o veterinário!

Participante 4: Eu acho que você fez, a gente foi lá no COREN

Participante 3: Foi no COREN né?

Participante 4: É!

Mediadora: Essa cópia é sua!

Participante 3: Esse é de vocês também né?

Mediadora: Isso, e essa cópia é sua!

Participante 4: O que mais... vamos ver! Vigidesastre...

Mediadora: Obrigada!

Participante 3: Ah! Ela está usando isso para colar oh! não vale! Risos

Participante 2: Não vale!

Risos!

Participante 2: Eu tirei do meu cérebro que... é péssimo, risos

Participante 3: Eu também!

Participante 4: Ia ficar tudo isso aqui em branco se eu fosse esperar meu cérebro!

Risos

Silêncio...

Participante 4: Eu já estou terminando para devolver isso aqui para vocês!

Silêncio...

Participante 1: Risos, uma colega falou que, num grupo que estou..., que o dentinho do filho dela caiu e ela contou a história da fada do dente...aí quando ela viu de manhã! O filho dela deixou uma carta...Carta para a fada mãe: Sempre te ame!

Risos

Risos

Participante 2: Ahhhh! Que fofo!

Participante 4: Mais é fofo!

Participante 1: Fada mãe... risos

Pesquisadora: Que bonitinho...

Mediadora: Elas já fizeram...

Participante 1: eu já fiz, mas deixa só eu dar uma olhada para ver se tem mais algum...

Participante 4: Analista de Saúde...!

Mediadora: Essa cópia é sua!

Participante: Achei que a C. viria hoje!

Mediadora: Isso aqui é nosso e essa cópia é sua!

Participante 5: Obrigado!

Mediadora: Você terminou a listinha?

Participante 5: Terminei!

Mediadora: Vamos lá!

Pesquisadora: Ela viria, mas é que estava sem carro né? Fica difícil

Mediadora: Nós podemos começar então?

Participantes: Huhum... sim!

Mediadora: Como a pesquisadora disse, na nossa conversa vão ter algumas perguntas norteadoras que devem ser respondidas de acordo com o que vocês sentem. Sintam-se à vontade para se colocarem, para lembrarem, para falarem tudo...inclusive o que vocês sentirem!!

A primeira questão que eu queria colocar para vocês é... Antes das capacitações de 2015, 2016 e 2017 vocês sentiam, é... nesses dois anos, sentiam uma necessidade desses temas que foram abordados, no serviço, na prática do cotidiano de vocês? Ou não? Como era isso? Surtiram em alguma coisa, alguma mudança... fez vocês pensarem? Como que foi isso?

Participante 3 - É... eu sentia necessidade... principalmente o Vigiaqua que chegou para mim meio jogado, o pessoal da epidemio, se não me engano faziam, lá a SUVIS... e de repente falaram: toma faz. Para mim estava virando só uma coleta de água, não sabia o fundamento daquilo, fazia coleta e entregava a amostra. Então... eu sentia uma necessidade muito grande de entender o Vigiaqua, então para mim foi **muito importante**. Quanto aos outros Vigis... até hoje na minha SUVIS, não são muito presentes. Então para mim foi muito mais uma questão de curiosidade do que de colocar em prática... as vezes eu me sinto até mal por não botar tanto em prática o que eu recebi nos cursos entendeu? Eu tenho a impressão que o dia que eu tiver que colocar em prática... que acontecer alguma coisa...

Participante 1: Esqueceu tudo!

Participante 3: Já vou ter esquecido tudo!

Então... O Vigiaqua foi uma necessidade minha... os outros na verdade..... foi daqui para lá!

Participante 1: Vocês não estão fazendo o Vigisolo? Indo...

Participante 2: SUVIS não faz...

Participante 1: não...indo nas áreas de mudança de uso...

Participante 2: Eu não fui ainda!

Participante 2- Eu não fui ainda, mas eu gostei do curso Vigisolo, achei que foi bem bacana! A gente tem uma área lá, que assim... que o Vigisolo daqui não considerou...da nitroquímica que a gente tem, né? A gente colhe nuvens de água e de metais pesados... no Vigiaqua acho como ela... porque assim... o meu Vigiaqua era com outra pessoa, que aí saiu da SUVIS e aí foi para mim...Então, eu ainda acho que falta um pouquinho... Sabe aquele negócio? O Prático? Botar no prático? Então, vamos lá colher água, vamos fazer... porque a gente acaba deixando na mão

do agente... e ele sabe colher melhor que a gente, risos. Eu acho que o certo seria que o técnico soubesse certinho para repassar para ele... falta isso! A teoria eu tenho, a teoria eu tenho... mas eu não tenho a prática!

Mediadora: Então você acha que nas outras oficinas, nas outras próximas propostas teria que ter, que implementar uma prática?

Participante 2: Sim! Eu fiz um... eu acho que foi em 2012...que era do Vigiaqua que a gente foi... nossa! acho que foi a semana inteira esse curso de Vigiaqua... Só que ele mostrava mais o que COVISA faz! Então a COVISA ia lá para Cantareira e não sei o que... Esse aí eu até fiz, só que também não coletava... não coletava... eu até achei que a gente ia coletar, ia fazer alguma coisa assim...as na prática não reverberou!

Participante 1: Foi mais uma visita técnica...

Participante 2: Foi, foi!

Mediadora: E as outras que vocês participaram... na prática não reverberou nada?

Participante P: Não! Não, foi...

Participante 3: Infelizmente!

Participante 2: É foi mais para conhecimento mesmo... eu achei bem bacana! A capacitação eu achei bem bacana!? Talvez pegar só a parte da manhã.. Um pouco pesada porque era o dia inteiro, né? E acho que talvez poderia pegar... não sei como é a logística também, né.

Participante 3: Mas as de Vigisolo principalmente eu achei bem interessante, eles foram lá na Norte e a gente entrou até em um prédio que estava em uma área de risco... e... a gente teve a parte prática.

Participante 2: É.. o Vigisolo teve

Participante 3: Em loco, explicaram, então eu queria muito botar isso em prática sabe? Risos. Eu tenho uma vontade de botar isso em prática, mas se eu disser que existe, não existe lá na SUVIS!

Participante 2: Na SUVIS, não tem área contaminada na sua SUVIS? Que sorte!

Participante 4: Eu vou falar um pouquinho... eu tive a experiência do Vigiar, há muito tempo atrás com a M..., e aí por causa de problema de gestão se acabou! e para mim eu fiquei muito interessada... eu estava na Freguesia do Ó na época, então os agentes ficaram... receberam essa demanda, essa sensibilização que a gente teve e passou para eles... é... só que acabou a gestão e se acabou! Mas eu ficava... Que legal! Vigiar! como é que trabalha?... porque a gente aprendeu a

importância da poluição, mas a gente também não fez a prática. Isso eu tive... depois... o Vigiagua a mesma coisa que ela comentou... é... a gente tinha necessidade de entender o porquê a gente fazia essa coleta para mim era menos prioritário na, na SUVIS, assim... se tem carro a gente vai... coletava-se tudo próximo da SUVIS porque tinha que ser rápido, e a gente não entendia a importância desse programa. Então com a capacitação foi super importante, até como coletar... então a SUVIS coletava errado, coletava de torneira, não entendia que tinha que coletar de cavalete... então eu acho que foi para gente muito interessante... e para os agentes, para eles entenderem o que eles estavam coletando?... o que é esse programa! É...do Vigisolo, também foi muito marcante, a gente teve essa visita em loco e depois eu fui na pratica com a SUVIS e para gente foi um pouco diferente porque a gente pegou algumas coisas bem... diferentes do que tinha acontecido naquele encontro junto com COVISA e a gente ficou meio sem saber como agir, então para a gente faltou um pouco mais de prática nessa Vigi que a gente não tinha tido contato. Então um único momento para a gente foi pouco, então... Vigisolo. Vigidesatre! até hoje eu não entendi ainda muito bem, risos, o que a gente tem que fazer, entendeu? por causa que a gente depende de outras secretarias e a gente fica... tá e aí? até hoje eu fiz, mas... nunca teve nada... não surtiu efeito...

Participante 3: É... Na minha região o plano de chuva até que gerou, reverberou alguma coisa sim, a gente até se juntou com a defesa civil, com o R. é... e a gente fez um curso inclusive para os professores da nossa região: Ele falando da parte da defesa civil e a gente falando da parte das doenças causadas pela enchentes, consequências na saúde, tal e tal, então... acabou reverberando, esse curso inclusive acabou valendo ponto para os professores, é... a gente teve alguns encontros, foi uma coisa que foi para frente... o plano de chuva, mas depois foi... acabando...

Participante 4: é... não teve um encontro... uma continuação para a gente saber se aconteceu alguma coisa, não sei nem quem procurar...

Participante 3: Até a gente teve um incêndio esse ano em nossa região e eu fiquei sabendo pela COVISA... dias depois porque me pediram um relatório, porque senão eu não ia ter ficado sabendo. Então eu pensei... o negócio então não funcionou do jeito que teria que funciona... porque eu teria que ter ficado sabendo na hora!

Participante 1: Se você está no território teria que ser a primeira a saber...

Participante 3: Exatamente, então... isso me decepcionou um pouco... essa...

Participante 1: Fluxo...

Participante 3: é... o fluxo...cinco dias depois fiquei sabendo do incêndio na minha região, me incomodou esse fato...

Participante 4: e falando acho que para finalizar do vigiar assim, como eu já tinha tido essa primeira sensibilização no tempo do R. então eu fiquei motivada para sensibilizar uma unidade de saúde que é uma unidade sentinela! Então eu fui em reunião e cutuquei e agora assim ainda estou me sentindo perdida...o que eu faço agora? em que posso ajudar?... porque eu sei da importância, mas e agora? para onde, o que que eu vou... então eu acho que é isso...

Participante 5: Bom... é... o vigiar eu participei só assim... em cursos teóricos, e na pratica não vi nada... e corro o risco igual ela falou de quando precisar aplicar, não lembrar mais de nada! É... o Vigisolo eu tive teorias e participei uma vez numa parte que eles foram fazer uma pratica lá, acho que no sentinela que eu acompanhei. O desastre não participei, nem de curso, nem de nada... agora o Vigiagua eu tive duas experiências... uma na SUVIS que trabalhei só vi o agente passando com garrafa e me perguntava, o que ele vai fazer... e tal...mas era um agente que era fechado no mundo dele, não sabia... só sabia que existia...ele ia lá coletar, mas eu não sabia como tudo, eu não entendia e o agente era fechado... e... não entendia... Ai eu mudei para outra SUVIS, a outra SUVIS não, eu já comecei a participar na pratica, comecei a ir na coleta.. tudo, mas não conseguia ligar aquela pratica que eu fazia com o programa né?...porque eu fazia aquilo ali? era estranho porque... coletava, dava contaminado, daí tinha que coletar de novo... ai... eu pensava..., se coletar de novo, vai dar contaminada de novo... ai depois vai o laudo, vai voltar... não conseguia fazer a ligação... Igual a F. falou... ia para campo, coletava da torneira, ai tinha uma caixa lá que sempre dava contaminada e a gente sabia que a caixa d'agua era suja, eu via que a menina não ia fazer nada com aquela caixa d'agua eu falava: Cara! vou ficar coletando, vai dar sempre positivo... e o pessoal da COVISA está lá pedindo para fazer relatório, ficava com raiva do pessoal da COVISA! que ficava mandando fazer relatório, de uma coisa que eu sabia que ia dar contaminado e que o pessoal ficava, orientava lá... oriente e tal...tá... eu sei que tem que orientar, mas eu sei que não iam fazer...e ai ficava... A impressão que eu tinha também, é que o pessoal também dá... COVISA eles estavam também...

Participante 1: Em processo né?...

Participante 5: em processo de aprendizagem...

Participante 4: Eu também tinha essa sensação...

Participante 5: É?... e depois com o curso que a gente foi vendo como coletar e eles também foram melhorando... Com o curso o Vigiaqua, sim... Logico! falta algumas coisas, mas agora a gente está conseguindo encaixar a prática com o... ainda falta alguma coisa porque lá em P. ainda tem muito poço né? algumas coisas não encaixam em relação aos poços ali, porque dá contaminado, mas é o que ele tem, não tem SABESP, então ficam algumas coisas sem encaixe com o Vigiaqua né? Mas...

Participante 3: Eu não sei né, mas vocês como tem poço, mas eu no começo quando eu recebi o Vigiaqua e não entendia muito... eu tinha a sensação assim: Nossa! o que eu estou fazendo? estou fazendo controle de qualidade para SABESP?

Participante 2: Eu pensava a mesma coisa! Risos... Eu falei a mesma coisa: nunca vai dar nada gente, porque... SABESP!? Estão só gastando dinheiro!

Participante 3: É... depois a gente começou a entender com as capacitações, mas no começo para mim era isso... nossa! eu estou sendo paga para ser controladora de qualidade da SABESP, particular da região... Sabe? porque é... a gente não entendia porque coletar ali do cavalete, porque não... eu tenho que ir nas minas só... entendeu? priorizar essa parte de água...

Participante 1: Água não, tratada!

Participante 3: É, É! É!

Participante 4: E o momento que foi bem bacana foi quando a Ma pediu para a gente apresentar os nossos dados, foi um momento que a gente teve que parar e pensar... Caramba! olha deu tanta porcentagem de desacordo, lá na minha região o que deu mais... foi um momento muito interessante! de analisar...né...

Participante 3: É! quando a gente começou a mapear o que a gente fazia...

Participante 4: e entender mesmo!

Participante 3: não era só aleatório!

Moderadora: Como assim? esse negócio de mapear? Como que foi isso?

Participante 3: Porque antes eu pegava um carro e saía! Simplesmente...

Participante 5: É...

Participante 3: Você ia próximo da SUVIS para ser mais rápido... hoje em dia não a gente tem um plano para o ano e a gente acaba cobrindo a região inteira... e tudo o

que eu coletei eu mapeio o que é... o que não deu problema, ou tinha alguma irregularidade... tal, tal, tal... então a gente consegue hoje ter uma visão do que a gente está fazendo! Antigamente não! você saia com o carro e ia coletando meio que na... ah! vamos parar aqui! sabe? era bem assim!

Mediadora: Vocês falaram um pouco, todos falaram um pouco...

Mediadora: ...Você quer falar também? (para 1)

Participante 2: Ah! eu achei também, risos

Participante 4: Do que você quer falar? da SUVIS, risos!!!

Participante 1: Eu não sou de SUVIS eu vou me apresentar já, já... eu sou aqui da COVISA, trabalho aqui na ambiental... mas eu acho que é legal eu deixar registrado, que ..., eu sou funcionária praticamente nova... o meu probatório acabou há dois meses atrás, então, eu não tenho a experiência de dizer como era antes, mas como teve muita mudança né?

Participante 2: Teve!

Participante 1: Acho que dá para falar um pouquinho desse contexto... Quando, quando eu entrei aqui a gente não tinha muita política de fazer... tinha a política de fazer curso, mas era muito mais teórica do que é prático! Quando eu entrei aqui...Estavam fazendo uma apresentação sobre zoonoses, era tudo junto a zoonoses e a ambiental, e aí... o, que eu fui lá assistir, era assim... muito slides, apresentação... e era muito essa coisa assim... eu falo, igual sala de aula... o professor fala os outros escutam, tem tempo para perguntas e acabou! o que eu achei de melhorou bastante, a gente tem muito a melhorar! mas o que melhorou bastante é que antes as pessoas é... não sabiam o que o outro estava fazendo! se eu era do Vigiaqua...aqui... se eu sou do Vigiaqua eu não sei, não conheço tão bem a ação do solo e do ar. Então... eu comecei no Vigiaqua e eu não tinha a mínima ideia do que os outros faziam...e a gente fala: ah! eles não fazem nada!... a gente aqui se matando...

Risos

Participante 1: Aí depois eu fui para o Vigiar aí você muda o que você falou... nossa! tem muita coisa para fazer! a gente fala, nossa! mas vamos lá! Aí depois você vê que a realidade do solo é extremamente complexa, então, assim... são várias complexidades... e, é gostoso isso! você conhecer e ir se apropriando das coisas...e... essa, esse repasse para SUVIS, nunca é muito tranquilo, porque tem uma hierarquia... ah! eu estou cheio de coisa...

Participante 2: A gente surta mesmo!!... Mais para nós? a gente já não consegue dar conta do que a gente tem!

Participante 1: A gente entende que vocês estão sobrecarregados, que as pessoas estão se aposentando... né? ninguém está sendo substituído. Então o que a gente, pode fazer? ...Temos que pensar assim... vamos qualificar a água que já está lá... e depois... vai indo aos pouquinhos... porque se chegar lá com essa avalanche de atividades que a gente tem aqui! Gente! Greve amanhã! risos

Risos

Participante 1: Então! eu acho que o processo é lento mesmo, né? é a longo prazo... mas eu gosto do jeito que as coisas estão sendo conduzidas, sabe? me dá uma sensação que as coisas estão sendo inseridas... e aqui? As pessoas... ninguém é expert... aqui também é uma construção, as pessoas também estão aprendendo, eu me senti muito bem...porque como eu não sabia de nada... chegar num lugar onde as pessoas também estão aprendendo como você... é bom... porque quando você chega num lugar onde todo mundo sabe e só você não sabe... você se sente... eu não sei... mas aí quando você se sente participe, e eu achei também que esse negócio da M. né? que trouxe do Vigiaqua que a SUVIS trazer... a sua realidade, foi a SUVIS que fez o seu diagnóstico... foi a SUVIS que fez a sua, o seu planejamento estratégico já... isso é muito legal! porque as vezes fica parecendo que as pessoas aqui sabem muito e que a SUVIS não sabe nada e é mentira! são os mesmos técnicos, as mesmas capacitações, e vocês sabem muito mais que a gente, ...acho que a gente, porque vocês estão né? Que nem ele falou: O que eu vou ficar coletando 10 mil vezes a mesma água, sem entender...vamos ter que mudar a estratégia..., mas aqui a gente ficava né? será que a SUVIS orientou? colhe de novo! É legal essas trocas! né? eu acho que é isso... a maior mudança que teve, que eu senti quando cheguei e a pouco tempo... é a relação da SUVIS com a GVISAM, com a Ambiental... eu acho que... eu acho que a gente está um pouquinho mais próxima... um pouquinho, assim... ouvindo mais...e eu acho que isso é saudável!

Participante 2: Eu achei o pessoal do Vigisolo bem aberto para, para dúvida, porque assim a gente teve uma parte...

Participante 3: Acho que todos!

Participante 2: Mas eu achei o pessoal do Vigisolo bem mais aberto, porque eu falei assim: já esqueci... já se for fácil... então! quando a gente tiver que preencher... tem

todo um trâmite né? para preencher, tal... e assim, é igual ela falou!... se aprendeu aqui agora,

Participante 1: Lógico!

Participante 2: Aí ela pegou falou assim: Não! a gente vem com vocês se vocês tiverem... isso eu acho que seria bacana dos outros também fazerem...

Participante 1: Deixar essa abertura né?

Participante 2: Isso, a gente teve um problema... era mais CETESB do que nosso, mas a gente acaba indo... teve um vazamento de gás na nossa região! Não sei se vocês viram, passou na Globo e tudo lá na região de SM... o cara, eles foram lá para roubar petróleo, e acabaram fazendo uma burrada e acabaram né? e aí teve o vazamento e tal... então, a gente se sentiu muito perdido lá, muito, muito, muito... ali, ali faltou...

Participante 1: Aí vocês entraram em contato aqui?

Participante 2: Não, a gente entrou em contato com a Coordenadoria e a Coordenadoria entrou em contato aqui, mas não era nosso mesmo, era uma coisa mais da CETESB mesmo, junto com a Petro... A Petro que tinha que mandar os dados para CETESB, não era nosso, mas a gente acaba indo porquê?...

Participante 1: Claro!

Participante 2: Porque tem gente que passou mal! Era saúde, aí você tem que mandar para a UBS, tal né? Mas eu achei que a gente ficou meio perdido nesse...

Pesquisadora: Do Nafta?

Participante 1'(externo COVISA): Só para esclarecer que Nafta, é do Vigidesastre... como a defesa civil aqui, tem o programa Vigidesastre, ela entra em contato direto aqui e daqui entrou em contato direto com a Coordenadoria...

Participante 2: Ah! tá!

Participante 1: E a Coordenadoria...

Participante 2: Mandou para a SUVIS!

Participante 1'(externo COVISA): Espalha para SUVIS, mas está no Vigidesastre... A SUVIS tem que ir até o local...

Participante 2: É o que todo mundo estava falando!... do Vigidesastre, ele até tem...

Participante 1: Ela está falando dá...?

Participante 2: Tudo bem que é no dela, mas já... aproveitando do Vigidesastre, ele tem muita coisa... eu acho que o Vigidesastre tem muita coisa e acho que a gente acaba se perdendo nele, eu acho! Eu acho! eu vim em uma capacitação dele em

2000 e pouco, em 2011, eu acho... e tem muita, muita, muita coisa... era muita coisa para preencher...então a gente acaba se perdendo, a gente não sabe o fluxo...quem sabe a gente pode fazer uma nova né?

Participante Externo: É só que eu lembrei que quem ficou direto em contato, em contato direto foi a CGC.

Participante 2: Foi! Ela foi lá também, mas primeiro foi a SUVIS lá ver!

Participante 1: Não, mas quem estava...

Participante 1: Se ficarmos mais próximos a coisa funciona muito melhor... : Mas é legal a gente refletir mesmo, porque é isso: as vezes a gente quer fazer as coisas dentro de uma hierarquia e se a gente

Participante 1'(externo COVISA): Porque no programa estava desta maneira...

Pesquisadora: Assim, o problema é que o Vigidesastre não tem fluxo claro estabelecido!

Participante 1'(COVISA externo): Eu vou encostar aqui a porta aqui para não atrapalhar...

Participante 2: Não! você foi super boa... pode deixar aberta...

Pesquisadora: Risos...

Participante 1: não, eu acho, acho que até tem um fluxo como a Mg. falou...

Participante 4: tem um fluxo...

Participante 1: tem um fluxo talvez seja não hierárquico

Participante 4: Eu acho que ele vai, ele é meio que móvel, que depende do que está acontecendo né?

Participante 2: Essa proximidade...

Participante 4: também é importante!

Participante 3: Como a minha...

Participante Externo: Para Coordenadoria...

Participante 3: Como aconteceu no meu incêndio...

Participante 1: participar mais...

Participante 2: Ah! entendi!

Participante 4: porque com o fluxo...

Participante 2: ela é...

Participante 1: A Coordenadoria entra em contato com a gente...

Participante 4: Então, acho que faltava a Coordenadoria depois ficar te cobrando sem você nem conhecer

Participante 2: é porque foi de madrugada né?...

Participante 4: A gente recebeu a demanda de madrugada, então estava por fora... eu cheguei aqui e... já me avisaram ...que tinha vindo no celular do supervisor...

Participante 1: É a gente viu... a coordenadoria mandou e-mail para gente...

Participante 4: Mensagem no celular dele... aí ele foi para o acidente... e passou para a coordenadoria.

Participante 2: Ela pediu para a gente ir até lá!

Participante 2: Só que aí o que acontece, talvez... a gente se sentiu traído.. foi eu e a outra bióloga. As últimas a saber.

Participante 4: mas é verdade, eu acho que falta treinamento...

Participante 2: É... e aí a gente se sentiu mal... porque a gente também...

Participante 5: é...

Participante 2: O que a gente faz? porque aí chega lá e vai atrás de engenheiro da Petro, e não sei o que... não, ...não isso é nosso, aí a CETESB: não é nosso, e não sei o que... fiquei muito perdida

Participante 4: No e-mail, que a gente mandou para a coordenadoria, ...o e-mail foi falando o que precisava...

Participante 2: Ah! Gente... ela falou... a gente colocou o que precisava, tal..., mas mesmo assim eu não sei...

Participante 2: Tenho a sensação que fiz pouco...

Participante 1: um conjunto de ações, entendeu?

Participante 3: é muito legal isso!

Participante 2: O conjunto...

Participante 1: Porque é uma coisa ...

Participante 2: Não está com um cheiro muito bacana... eu cheguei em casa com uma dor de cabeça violenta!

Participante 3: Então no meu incêndio, por exemplo, chegou um e-mail lá na SUVIS... o incêndio tinha conhecido há uns 3 dias e o e-mail era assim...da COVISA: Favor preencher o...

Participante 1: formulário...

Participante 3: o formulário A, B, C, D e E...

risos

Participante 3: Falei...

Participante 4: e G, H, J. K...

Participante 3: Não! eu falei: Meu Deus... que incêndio!!!

Participante 2: Ahhhhhh!

Participante 3: Sabe...

Participante 2: Você nem foi lá na área né?

Participante 3: Não...

Participante 2: Eu ainda fui lá na área, tinha, estava acontecendo ainda...

Participante 3: Mas o que mais me deixou chateada na verdade, foi... que tinha um relatório da Defesa Civil...

Participante 1: que não mandou para você no caso...

Participante 3: Que foi no dia do incêndio!

Participante 1: e eles deveriam ter feito esse contato com você...

Participante 3: É eles deveriam ter feito esse contato!

Participante 2: Lá para a gente a Defesa Civil é bem mais parceira...

Participante 1: Mais próxima...

Participante 2: É...

Participante 3: Então! mas pô...eu fiz o trabalho com defesa Civil, sabe? daí, daí de repente me chega um e-mail dizendo para preencher 200 mil formulários de um incêndio que eu nem fiquei sabendo?...

Participante 1: É...

Participante 3: ai! que, que... eu liguei na UBS, porque o incêndio foi tipo na frente de uma UBS nossa, a X...

Participante 1: Nossa!

Participante 3: Aí eu liguei para a UBS, não!... a gente não está sabendo de incêndio nenhum não!

Participante 4: Nossa!

Participante 2: risos

Participante 3: Aí eu ficava... meu Deus! com quem eu vou falar sobre esse incêndio? não sabia nem para quem ligar... comecei a ligar para 200 mil pessoas, aí... a menina da Defesa Civil, estava na rua, depois eu tive que esperar ela voltar da rua... aí... ela me contou... Ah! foi em tal lugar!... não sei o que... Falei: Pô! obrigada por ter avisado!

Participante 1: Poxa foi chato né?

Participante 3: Sabe?

Participante 1: É...

Participante 3: Então foi uma coisa que chegou para a gente, tipo: preencha...

Participante 1: Uhum

Participante 3: e eu tive que me virar para correr atrás...

Participante 2: mas normalmente é assim que chega para SUVIS tá? A toque de caixa!

Participante 4: Uma que a gente sente da capacitação!

Pesquisadora: É isso que a gente quer saber!

Participante 4: que é muita informação numa capacitação...

Participante 2: é...

Participante 4: ...que para a gente, a demanda que as vezes vem, é muita...que não trabalhamos como em COVISA por setor! então que nem ela falou... você até sabe o que o Vigidesastre está fazendo... o Vigisolo, mas vocês são setorizados, e SUVIS não!

Participante 1: É geral né?

Participante 4: Tudo!... então, as vezes uma capacitação, não faz a pessoa de SUVIS entender qual o seu papel no processo!

Participante 2: É verdade!

Participante 4: Sabe... então você chega, a pessoa assistiu tudo aquilo lá, tá..., mas e aí? eu faço o que... depois? quem é do, daqui, do... da... do tema... tá... como assim? tem que ir visitar... mas a gente não teve...

Participante 2: É...

Participante 3: É...

Participante 4: Então, eu não sei o que eu vou fazer! eu não sei mesmo! tudo o que você me mostrou? lindo... eu entendi... tã, tã, tã... e agora?

Participante 2: e principalmente quando é a primeira vez que acontece aquilo...

Participante 3: Exatamente...

Participante 4: Entendeu? foi aquilo que aconteceu com a gente... então, foi a primeira vez que aconteceu isso... estando a gente lá... como técnico né?... e aí a gente se sentiu perdido, solitário, sozinho! mesmo a Coordenadoria, a Coordenadoria também foi com a gente... mas também estava perdida...

Participante 3: E é bem essa direção...

Participante 1: Era novidade para eles também!

Participante 2: É... então, eu acho que precisava do órgão central ir lá também... eu acho

Participante 1: Eu entendo o que você está falando... as vezes não é uma questão de ter um...

Participante 2: não é uma receita de bolo...

Participante 3: Exatamente, eu preenchi...

Participante 1: Mas e aí?

Participante 2: É...

Participante 3: Depois eu fui atrás...

Participante 2: Eu senti falta disso...preencher eu preencho... preencher todo mundo preenche, mas eu queria saber...

Participante 3: O que que deu depois disso? dos formulários que eu mandei?

Participante 2: Um Feedback

Participante 3: Entendeu? eu mandei para cá!

Participante 2: É no meu também não teve...

Participante 1: Entendi... o feedback... é legal

Participante 2: Só... para não falar que não... eu perguntei e a coordenadoria falou que quem iria fazer esse tramite na verdade era a Petro que vai monitorar, não vai ser a gente... né? e ela vai repassar isso para a CETESB e acho que depois disso, ela passa para cá né?

Participante 4: E uma outra coisa...

Participante 1: A Petro só vai nos comunicar se tiver alguma inconformidade, alguma coisa... senão...

Participante 2: A gente passou lá...

Participante 3: Na verdade pode até ser loucura minha! não sei... viagem... e eu pedindo trabalho...

risos

Participante 3: Mas eu acho, eu não sei, eu sinto que nos outros Vigis deveriam fazer uma rotina como do Vigiagua...

Participante 4: Sim!

Participante 2: uhum

Participante 4: Isso!

Participante 2: O Vigiagua, dos Vigis é o mais organizado...

Participante 3: Porque, o Vigiagua não nos desvincula do todo.

Participante 1: pelo menos você sabe com quem falar...

Participante 3: programa, entendeu? Eu tenho que fazer as duas coletas mensais, entendeu?

Participante 1: Entendi...

Participante 3: Então...não me desvincula do programa! E nos outros Vigis não! pode aparecer uma vez a cada dois anos... e aí?

Participante 2: Eu acho que do Vigiar, que o veterinário me falou, eu não participei..., mas ele falou que a gente vai ter uma unidade sentinela, que vai ser...

Participante 4: Onde que é?

Participante 2: Que vai ser a SUVIS do Itaim...

Participante 4: Ah!! Fazenda do Carmo?

Participante 2: não! é do Itaim... a fazenda do Carmo é em Itaquera...

Participante 4: Ah!!! tá!!

Participante 2: Ele falou que ia ser o Itaim, porque é uma área que tem muita criança que tem mais problema respiratório... então ia ser lá! né? então... nem vai ser da minha área, a minha é a SM...

Participante 4: Ela falando de serviço, eu também estava aqui angustiada também, besta né?

risos

Participante 4: Eu senti necessidade, na época do Vigiagua de pedir para as meninas... eu falei: eu não tenho um relatório que eu tenho que mandar para vocês? porque para mim o relatório, acaba funcionando para você entender...

Participante 1: É...

Participante 4: Então, ai eu lembro que as meninas montaram um relatório e me mandavam! Agora eu estou em outra região e eu estou usando o relatório das meninas do outro setor... porque assim... o Vigiagua é dividido...

Participante 1: um modelo né?

Participante 4: por técnicas...

Participante 2: Uhum!

Participante 4: então uma técnica trabalha diferente da outra... e a minha técnica na época que era da Sul, por eu ter pedido, bolou esse relatório e eu mandava... eu sentia essa necessidade de mandar e... o que eu estava fazendo... e agora eu fui para a Oeste e a Oeste não tinha! e ai... e eu passei a pegar da Sul e faço as

meninas mandarem... para entender! o que elas estão coletando... para mim, é importante

Participante 1: Uhummm

Participante 4: Ah! é mais uma planilha? É... é mais uma planilha que a SUVIS tem que entender... foram tantas coletas... essa foi em desacordo... essa foi em acordo... você coletou em tal local...

Participante 2: Agora eu acho que está um pouco mais fácil...porque agora a gente pode pegar laudo...

Participante 4: Mas o Vigiagua... e eu estou pensando que nem ela falou dos outros Vigis!

Participante 1: É...

Participante 4: não tem, entendeu?

Participante 2: Eu acho que é...

Participante 1: Legal!

Participante 2: Por isso que eu acho que o Vigiagua é mais organizado, deles...

Mediadora: é... vocês falaram várias coisas aqui, né?

Participante 4: Você está perdida!

Participante 2: Depois ela vai escutar de novo, risos

Participante 3: Eu vim para cá falando: Será que eu vou ter alguma coisa para acrescentar?

Mediadora: Não! não estou perdida!

Participante 4: Falamos um monte de coisas...

Mediadora: não, não estou...é... vocês falaram um monte de coisas inclusive que de que... só para ver se eu entendi direito... de que algumas capacitações fizeram sentido para vocês... que responderam realmente a uma necessidade que era de vocês, mas que tem outras que vocês não entendem até agora!

Participante 2: É...

Participante 1: É... é mais ou menos isso...

Mediadora: Porque foram feitas, mas como colocar isso em prática?

Participante 4: A gente entendeu a importância, mas a prática...

Participante 2: Acho que a gente até entende...

Participante 3: Falta a prática...

Participante 2: mas a gente precisa ir para o território fazer...

Participante: Implantar no sistema

Participante: Não adianta você ter a teoria se não tem a prática...

Participante 1: e implantar...

Participante 2: Não adianta você ter a teoria se você não tem a prática!

Participante 3: Você esquece!

Participante 1: É...

Participante 2: É! você vai esquecer, entendeu? não que não tenha...que não foi feita... que não foi efetiva...

Participante 4: Ou que não foi importante...

Participante 2: É...

Participante 4: foi importante...

Participante 2: É... faltou o passo dois...

Mediadora: Mas a questão que acho que foi a nossa primeira questão: Realmente as capacitações é... algumas foram realmente, vieram de encontro com uma necessidade que vocês sentiam na prática... outras não!?

Participante 3: Sim!

Participante 5: Uhum

Mediadora: Vocês até mencionaram algumas coisas tipo: Ah! na prática mudou isso... na prática mudou aquilo... vocês poderiam contar um pouco mais sobre o que realmente mudou no trabalho de vocês após as capacitações de um modo geral? Mudou alguma coisa? tem alguma coisa que vocês percebem que ainda precisa mudar? Vocês até colocaram algumas coisas que vocês não conseguem colocar em prática né? mas tem alguma coisa que mudou na prática de trabalho? vocês mencionaram algumas, mas tiveram outras?

Participante 4: Ah! basicamente do Vigiagua que eu já tinha citado... é... eu acho que a gente passou... como já era um programa presente mudou o nosso jeito de trabalhar e de entender o que a gente fazia! os outros como não eram programas não presentes, eles continuaram não presentes!

Participante 2: Na sua região né?

Participante 4: Na minha região que eu estou falando...

Mediadora: E como que mudou? como era antes, como está agora?

Participante 4: Acho que foi o que o Participante 5 comentou e o que as meninas comentaram... se antes fazia a coleta porque era obrigado... Oh! Vocês têm que coletar...

Participante 2: Coletava e ponto!

Participante 4: Aí você pegava essa água de qualquer lugar... de qualquer lugar e levava para o laboratório... basta! aí você entendeu: Olha, é um programa, que está lá na subprefeitura, ele está lá acordado... então a gente vai lá coletar, a gente vai visualizar isso... como ela disse: não tinha carro, não era priorizado! Então, existe um território para você ver... as primeiras coletas, no primeiro e segundo ano, eram tudo do lado da SUVIS, se coletava, era tudo ali do lado! Ninguém queria e entendia o porquê do programa... só sabia... vocês têm que ir lá coletar! Agora não... é distribuído em todo o território, então você consegue ter uma ideia do programa e da qualidade da água em todo o território! então... isso já...

Participante 5: mudou desde o planejamento,

Participante 4: do planejamento...

Participante 5: até a coleta propriamente dita! A gente não planejava,

Participante 4: não planejava...

Participante 5: e a gente coletava errado!

Participante 3: Coletava errado!

Participante 4: A gente fazia o programa errado!

Participante 5: É...

Participante 3: Porque a gente não entendia!

Participante 4: a gente fazia a obrigação!

Participante 2: É... e... aí você chega também... até... igual a gente que é de 2009... a gente chegou na SUVIS e... "Oh! 'tó o filho é teu"! A gente não sabia nada... eu era professora! risos

Participante 4: Mas que nem ele falou... existia o programa, fazia-se as coletas, mas é verdade... fazia errado!

Participante 2: É... fazia!

Mediadora: Vocês até mencionaram...

Participante 2: Fazia o que o agente falou para a gente que era...né?

Mediadora: É... vocês até mencionaram que quem fazia essa coleta era o agente né?

Participante 2: Ainda são eles, mas agora a gente pode, a gente tem mais embasamento... agora eu posso falar: "oh! você está coletando errado"... mesmo assim eu ainda acho que precisa de uma prática de coleta, eu ainda acho... para os técnicos... Fazerem em conjunto com os agentes...

Participante 3: É... e a questão do plano de chuva... para mim particularmente na minha região serviu para a gente se aproximar... até o negócio do incêndio... eu achava que eu tinha uma baita aproximação, risos...

Participante 1: com a Defesa Civil né?

Participante 3: Com a Defesa Civil... e... também com PAVIS da região... a gente trabalhou muito junto...por uns dois anos muito juntos... a gente mapeou...a gente... é... fez um curso super extenso, então... serviu como meio de... integração ali na região, sabe? voltado para o plano de chuva!

Mediadora: É... vocês falaram que de algum modo essas capacitações serviram para fundamentar vocês e qualificar...

Participante 4: O trabalho ...

Mediadora: O trabalho... É... como vocês podem dizer sobre as metodologias utilizada? vocês até mencionaram como foi, um pouco, as que foram utilizadas nas capacitações... Como vocês acham que foram as estratégias? Vocês acham que as estratégias utilizadas foram viáveis? tem alguma coisa que vocês conseguem perceber que deveria ter sido feito diferente

Participante 4: Que nem ela falou... a prática!

Participante 3: A prática!

Participante 1: Tem também as que foram o dia inteiro que ficou um pouco cansativo né?

Participante 2: É... eu acho que

Participante 5: é isso que eu ia falar...

Participante 2: Eu achei cansativo

Participante 5: a questão... o tema em si... a... fugiu a palavra... a matéria...fugiu a palavra...

Participante 1: A prática?

Participante 3: O conteúdo?

Participante 5: O conteúdo!... o conteúdo em si achei interessante, mas a parte pedagógica em si eu achei que teve muitas falhas.

Mediadora: O que, por exemplo?

Participante 5: ...o tempo! Tem curso que o tempo é tão extenso! que tem uma hora que você não está pedagogicamente, pedagogicamente você não tem como aprender mais

Participante 2: Tipo... tinha... era amanhã e a tarde... chegou a tarde...dispersa...

Participante 5: era um curso que era interessante, até legal, era sobre o Vigi...

Participante 4: Vigisolo?

Participante 5: Acho que era, o curso era interessante...mas tinha uma hora que falaram... tanto, tanto, tanto que eu não aguentava mais...

Participante 2: E fica aquele negócio do... de palestra mesmo, então...

Participante 4: São duas horas no máximo que a gente consegue entender e aprender né?

Participante 2: O cara vai lá, fala... a gente só assiste... a gente não interage...

Participante 3: É... dois pontos...

Participante 2: É isso cansa...

Participante 3: Dois pontos legais que eu acho que é bom citar foi a visita em loco do Vigisolo

Participante 2: Foi bacana

Participante 3: Eu achei válida... e ah.... as apresentações da SUVIS no Vigiagua... São duas coisas que eu achei que fugiram do comum... e inseriram a gente em um contexto, sabe? é tanto na hora de fazer nossa apresentação para o Vigiagua... quanto... mostrar lá da Norte da minha região... você é inserido no, na situação...

Participante 5: no local...

Participante 3: Você não fica lá só sentado prestando a atenção... Não que eu não tenha gostado... teve algumas palestras muito boas..., mas...

Participante 5: porque...

Participante 2: é diferente né? é melhor...

Participante 3: É... assim...

Participante 5: depois do almoço, por exemplo, você almoça e tem que ficar até as 6 horas... é... depois do almoço, dá sono... não sei os outros...

Participante 2: Eu durmo gente!

Participante 5: é... eu durmo, não presto atenção em nada...

Participante 1: é verdade mesmo... porque...

Participante 2: É engraçado...

Participante 1: A gente acha que vocês estão tão sobrecarregados que não vamos chamar vocês para dois, três dias! Vamos fazer o máximo...

Participante 4: É!!!

Participante 1: é engraçado e é bom a gente ter essa... devolutiva...

Participante 5: Eu penso...

Participante 1: não vamos ficar deslocando eles toda hora!

Participante 2: não, sim! até porque os nossos supervisores não gostam que a gente saia muito...

Participante 5: Isso...

Participante 2: né? querendo ou não, não tem tantos técnicos assim...

Participante 1: E vocês tem várias atividades... né?

Participante 2: E a gente não faz só o Vigiagua, vamos supor né? mas, assim...

Participante 1: É legal isso...

Participante 2: Mas ficou pesado! eu prefiro que fosse só uma manhã... eu prefiro que seja de manhã...

Participante 4: Eu acrescentaria... não...uma saída só... não é suficiente para um tema tão relevante, dependendo né? tem que ter mais saídas a campo né? dependendo do programa...

Participante 2: Eu acho que tem que.... quando a gente tiver o problema... porque vai ter! vai aparecer! a gente ter o suporte... do vigidesastre, da COVISA, não só da minha Coordenadoria, não só da minha supervisão técnica, mas que venha da COVISA para lá!

Participante 3: Eu acho que o que eu vou falar não tem nada a ver com sua pergunta, mas na verdade é importante...

Mediadora: Pode falar...

Participante 3: Eu não sei se eu vou conseguir me fazer entender, mas... eu gostaria de entender se algumas situações se encaixam nos programas também... por exemplo, eu tive uma situação, há uns dois meses atrás, que uns vizinhos de uma pizzaria estavam reclamando da fumaça... ai... eu liguei para cá... eu liguei para o verde, liguei para a subprefeitura... e eu até hoje eu não resolvi o problema das pessoas... então tipo...o que é o Vigiar? em que situações que se encaixa? em que situações é com o verde? em que situações tem uma legislação?

Participante 1: é...

Participante 3: é... eu fiquei com aquele negócio lá... porque eu fui atender esse homem?

Mediadora: Para saber para onde destinar?

Participante 3: risos... mais ou menos isso...

Participante 1: Na sanitária de alimentos, você ligou ou não?

Participante 3: não... a sanitária que mandou para mim!

Participante 1: Que referenciou!

Participante 3: na verdade...a sanitária lá da SUVIS, ligaram lá no telefone da sanitária e elas falaram: Ah! a gente não sabe te ajudar não! Daí... tonta... deixa eu ver se eu consigo atender eles... e atendi o telefone, falei e... porque fui atender? aí eu liguei para tudo era quanto lugar e nossa! Liguei para o verde... liguei para a Secretaria de Saúde...

Participante 2: não tinha ninguém? Responsável?

Participante 3: Ninguém sabia!

Participante 1: Na verdade, eu posso te responder essa! Na verdade... o que acontece...a legislação... como agente sanitária a gente faz o que a legislação escreve...

Participante 2: Sim...

Participante 1: Se não faz, esquece! A legislação, no contexto da alimentação e tudo mais...porque não é o caso, não é... se está emitindo fumaça?... tem uma coisa anterior que não foi feita! existe toda uma RDC de como tem que se montar aquela pizzaria... então, seria do setor de alimentos, da sanitária do estado, por causa desse contexto... igual, por exemplo, está saindo pó de uma marmoraria, vai... e tá inalando para... o problema é do Vigiar? o problema é que está impactando nas pessoas, mas a legislação, tudo mais...

Pesquisadora: Quem vai atuar...

Participante 1: o maquinário ali está tendo algum problema, porque o mais exposto naquele momento é quem está inalando, tem as outras pessoas, mas quem está inalando é o trabalhador... no caso como é um estabelecimento de alimentos! porque senão todas as pizzarias teriam problemas de fumaça... porque já existe especificações de como tem que se montar! que é uma especificação, que eu não sei porque, não é da nossa competência fiscalizar a pizzaria... então apesar de ser uma fumaça... a...vigilância de população exposta a poluentes, ela trabalha com... é... poluições que ninguém trabalha... para você entender, a gente fala até que é... é... móveis, é... veículos automotivos... quem vai ficar fiscalizando? ninguém! realmente não vão ter uma legislação para aquela moto... aquele carro,... então é aí... nessa coisa maior... macro de exposição geral que entra o vigiar...

Participante 3: Entendi!

Participante 1: Agora, vamos dizer que fosse uma indústria...aí seria o Vigiar... porque seria uma coisa macro

Participante 4: Eu estou aqui pensando no que ela está falando...

Participante 1: É mais esse contexto...

Participante 4: É... a gente recebeu toda uma capacitação!

Participante 1: Mas poderia ser em conjunto também!

Participante 4: sobre o programa... a gente poderia pensar em casos, como ela trouxe...para estar nessa capacitação...

Participante 3: É...

Participante 4: Tipo assim... é... se por acaso tiver... churrascarias, se tiver pizzaria...

Participante 3: Qual seria a sua atitude?

Participante 4: o que você faria?

Participante 2: É legal isso...fazer essa prática, fazer essas perguntas...

Participante 4: Acrescentar isso! nessas capacitações...

Participante 3: porque a gente...

Participante 4: Casos reais que os técnicos estão aqui, foi descentralizado os temas, eles já passaram por isso! por exemplo, ela já passou por esse problema da pizzaria, já passou pelo da marmoraria e que poderia acrescentar nessa capacitação. Oh! gente! o que vocês acham que poderia fazer? para trazer essa coisa mais real para gente!

Participante 5: Na hora de montar essa capacitação a SUVIS trazer as dúvidas

Participante 4: Também!

Participante 3: Também!

Participante 1: É... uma coisa que é legal, talvez... nesse modelo do Vigisolo que vocês gostaram tanto, estender para as outras... ao invés... trazer uma vivência e na vivência... Ah! Vamos lá ver juntos...

Participante 3: É o grande mal de fazer isso é que você iria em uma vivência só, provavelmente...

Participante 4: não! tem que ser mais!

Participante 2: tem que ser mais!

Participante 4: É isso que eu estou falando: Uma não foi suficiente!

Participante 3: Acho que talvez de manhã a gente faz as palestras, à tarde, como já está todo mundo mais de...

Participante 2: Ai vai!

Participante 3: É.... ou a gente, ou a tarde... vocês trazem vários casos e a gente discute

Participante 2: é...

Participante 3: Entendeu? ao invés de ficar quietinho assistindo...

Participante 1: trazer uma dinâmica diferente a tarde...

Participante 3: é... é...

Participante 4: Vou contar do Vigisolo... eu tive essa experiência prática... só que quando eu fui com a COVISA estava tudo lindo o lugar...

Participante 3: É...

Participante 4: não tinha, a pessoa não estava..., mas aí teve o dia que a gente teve que ir sozinho!... eu falei: eu vou chorar!

Participante 1: Choque de realidade...

Participante 4: Vou chorar aqui! Eu quase fui expulsa do estande de vendas, chiquérrimo, por causa do...o rapaz disse: O que vocês estão fazendo? estão acabando com a minha negociação? Vocês todos aqui de branco?

risos

Participante 4: e... num outro caso, era uma área contaminada e as pessoas estavam morando!... e eu falei: E aí? então, um só? não funciona... é frustrante depois... então não sei... pensar em três saídas? não sei...

Participante 3: Não sei...

Participante 4: Entendeu?

Participante 3: Pronto... desculpe o meu desabafo...

risos

Participante 1: Eu acho que foi bom...

Risos

Participante 2: por exemplo o caso do... do... Vigisolo?... tipo, vamos pegar três casos e sair com...eu acho que é difícil... eu acho que elas teriam que ir junto com você, nas primeiras...

Participante 4: Sim! Nós fomos em dois...

Pesquisadora: até ficar com prática...

Participante 1: até vocês se sentirem seguros

Participante 4: Nós fomos lá num prédio, que era uma área contaminada... com um monte de frutas... eles comiam... tinha horta... aí eu peguei... a gente preocupada... eles vão comer... vão morrer, mais ou menos isso...

Risos

Participante 3: Vai ser culpa minha... risos

Participante 4: Vai ser culpa minha... né? tipo... para gente foi bem frustrante essa visita sozinha

Participante 2: mas aí, você faz um relatório e manda para elas, não é?

Participante 4: Então... lá na hora? eu assustei a pessoa lá na hora!

Participante 1: Na hora eu acho que...

Participante 4: Então...

Participante 2: Eu acho que na hora... cabe a gente não ficar dando muita explicação!

Participante 4: Então ..., mas eu fui com a SUVIS e tive que pedir para o pessoal ficar quieto...

Participante 1: Mas para você...

Participante 4: Gente...Calma! não fala aqui na portaria para todo mundo da inspeção...

Participante 3: fala que é inspeção!

Participante 2: é... falar que é uma inspeção...

Participante 4: mas... é que...

Participante 1: não, mas você tem que explicar o porquê da inspeção!

Participante 2: É...

Participante 4: Mas porquê?

Participante 1: Porque eu sou autoridade sanitária, não pode...

Participante 4: Então, você tem que ter essa malícia... e nem todos os técnicos tem! a que foi comigo, não tinha... era sem noção, entendeu? Então ela falando e o povo tudo assim... é... o povo tudo assim... falei: meu Deus! Pronto! agora vai vir o Datena aqui, entendeu? Pronto! Então... tem que tomar cuidado!

Participante 1: é tem que ser cauteloso...

Participante 4: Ainda mais numa região que é politizada, que é...

Participante 1: É, eles são mais chatos

Participante 4: É, então...

Participante 1: É, você tem razão!

Mediadora: E como vocês qualificam o conteúdo que foi dado nessas capacitações?

Participante 3: Ah! o conteúdo teórico foi ótimo!

Participante 4: Ótimo

Mediadora: Tem alguma coisa que vocês sentiram falta? Nesses conteúdos e que na prática vocês percebem que faltou?

Participante 3: Isso que eu falei...

Mediadora: Além disso? Tem mais alguma coisa?

Participante 4: Casos, apresentação de casos reais... porque a gente aprendeu o teórico do que é o programa, que pode ocasionar na saúde, mas a gente não teve casos reais que podem... né?

Participante 2: Ah! teve algumas capacitações que já apresentaram, mas já são mais antigas... dos casos que tiveram... as vezes, não é nem na nossa área, mas a gente...

Participante 4: No nosso caso qual foi o último?... a vila C. foi só foi aquele!...

Participante 2: Ah! é da área de vocês!

Participante 4: não, nem é... mas foi um só já aconteceu há muito tempo... não sei!

Participante 2: É... eu me espantei, por exemplo, do Vigisolo que a área que a gente tem a empresa não considerada contaminada! não apareceu lá em SM uma área contaminada!

Mediadora: E o terreno é contaminado?

Participante 2: Então... a gente faz o Vigisolo lá e não está dando contaminada, mas o solo é gente!

Participante 4: Uma indústria química? lógico que é!

Participante 2: E ela não aparece, achei estranho, não sei... não sei se independe também...

Participante 1: também... o que acontece...

Participante 2: Eu acho que a parte do ar não deve ser porque ela deve ter algum filtro...

Participante 1: As mudanças...

Participante 2: alguma coisa assim...

Participante 1: É... se ela segue a legislação... é... mas o que acontece em relação ao Vigisolo? a gente não deu toda a demanda para SUVIS!

Participante 2: Ah!!! entendi!

Participante 1: Os mais críticos ainda estão aqui... o que a gente repassou para SUVIS estar trabalhando, são as mudanças de uso... era uma empresa..., deixou de ser uma empresa e agora...

Participante 2: É... é... ela falou isso para gente! Ela ia dar os mais simples

Participante 1: Os básicos do básico... porque é difícil, é complexo...

Participante 2: É...

Participante 1: Não dá para você dar uma indústria... não que essa indústria não seja, que ela está sendo monitorada por aqui...

Participante 2: ah! tá! então é por isso que ela não aparece para gente

Participante 1: É...

Participante 2: Ah!! entendi

Participante 1: Porque a área contaminada... porque a gente... não...

Participante 2: Porque eu achei que ia aparecer, não para a gente trabalhar, entendeu? mas pelo menos ia aparecer para conhecer!

Participante 1: Ah! entendi! o entorno...

Participante 2: É! Ah! ali é uma área contaminada, mas não são vocês que vão trabalhar nisso.

Participante 1: Mas aí? o que acontece...

Participante 2: Ela não apareceu...

Participante 1: Não apareceu por causa que não entra nas áreas contaminadas...aquela indústria que já foi embora...

Participante 2: AH!!

Participante 1: E depois foi feita análise e se identificou que está contaminada.

Participante 2: Entendi!

Participante 1: Como ainda a indústria está lá!... deve fazer o monitoramento a CETESB, e a CETESB que manda para a gente a lista de todas as áreas contaminadas...

Participante 2: Tá!

Participante 1: Porque a gente não tem nem capacitação para pegar a terra e fazer a análise.

Participante 2: Aham!

Participante 1: Então é o estado que faz, o estado que manda ali... ela não está na lista do estado, mas ela está sendo monitorada pelo estado...

Participante 2: Ah! tá...

Participante 1: A partir do momento que... identifica-se que ela é contaminada, ela entra para a lista... e chega para gente..., mas ela não deixa de ser monitorada, quem faz esse monitoramento é o estado. Provavelmente o dia que ela for embora e tiver que fazer uma mudança de uso... deixar de ser industrial para ser residencial... aí vai ter que mudar a... toda a estrutura dela, aí... depois dessa mudança a gente vai precisar que a SUVIS vá lá... nesse contexto...

Participante 2: Ah!! tá!

Participante 1: Mudou! mas será que realmente é seguro?

Participante 2: ah! Tá!

Participante 1: Para se morar? era seguro no contexto de trabalho... agora para morar... será que... é essas

Participante 4: eu estou aqui pensando num segundo momento da capacitação... que a gente precisa ter essa informação: que foi todo muito... bacana! pensei em... já trabalhei com World café para trazer esses casos! que senta uma turminha em mesas... traz um problema, um caso real, se discute... depois você vai para outra mesa com outro caso e se discute... e depois faz uma apresentação para todo mundo falar a mesma língua. Eu acho bacana! porque aí a gente tem uma troca, porque senão a gente fica só... ouvindo, ouvindo... ouvindo... e não pode trazer algo real que já vivenciou na SUVIS

Participante 1: Uhum

Participante 3: Uhum...

Participante 4: Eu já participei em alguns momentos pelo PAVS e para mim foi bárbaro isso!

Participante 1: Faz a diferença!

Participante 4: Fez a diferença! problema é pensar na quantidade de técnicos que temos na COVISA como isso funcionaria, num treinamento... num world café, não sei...

Participante 3: É!... talvez fazer por regiões!

Participante 4: Por regiões! que aí é bárbaro! você vai passando, vai discutindo... não fica só ouvindo, ouvindo, ouvindo...que eu acho que tem um momento de ouvir, ouvir, ouvir, mas que também tem o momento da gente desabafar... e falar: E... se? e se? E se? entendeu?

Participante 3: Uhum!

Participante 1: É a hora que assimila né?

Mediadora: É pensar nas possibilidades né?

Participante 1: É...

Mediadora: Além das capacitações, que vocês passaram nesses dois últimos anos, e as anteriores que vocês até mencionaram... vocês acham que tem alguma coisa que a COVISA poderia fazer para aprimorar o trabalho de vocês?

Silêncio...

Participante 4: É... não sei... em que sentido? desculpa...

Mediadora: Se tem alguma coisa que na prática, as capacitações não deram conta, se tem alguma outra coisa, algum tipo de capacitação, de outro assunto, outro tipo de coisa que a COVISA poderia oferecer a vocês para aprimorar o trabalho?

Participante 4: Eu acho que a gente podia ter um espaço... para que os técnicos também colocassem sua demanda... tipo... não deixar na mão de ou Coordenadoria, ou da COVISA, mas que os técnicos pudessem lá colocar... Nossa! Estou sentindo a necessidade de... de fazer... a cada 2 meses, a cada 3 meses...

Participante 3: Ah! eu vejo que é... ultimamente a gente tem se encontrado muito menos, assim...

Participante 4: É... além do encontro... saber o que é necessidade de colocar temas... o que vocês estão querendo... aí o técnico vai lá e coloca! A gente está sentindo necessidade disso... para essa demanda chegar... porque nem sempre acontece!

Participante 5: O que falta... eu acho que vocês também devem ter percebido isso... falta a COVISA conhecer um pouco mais a SUVIS

Participante 3: Também!

Participante 5: A realidade da SUVIS

Participante 3: Também!

Participante 5: Porque, eu percebo é que a COVISA... o Vigiagua pega, manda a demanda em tal época... e aquela época é uma época que tá atolado, porque é a época da dengue que está em alta... daí falta esse conhecimento, essa conversa...

Participante 4: dessa proximidade

Participante 5: proximidade...

Participante 1: A gente fala separado, mas vocês fazem tudo ao mesmo tempo né?

Participante 5: é.. a impressão é que assim...o pessoal não tem noção... daquela demanda do Vigiagua, manda aquela demanda, mas...Cara! mas eu estou aqui!

Participante 4: Eu não faço só isso!

Participante 5: É... eu não faço só isso! Tem...

Participante 4: Dá um tempinho...

Participante 5: Você vai pegar um carro e vai fazer tal coisa! Mas... as vezes aquele carro vai ser usado para outras coisas...

Participante 3: Só tem aquele carro!

Participante 1: Agora gente ...não vamos usar mais carro... vamos usar taxi!

Participante 2: Agora é Uber!

Mediadora: Como vocês acham que isso poderia ser viabilizado? poderia se tornar real... isso que você está dizendo?

Participante 5: Bela pergunta!

risos

Mediadora: Se tem alguma proposta, vocês conseguem pensar em alguma coisa para conseguir viabilizar... Afinal, vocês estão lá na ponta né?

Participante 2: A única coisa que eu consigo pensar... é sair daqui e ir para o território ajudar a gente! é o que eu penso... é o que eu me deparei em práticas minhas...que a gente precisava!

Participante 5: Não! na verdade foi criado uma função... interlocução né?... que seria para fazer esse link.. né? da SUVIS, COVISA, STS...

Participante 2: Mas tem hora que a Coordenadoria não vai resolver! vai ter que vir do órgão central mesmo!

Participante 3: Eu acho que a coordenadoria acaba virando mais uma ponte para gente do que esse...pelo menos na Norte

Participante 1: Comissão técnica, conversa técnica...

Participante 2: Às vezes a Coordenadoria também não sabe!

Participante 3: Às vezes eu ligo direto para cá! Estou sendo sincera...

Participante 2: Eu também! Não sei se é certo

Participante 4: Eu também, mas as vezes...

Participante 5: Às vezes eu tenho até vontade de ligar para cá, mas as vezes até liga, mas...

Participante 2: Já liguei para o Vigiagua!

Participante 3: Ah! eu ligo também gente...desculpa, tá?!

risos

Participante 1: Na verdade...

Participante 2: Geralmente eu costumo ligar para a Coordenadoria, mas tem vezes que tem... vamos supor... a pessoa responsável lá na Coordenadoria não está... você não consegue falar com ela, ou ela não sabe também! eu ligo para o órgão central sim! Já liguei!

Pesquisadora: Deixa eu só perguntar uma coisa: A gente tem interlocutores no Vigiagua aqui, vocês entram em contato quando precisam? Seria interessante ter um interlocutor do Vigiar, do Vigiagua?

Participante 4: Sim!

Participante 2: Aí a gente já sabe o responsável, e com quem a gente já pode entrar em contato!

Participante 3: É!

Participante 4: Isso é muito importante!

Participante 1: Que nem o negócio da fumaça...

Participante 2: a gente já entraria em contato, igual ela... que teve esse problema, já entraria em contato direto com a pessoa... Aí a pessoa já ia informar para ela!

Participante 3: É porque eu entrei em contato e fiquei perguntando: Gente! eu tenho um caso assim... assim... assim... com quem eu posso falar?

Participante 2: Então, as vezes é uma pessoa que nem sabe né?

Participante 4: Ainda mais quando é uma coisa atípica né? não faz parte de uma rotina né?

Participante 1: É?

Mediadora: pareceu que você queria falar mais alguma coisa participante 5!

Participante 5: não... é o interlocutor acaba conhecendo um pouco mais da SUVIS né? da realidade da SUVIS, ou quem mais não sei...

risos,

Participante 3: nem eu!

Participante 2: Eu falo SUVIS

Risos

Participante 1: As vezes é estranho, né?

Mediadora: Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de colocar em relação as capacitações, em relação a tudo o que a gente conversou até aqui.

Participante: Eu acho que tem que ter momento... que nem assim... tem cursos que eu sinto necessidade...

Mediadora: O que por exemplo?

Participante: Não é da Vigi aqui... é da Zoo sanitária! eu preciso de ter... eu tenho necessidade e não tenho como pedir!

Participante 2: Já tiveram cursos de Zoo sanitária, mas são muito poucos...

Participante 4: muito poucos... perto da sanitária!

Participante 3: Sim

Participante 4: a Sanitária vive em momentos de treinamento por causa de legislação e nós da zoo sanitária, quem trabalha com a zoo sanitária não tem essa quantidade de treinamento...

Participante 2: Não!!!

Participante 4: E você se sente só no território...quando estoura a bomba: Porque você não fez? porque você não atuou, porque você não sei o que... então... e eu não tenho para quem falar o que eu preciso! inclusive eu até já falei, mas não surtiu efeito! a gente precisa de mais curso... pra quem? como? quem a gente poderia? onde seria um canal que a gente podia fazer uma solicitação de curso?

Participante 1: Para solicitar esse curso teria que ligar para o pessoal lá das Zoo sanitária do CCZ.

Participante 3: Quem?

Participante 2: Eu já fiz... e não achei que o curso foi bom! desculpa, mas não achei que foi bom!

Participante 5: É! só...

Participante 2: Por isso eu acho necessário eles saírem do órgão central e ir lá para...pro território para ajudar a gente! eu vou sempre vou falar isso!

Participante 1: Eu acho...

Participante 2: Eu sempre vou falar isso!

Participante 3: Eu estou há 8 anos na SUVIS, eu só vi uma visita do...

Participante 1: solo?

Participante 3: Não... do... da... eu só tive uma visita conjunta que foi... eu acho que um negócio de P.É.

Participante 1: Hum...

Participante 3: Em 8 anos de SUVIS!

Participante 4: Uma coisa que eu sinto falta, quando eu entrei... é... acho que o E. está tentando fazer isso... a proximidade de encontros...na verdade essa necessidade de interlocução, separou um pouco...

Participante 3: sim...

Participante 4: a SUVIS... a gente tinha muitos encontros dengue com todos...

Participante 3: é o que eu quis dizer àquela hora!...

Participante 4: A gente tinha encontros... sei lá! quase que semanal! mas que a gente tinha esses encontros e que funcionavam... porque a gente tinha trocas, a gente reclamava... queria matar o B.

Participante 1: É! coitado!

risos

Participante 4: Mas é brincando! estou falando assim... a gente queria né?... a demanda era grande, mas a gente era muito unido! era assim...

Participante 2: Era toda semana né?

Participante 4: Um técnico ajudava o outro, um técnico ajudava... e o que o E. vai tentar fazer é tentar voltar essa proximidade, porque a interlocução? vem aqui... COVISA...

Participante 1: Distancia!

Participante 4: Distanciou porquê?

Participante 2: Aí a gente está sem voz!

Participante 4: SUVIS, COVISA... é...

Participante 2: Eu acho que os técnicos estão sem voz!

Participante 4: O que eu senti... COVISA trouxe uma interlocução, trouxe...para receber a informação... aí a interlocução vai lá, repassa informação... e o técnico vai lá e faz...

Participante 2: E a gente faz!

Participante 4: a gente não consegue mais essa troca

Participante 2: e aí a gente faz

Participante 3: a gente não consegue estabelecer uma troca!

Participante 4: aí a gente não consegue expor!

Participante 2: já tem um tempinho que os técnicos estão bem... tarefeiros!...

Participante 3: E na realidade... quando...

Participante 1: Vocês são cabeças pensantes!

Participante 2: É!

Participante 3: e quando acontece um negócio desses!

Participante 1: Tem um pessoal tão bom em SUVIS!

Participante 3: Acaba naquele negócio que tinha antes... quando a gente se encontrava... ela falava: aconteceu... isso, isso e isso comigo! eu respondi de tal jeito! Eu falo nossa! mesmo!

Participante 2: Legal! porque aí você fala assim: Nossa! eu vou fazer isso lá! ah! eu fiz...

Participante 3: É... e hoje?

Participante 4: Ou... eu não vou fazer isso porque deu errado!

Participante 2: É!!

Participante 3: existia essa troca! E hoje como a F. está falando com a interlocução... e a... o ciclano está falando com a interlocução! eu não fico sabendo... o que... que...

Participante 1: O que está acontecendo

Participante 3: O que está acontecendo... então...

Participante 1: O que está dando certo!

Participante 3: O que poderia me ajudar ali... ai! nossa! Vamos fazer isso junto!

Participante 2: É aí a interlocução vai lá e fala: é assim, assim, assim, assim... essas coisas!

Participante 4: Essa conversa do E. que é o meu coordenador do AEDES, ele falou: eu vou tentar resgatar isso pelo menos com... com... a dengue, porque foi muito bom, os técnicos eram muito presentes e hoje a gente sente até uma... rivalidade entre os técnicos! eu não vou emprestar...

Participante 3: Sim!

Participante 4: A gente é era muito unido, as coisas funcionavam! vamos tentar ajudar! Pô! Caramba! ele fez isso, porque você não falou... hoje não! Os técnicos nem se conhecem muitas vezes!

Participante 3: É!

Participante 4: Lá a gente...

Pesquisadora: Então a interlocução não facilita as vezes? pioro?

Participante 3: Facilita... só que ela não...

Participante 1: não aproxima!...

Participante 3: A questão de facilitar? beleza! resolveu o meu problema! mas... pensando em uma coisa maior sabe? de uma coisa...

Participante 5: Quando eu disse de interlocução era dizer principalmente isso... de que talvez eles tenham sido criados para aproximar COVISA e SUVIS, na realidade, mas parece que isso não está acontecendo!

Participante 3: Porque eles diziam! Ah! a gente não está fazendo tantos encontros, pelo menos a minha interlocução... porque... vocês têm muito trabalho... é ruim ficar tirando vocês!

Participante 1: É essa visão!

Participante 2: Foi isso! Aí... o ano passado foi complicado né?

Participante 1: É...

Participante 4: Aí a gente vai voltar para aquela coisa de Sul... ou de Oeste... ou de norte... eu falo num momento que eu tive... que eram...

Participante 3: Não...quanto tempo a gente não vem aqui no décimo andar fazer uma discussão?

Participante 2: Nossa! tem um tempão!

Participante 4: Meu Deus!

Participante 3: Porque tinha muito antes...

Participante 2: É!!

Participante 3: mas... esse ano, por ter sido muito sossegado...

Participante 2: poderia ter sido um ano que poderia ter tido!

Participante 4: Podia ter tido!

Participante 2: Era propício!

Participante 3: Dava para a gente discutir muitas coisas!

Participante 1: Exatamente!

Participante 3: Dava para ter aproveitado essa calma para tentar mudar algumas coisas....

Participante 5: é... você tocou em uma coisa interessante! eu até comentei esses dias com um agente... falei... Caramba! agora que está sossegado... assim... não tem curso!

Participante 1: É...

Participante 2: É...

Risos

Participante 2: Aí quando tiver ... igual o ano passado que estava uma loucura!

Participante 5: É... uma loucura que você estava aqui, mas o seu celular estava lá "tram, tram"... e você lá em curso!

Participante 3: Ontem eu não acreditei! ontem à tarde na SUVIS...

Participante 1: Ontem estava um marasmo!

Participante 3: Não! eu estava lendo o... o manual de Culex e eu estava fazendo um resuminho...porque eu não tinha nada para fazer... Ah! deixa eu estudar! Sabe... e...

Nossa! Gente! podia tanto aproveitar esse tempo que a gente está ocioso, agora para fazer...

Participante 2: ainda mais que a gente não tem carro ne?

Participante 1: É...

Participante 3: De repente... chega em novembro... tem duzentas... uma atrás da outra...

Participante 1: Tudo de uma só vez...

Participante 3: É... uma coisa meio que...

Mediadora: Então, as capacitações, elas tinham que ser viabilizadas de acordo com o período do ano, é isso?

Participante 5: É!

Participante 2: Eu acho!

Participante 3: Sim!

Mediadora: elas geralmente se concentram no final?

Participante 2: E assim... e ter reuniões também... aí não seriam capacitações seriam reuniões né?

Participante 3: É!

Participante 2: Para a gente...

Participante 3: Para a gente falar!

Participante 2: Falar... para a gente ter voz, porque parece que a gente está sem voz! mas aí já...

Participante 4: Falo assim...

Mediadora: Mas reunião para vocês seria um espaço para dizer de vocês, do cotidiano de trabalho, dos problemas que vocês estão tendo... e para trocas, é isso?

Participante 3: é...eu acho até que com um norte, entendeu? pode começar a reunião com um norte, mas... abre um pouco para a gente...e sem... eu, eu não sei! eu, nas ultimas vezes que a gente veio, eu senti muito que a gente falava e retrucavam, a gente falava... e retrucava... tipo... escuta o que eu tenho para falar, sabe? eu senti muito...

Participante 2: Porque a gente é tarefeiro!

Participante 3: É... eu senti as vezes alguma resistência...

Participante 2: Entendeu? eu não posso reclamar, eu não posso falar nada...você faz lá e fica quieto...

Participante 3: é... e... isso incomoda...porque você para de falar... então, tá!

Participante 4: E você faz errado porque você não é escutado! ou você faz lá... se não me escutar... eu vou fazer do meu jeito!

Participante 1: É

Participante 4: Eu vivenciei isso!...

Participante 2: Porque não está querendo trabalhar em parceria né?...

Participante 4: Eu vou fazer como eu quero! do meu jeito!

Participante 3: É... a gente enxerga algumas decisões que estão sendo tomadas que a gente não concorda, e dá vontade de dizer: Gente! Não vai funcionar!

Participante 1: É...

Participante 3: Entendeu? mas já tomaram a decisão e a gente não tem o que fazer...

Mediadora: Então, vocês sentem que precisam de espaço, de um espaço para serem ouvidos, é isso?

Participante 3: É...

Mediadora: E serem ouvidos inclusive a respeito dos problemas que vocês têm no trabalho?

Participante 3: Isso! E ouvidos de peito aberto! não...
risos

Participante 4: que é normalmente isso o que acontece...né?

Mediadora: como assim?

Participante 2: A gente da Leste, a gente teve um problema... não queríamos trabalhar de sábado... aos sábados... e a gente meio que foi obrigada a trabalhar no sábado e aí... a gente foi conversar e explicar que não era um ano que estava bom para trabalhar todo sábado...

Participante 3: Se não tinha necessidade de trabalhar, vamos combinar?

Participante 2: Não tinha necessidade... então... que a gente poderia escolher alguns sábados, alguma coisa... aí a gente foi visto como pessoas que queriam criar um motim...

Participante 1: O sábado é extra?

Participante 2: O Sábado foi que ele pagava cento e vinte...

Participante 3: Cento e vinte reais! menos que um dia de semana nosso!

Participante 2: Que não dava um dia de semana nosso, de técnico...

Participante 3: e a gente recebe a mesma coisa que os agentes de zoonoses...

Participante 1: entendi...

Participante 3: trabalhando no sábado...

Participante 2: aí a gente pediu para que pelo menos em emendas de feriado não trabalhasse... ou alguns sábados a gente trabalhasse... poucos... não todos aqueles... porque a gente não estava mais em ano epidêmico... se tivesse, acho que

compensava! e aí a gente foi explicar e falar... e aí a gente foi visto como rebeldes, entendeu? então...que a gente estava querendo acuar...

Participante 1: Vocês estavam até querendo economizar né?

Participante 2: não era isso, a gente estava querendo ter voz! era só isso que a gente estava querendo!

Participante 3: É! ... a gente dizia... não tem necessidade de vocês gastarem esse dinheiro

Participante 1: estrategicamente...

Participante 4: É! podia pegar esse dinheiro e gastar em outra coisa!

Participante 1: Esse dinheiro pode ser usado para outro fim... depois quando for necessário volta...

Participante 4: Sim!

Participante 3: É! os agentes estão fazendo casa a casa sábado!

Participante 1: Totalmente ilógico!

Participante 3: porque não tinha o que fazer...

Participante 2: não! a gente estava fazendo casa a casa!

Participante 4: Eu acredito na... nessa conversa pode ser essa proximidade... é... eu sei que quantidade de Vigis são grandes, mas esta separação...não ajuda... eu acho que prejudica em alguns momentos... ainda mais nesses momentos de conversa, de capacitação... da gente repensar né? o que eu percebi... é isso! O que eu acho que o E. está tentando fazer é voltar essa aproximação, esses grupos de trabalho, para a gente poder ter esses momentos de troca... de...

Participante 3: a gente só tem...uma troca porque a gente tem um grupo de WhatsApp!

risos

Participante 2: É...

Participante 4: Mas que não...

Participante 3: dos técnicos da SUVIS...

Mediadora: Mas você diz... a separação, no território mesmo? em regiões?

Participante 4: Em regiões! A gente antigamente não era assim... era um encontro de todas as regiões... e a gente...

Participante 2: É... agora... tem os encontros..., mas tem dá, dá... Leste...tem um encontro da Leste e uma reunião mensal! da Leste.

Participante 3: É... da Norte, nem mensal tem!

Participante 2: A gente tem! mas é assim... muito cobrado, é mais cobrado do que ser uma troca! E... aí não tem mais uma reunião geral... de ver ela... de ver ela... não tem como ter! porque eu sou da Leste... ela é da Oeste, ela da Norte! ela da Sul...

Participante 4: E era de aprendizado...que nem ela falou: era feito umas exposições... Ah! eu fui fazer uma NEP, numa escola e teve um caso que teve uma contaminação! e todo mundo ouviu aquela história!! E falou: Caramba! então, na minha cabeça... eu nunca vou fazer... ou vou ter muito cuidado em fazer em escola... foi uma troca! foi um aprendizado! E que você falou! acabou que fala o técnico, falando só com a interlocução e o restante não ficou sabendo!

Participante 3: É! as vezes a minha dúvida é as vezes a mesma que a sua...e mesma que a sua... Falta essa proximidade!

Mediadora: Para gente finalizar, tem mais alguma coisa que vocês gostariam de acrescentar, que vocês acham que a gente deixou de abordar nesta conversa e que para vocês ocorre que seria importante colocar a fim dessa pesquisa... e que poderia inclusive agregar posteriormente ao trabalho de vocês?

Participante 1: não sei... acho que a gente já falou tanto...

risos...

Mediadora: é que vocês têm muito a contribuir, né?

Pesquisadora 1: É...

Participante 3: Acho que não sei... acho que não, acho que já falei...

Participante 2: Também acho que já falei...

risos.

Mediadora: A gente queria agradecer... Você quer falar alguma coisa?

Participante 5: não!

Participante 2: Você falou tão pouco no meio de tanta mulher...

risos

Participante 5: Não! não... é que na verdade... é... elas acabaram contemplando o que eu já ia falar...

Participante 2: porque assim... eu acho que a realidade dos técnicos...

Participante 1: É igual!

Participante 2: Independente de que SUVIS você esteja

Participante 1: É...

Participante 2: Ela é igual!

Participante 5: E assim, eu penso... falando de mim... eu acho que falar por falar é ruim...

Participante 1: Claro, se já foi contemplado!

Participante 5: É... risos

Mediadora: Então, a gente queria agradecer... primeiro a disposição, de novo de vocês terem vindo... é... a gente espera que este espaço tenha sido um espaço para vocês serem ouvidos e que as próximas capacitações que a SUVIS vier a propor... é... esses possam contemplar, inclusive estas indicações que vocês trouxeram de ter prática... de ter espaço para vocês trocarem, enfim... E qualquer coisa, acredito que a L. enquanto pesquisadora está à disposição...

Participante 5: só uma coisa...que foge um pouco daqui... aquele ciclo de atualizações de zoonoses que tem...

Participante 2: na Saúde Pública?

Participante 5: Não é ampliado para a vigilância? eu não entendo...

Participante 3: Como assim?

Participante 2: é...

Participante 5: Eu vejo, cursos... palestras relacionadas... tudo bem...

Participante 2: Ah! mas eu achei tão interessante! principalmente febre amarela!

Participante 5: Não! eu sei! estou falando...

Participante 4: É... o que ele está falando é que está só entrando só vigilância ambiental, né?

Participante 5: Não contempla...

Participante 2: Ah! tá!!

Participante 5: Não contempla...

Participante 2: As Vigis!

Participante 5: As Vigis... Vigagua... Vigisolo...

Participante 2: Ah! entendi! só fica em relação a...

Participante 1: As zoonoses...

Participante 2: Ah! a zoonose!

Participante 5: Tá... tudo bem! que o nome até é esse para zoonoses ...

Pesquisadora: É... eu nem sabia dessa!

Participante 2: A gente também não!

Participante 4: Toda última quarta feira do mês tem!

Participante 5: É...

Participante 4: Sempre vai um... as vezes vai alguém do CCZ..., mas vai muita gente de fora...

Pesquisadora: e vocês ficam discutindo?

Participante 2: não! é palestra!

Participante 5: É uma palestra expositiva mesmo... e no final que é as perguntas...

Participante 4: é lá na Saúde Pública!

Participante 3: no auditório não!

Participante 4: É uma parceria da Saúde Pública com a CCZ!

Participante 2: é!

Participante 4: tem um técnico do CCZ que é responsável...

Participante 5: É! E no final tem as dúvidas...você pode perguntar uma dúvida pessoal... que aconteceu na sua SUVIS! os agentes de zoonoses também vão...

Participante 1: pode participar?

Participante 5: Pode participar! Pode perguntar!

Participante 2: Na verdade ela é aberta para qualquer pessoa!

Participante 5: Aham!

Participante 2: e no final, é a gente que acaba tendo acesso a isso...

Participante 4: É, porque a informação chega...

Participante 2: é! fica no site da Saúde Pública, entendeu?

Participante 5: Acho interessante!

Pesquisadora: talvez a gente faça um contato...

Participante 4: Pode levar os Vigis, ia ser legal!

Participante 1: É...

Participante 3: É... ia ser uma boa...

Participante 4: Porque não... como vai bastante da parte da prefeitura, mas vai alunos lá da faculdade...

Participante 2: tem!

Participante 3: pesquisadores...

Participante 5: tem Vigis que até é... zoonose de outros municípios até...

Participante 4: Outros municípios vão lá...

Participante 5: É! e aparece uma dúvida deles que... de repente pode ser...

Participante 2: Pode ser nossa... porque a nossa! só por Deus! o tamanho dessa cidade...

Participante 4: Como é o nome do responsável do CCZ?

Participante 5: L?

Participante: é... o...

Participante 2: G!

Participante 4: Ele é responsável do CCZ por organizar palestras... tã, tã tã....com...

Participante 1: É que na SUVIS Ambiental acabaram dividindo as suas coisas...aqui a zoonoses, a que está na epidemiologia e na CCZ...

Participante 2: Ah! Tá!

Participante 1: Então as coisas que acontecem não está... é... sob a nossa governabilidade, então as vezes a gente não sabe! mas legal isso! é bom a gente saber para tentar fazer essa integração!

Pesquisadora: acho que a gente teria que batalhar lá na Saúde Pública

Participante 4: É... para fazer um mesmo modelo!

Pesquisadora: pelo menos uma vez por mês...né?

Participante 3: Ou pedir um espaço né? se vocês têm uma relação boa...

Participante 1: Ou até pelo que vocês estão falando... e der certo... legal! porque não né?

Pesquisadora: Ou fazer aqui mesmo!

Participante 2: Também!

Participante 1: É! o mesmo perfil, né?

Participante 4: Eles filmam...

Participante 2: É ao vivo...

Participante 4: E depois divulgam, colocam no site do...

Participante 1: que legal!

Participante 4: no site da Saúde Pública!

Participante 1: Vou tentar assistir depois então!

Participante 2: É então! no site... quando está na semana para acontecer... aparece lá!

Participante 5: Alguns cursos, não são todos, mas alguns cursos quem tem dificuldade... eles dão o material dos slides... né? para alguns que tem essa dificuldade. Uma apresentação...

Participante 2: Quando eu entrei! ela era ao vivo e depois eu tentei entrar de novo e ela já não estava lá disponibilizada! foi a da febre amarela mesmo.

Participante 5: Não! eu estou falando os cursos aqui!

Participante 2: Ah! tá! aqui ficam na internet!

Participante 3: Entendi!

Participante 4: Tem alguns técnicos que vão lá para dar aula, para palestrar... só que aí, eles seguram e falam que não vão disponibilizar a palestra! tem alguns...

Pesquisadora: é... Tem uns professores...

Mediadora: que não vão disponibilizar o material para vocês!

Participante 4: É... isso que é uma capacitação!

Participante 5: É... as vezes a gente quer repassar para algum agente...

Pesquisadora: As nossas capacitações quase todas estão lá...

Participante 2: É... está!

Participante 4: Mas tem alguns que não disponibilizam... falam... nós não vamos disponibilizar!

Participante 3: É legal

Participante 4: é legal... acho acrescentar nessa capacitação... isso, material para a gente poder replicar! e eu falo em depois de capacitação deveria ter POPS... deveria sentar o técnico, responsável pelo programa e fazer POPS do procedimento... do checklist...

Participante 1: Um checklist

Participante 4: da prática... isso a gente sente falta... a gente se perde... porque, vai se repassando de um técnico para o outro? você se perde! se fala: Caramba! tinha que fazer isso! Deveria ter esses POPS disponibilizado na intranet da COVISA.

Mediadora: O que é POPS?

Participante 1: Procedimento Operacional padrão!

Participante 4: É um Manual

Participante 1: É a normatização...

Participante 2: é tipo uma receita!

Participante 1: Um checklist

Participante 4: Vigiaqua... olha... você...

Participante 3: Para mim isso é muito essencial!

Participante 4: Para mim também! Você pega lá... olha... o Vigiaqua... você tem que coletar em tal coisa, você coleta só... somente assim... isso é bárbaro! Você... qualquer pessoa que ler vai conseguir fazer!

Participante 3: Casos que se encaixam no Vigiar: Tal, tal, tal...

Participante 1: O que fazer?

Participante 3: O que fazer? tal, tal, tal...

Participante 2: É...

Mediadora: Um Manualzinho

Participante 4: Um Manual... Eles chamam de POP. Ah! a gente disponibilizou um manual! do ministério... 200 páginas!

Participante 1: É... isso é complicado!

Participante 4: Você acha que técnico vai ler 200 páginas?

Participante 3: Tem histórico... literatura...

Participante 5: É...

Participante 2: Ah! mas, por exemplo, dá... dengue... lá eles têm um supervisor de campo, do Ministério...que é de 2002 e a gente não tem supervisor...

Participante 4: Esse POP

Participante 2: Então é outra realidade!

Participante 4: Esse POP a gente pensa em coisas assim... com 3...no máximo ... de 1 página, 2 páginas ou 3 páginas... é algo mais sucinto...

Participante 3: Resumido...

Participante 4: Mas que você consegue...

Participante 1: entender!

Participante 4: Entender. No laboratório...

Pesquisadora 1: um protocolo...

Participante 4: O que fazer? isso aí é bem legal! A gente está tentando fazer... na verdade a gente já começou a fazer na Oeste para todos os...

Participante 2: Ahh!

Participante 1: Para padronizar!

Participante 2: Padronizar... inclusive a gente fez o da Vigiaqua também!

Participante 1: Que aí... uma SUVIS faz uma coisa... outra SUVIS faz outra...

Participante 2: A gente também está... a gente agora também está fazendo isso, as coisas mais ou menos parecidas...

Participante 4: Porque tem um manual? tem! 200 páginas... técnico não tem tempo para ler 200 páginas...

Participante 2: Ah! a gente não consegue!

Participante 4: Então esse POP...

Participante 2: A gente está lendo... entra um agente lá...

Participante 4: É muito legal!

Participante 3: Eu tive um treinamento de Culex em janeiro... eu fui ler agora! ontem!

Participante 2: E você teve um tempinho ainda né?

risos!

Participante 4: se tivesse... Ah! pô! Culex! córrego... tem que fazer isso...

Participante 3: Exatamente!

Participante 4: Ahh!!! então não tem como né? mudar o processo de trabalho!

Participante 1: Não pode falar... ahhh! mas eu fiz outra coisa! não, estava ali... o padrão é esse... a norma é essa... a regra é essa!

Participante 4: ah! isso é bem legal eu acho... a enfermagem usa muito!

Participante 1: Usa muito! Agora estão fazendo aqui também...

Participante 4: É?

Participante 1: Os POPs da COVISA. Tem uma coisa... claro que não tem aquela coisa de você entender o conteúdo tudo, mas pelo menos no momento de prática... ele é muito útil, né?

Participante 4: O Ministério Público cobrou, na... da COVISA... os agentes falavam: A gente não tem capacitação!

risos

Participante 1: Vão fazer do Vigiar... do programa sentinela?

Participante 4: A gente não fez ainda, porque a gente ainda não entendeu tudo!

Participante: a gente fez do Vigiaqua!

Participante 1: A gente podia fazer juntos!

Participante 4: A gente fez do Vigiaqua e ficou bem legal! bem...

Pesquisadora: Queremos ver!

Participante 4: Quer? a gente manda! Ai depois, inclusive se tiver alguma mudança... as vezes a gente erra! a gente pediu autorização para J. a C. falou... J.! Quer mandar para os técnicos para eles se respaldarem? Aí ela falou: Não! cada região faz o seu! porque a gente achou que era importante CCZ verificar.... todos os técnicos do programa ver! se a gente tinha comido bola em alguma coisa..., mas não precisava...

Mediadora: Mas então... a gente vai terminando... mais uma vez, obrigada pela disposição e por tudo que vocês puderam agregar aqui... eu tenho certeza que será um ótimo material e a gente espera que vocês tenham um retorno inclusive através do mestrado da L... Como ela disse... a proposta do mestrado profissional é justamente essa né? incrementar o profissional que está dentro do serviço a

melhorar a prática dele. Então a gente espera mesmo, que com essa pesquisa vocês possam ser ouvidos, e possam ter a prática incrementada, obrigada viu?

Participante 4: A gente que agradece! Na verdade assim... na verdade a gente acabou desabafando, mas a gente está aqui para contribuir... em nenhum momento é...

risos

Participante 1: Não é que a gente está contra, nem nada

Participante 3: chegou uma hora que eu me senti até mal... Nossa! eu só estou reclamando!

Participante 2: não!!

Participante 5: Não!!

Mediadora: Mas é exatamente um espaço para se ouvirem e serem ouvidos, mesmo né?

Participante 1: É!

Mediadora: Porque não adianta...Acho que a ideia da L. foi exatamente essa: Não adianta fazer proposta de uma capacitação e ela não fazer sentido para vocês! Que estão lá na ponta... que estão lá na SUVIS né? Porque uma coisa é quem está de cima, olhando... e outra coisa é o que realmente vocês estão vivendo, né? Então este espaço era justamente para isso né? Para serem ouvidos e como "caiu" para vocês essas capacitações e o que poderia ser melhorado... o que poderia continuar e aquilo que podia ser acrescentado!

Pesquisadora: Foi muito bom! Eu agradeço bastante... e assim, tenho certeza que as próximas capacitações, a gente vai fazer de outro jeito! né? Porque tem maneiras de fazer...

Participante 1: Esse Feedback de vocês ajuda muito!

Participante 2: É! Então...

Pesquisadora: Para nós é muito importante...